

EBER LUIS CAPISTRANO MARTINS

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS DA CLASSE MÉDIA
PARA O EMPREENDEDORISMO**

**(Um estudo com egressos do Instituto Euvaldo Lodi
em Cuiabá, Mato Grosso)**

Cuiabá-MT / 2003

EBER LUIS CAPISTRANO MARTINS

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS DA CLASSE MÉDIA
PARA O EMPREENDEDORISMO**

**(Um estudo com egressos do Instituto Euvaldo Lodi
em Cuiabá, Mato Grosso)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação (Área de concentração: Educação, Cultura e Sociedade – Linha de Pesquisa : Movimentos Sociais, Política e Educação Popular) sob a orientação do Prof. Dr Manoel Francisco de Vasconcelos Motta.

Cuiabá-MT / 2003

Ficha Catalográfica

Martins, Eber Luis Capistrano

A Educação de Jovens da Classe Média para o Empreendedorismo . (Um estudo com egressos do Instituto Euvaldo Lodi em Cuiabá, Mato Grosso)/ Eber Luis Capistrano
Martins – Cuiabá : UFMT/IE, 2003.

IX, 113p.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação (Área de Concentração : Educação, Cultura e Sociedade; Linha de Pesquisa : Movimentos Sociais, Política e Educação Popular), sob a orientação do Professor Doutor Manoel Francisco de Vasconcelos Motta.

Bibliografia.

1.Educação para o Trabalho. 2. Jovens da Classe Média. 3. Empreendedorismo

.....
.....

DEDICO :

Aos meus pais Moisés e Maria, como reconhecimento pelos esforços em encaminhar seu filho pelos caminhos do saber, dando exemplo, incentivando e possibilitando uma educação voltada a formação do ser.

À minha esposa Denise e minha filhinha Amanda, pelo carinho, pelo amor, pelo apoio constante que oferecem em meu viver.

Aos meus irmãos Ellen Regina e Ely Esteves.

In memoriam a Carlos Roberto.

AGRADECIMENTOS

Muitos são aqueles que me incentivaram nesse desafio. Muitos são os que oraram por mim e me deram a luz. Obrigado, Senhor.

Agradeço especialmente ao professor doutor Manoel Francisco de Vasconcelos Motta, meu orientador, camarada marxista, decidido em apoiar este economista-educador em novos desafios no campo da educação; pela visão que eu poderia contribuir para o grupo de pesquisa Educação, Jovens e Democracia do PPGE/IE/UFMT.

À professora doutora Eugênia Coelho Paredes e ao professor doutor Antônio Carlos de Nascimento Osório, pelas importantes e valiosas sugestões.

Aos professores doutores Maria Aparecida Morgado, Maria Lúcia Muller, Artemis Torres, Antônio Máximo e Michele Sato, pelo conhecimento transmitido e pela formação da consciência de ser pesquisador. Ao professor doutor Dario de Oliveira Lima Filho; obrigado pelo seu exemplo e incentivo à pesquisa.

Aos colegas; sou grato pelos seus conselhos e pelos relacionamentos conquistados.

Aos jovens empreendedores que aceitaram participar dessa pesquisa, possibilitando o conhecimento de algo muito particular, sua trajetória de vida.

Ao IEL-Instituto Euvaldo Lodi por ter possibilitado desenvolver o tema empreendedorismo em Mato Grosso, por acreditar na minha experiência e confiança profissional e no uso científico das suas informações.

Sinceramente, obrigado à todos.

RESUMO

O presente estudo trata sobre a educação de jovens empreendedores da classe média, analisando as contribuições da família, da escola e do IEL-Instituto Euvaldo Lodi no estímulo pró-empresariado. Estuda o empresariado e o ressurgimento de ideais liberais de livre iniciativa e geração do auto-emprego no contexto da juventude desta camada social, estabelecendo relações com o cenário neoliberal que se apresenta na sociedade capitalista contemporânea. Compreende o empresariado como um movimento da sociedade que vem ganhando espaço no Brasil a partir da década de 90, caracterizado por incentivar a inovação e o desenvolvimento da comunidade pelo estímulo a pró-atividade, a realização pessoal, a liberdade de ação e a realização do trabalho com prazer. Para regionalizar esta problemática o estudo analisa versões de 16 jovens empreendedores egressos do IEL- Instituto Euvaldo Lodi, através de seu núcleo regional em Cuiabá-MT, identificando quais aspectos influenciaram suas trajetórias de vida para o negócio. Esta instituição representa os interesses de dirigentes empresariais do país, estimulando o empresariado como valor político-pedagógico. Utiliza entrevistas temáticas, caracterizando sujeitos e suas falas sobre o papel da família e da educação escolar, e do IEL em sua formação para o empresariado. Sinaliza que a educação escolar formal tem dado pouca atenção a este movimento, que cresce em decorrência das exigências impostas no atual contexto do mundo do trabalho. Os jovens empreendedores entrevistados valorizam a educação e o conhecimento, caracterizando um novo tipo de empreendedor, ou seja, aquele ungido de diploma superior que busca o saber sob diversas formas para sua aplicação utilitarista. Evidenciamos que este jovem é conduzido a aceitação de valores empreendedores por sua proximidade desde cedo com este mundo dos negócios, onde a convivência, os relacionamentos, a prática, são originários em geral da sua cultura familiar. Compreende ainda interesses familiares envolvidos no direcionamento do jovem para o mundo empresarial, trazendo ao mesmo gostos e vocações para a atividade empreendedora, visando estimular a sua reprodução e ascensão social. Esse jovem empreendedor egresso do IEL entende que seu papel na sociedade é importante, a ponto de dedicar-se intensamente ao trabalho. Para ele, ser empreendedor é poder realizar, poder decidir seu futuro, ser capaz de enfrentar os desafios com coragem e determinação. Ressalta que sua formação para o empresariado deve-se muito mais a influência familiar e ao aprendizado em instituições ofertadoras de formação complementar do tipo utilitarista, tal como o IEL, do que propriamente dito na sua formação escolar clássica, tanto do ensino médio como superior, ou ainda, por outros estímulos ou valores recebidos de instituições sociais como a igreja e organizações políticas.

Palavras-Chaves : Educação, Empresariado, Jovens da Classe Média

ABSTRACT

The study herein deals with the education of young medium class entrepreneurs, analysing the contribution from the family, schools and from the Instituto Euvaldo Lodi in the pro entrepreneurship stimulus. It studies entrepreneurship and the renaissance of liberal ideas of free initiative and generation of self-employment in the context of youngsters of that social class, establishing liaisons with the neo liberal scenario, present in the contemporaneous capitalist society. It comprehends entrepreneurship as a societal movement that has been gaining room space in Brazil since the 90s, characterized by the encouragement of innovation and the development of community via the spur to pro activeness, personal achievement, the freedom of action and the execution of work with pleasure. In order to regionalize this issue, the study analyses the version of 16 young entrepreneurs from IEL – Instituto Euvaldo Lodi, through its regional branch in Cuiabá-MT, identifying which aspects influenced their life trajectory for business. This institution represents the interests of business managers in the country, encouraging entrepreneurship as a political-pedagogical value. It uses interviews, depicting subjects and their words on the role of the family and school education, and of the IEL in their formation for entrepreneurship. It signals that formal schooling has given little attention to this movement, that grows as consequence of the demands imposed in the current world's labor context. The young entrepreneur interviewed valorize education and knowledge, typifying a new kind of entrepreneur, that is, the one embedded with a college degree seeking knowledge under several forms for its expedient application. We detected that this youngster is conducted by the acceptance of entrepreneurs values and early proximity with the world of business, where socialization, relationships and practice are originated, in general, from his family culture. Furthermore, it comprehends family interests involved in the guidance of young people to the business world, taking along same tastes and vocations for entrepreneurial activity, aiming to encourage their reproduction and their social ascendance. This young entrepreneur from IEL understands that his role in society is important, to the point of intense dedication to work. For him, to be an entrepreneur means being able to accomplish, to decide his future, being capable of facing challenges with courage and determination. He points out that his entrepreneurship formation is much more related to family influence and to institutions that offer supplementary formation of utilitarist type such as IEL, than to his classic schooling formation, either at the elementary or upper levels, or yet, by other incentives or values received from social institutions such as church and political organizations.

Keywords : Education, Entrepreneurship, Medium Class Youngsters

SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas	i
Lista de Anexo	ii
Lista de Quadros	iii
INTRODUÇÃO	1
PARTE I EDUCAÇÃO, TRABALHO E EMPREENDEDORISMO	9
Capítulo 1 FORMAÇÃO E TRABALHO	10
1.1 A relação homem e trabalho	10
1.2 O mundo do trabalho e o contexto neoliberal	14
Capítulo 2 EDUCAÇÃO, EMPREENDEDORISMO e EMPREENDEDORES	19
2.1 Sociedade e Empreendedorismo	19
2.2 Contexto de desenvolvimento do empreendedor de negócios	22
2.3 Estratégias educacionais pró-empreendedorismo	28
Capítulo 3 EDUCAÇÃO, EMPREENDEDORISMO e FAMÍLIA	34
3.1 A importância da família na formação pró-empreendedorismo	34
3.2 A família e a formação de valores	35
3.3 Famílias da classe média e empreendedorismo	37
3.4 Estratégias de famílias de empresários para inserção do jovem no mundo do trabalho	39

PARTE II JOVEM EMPREENDEDOR DA CLASSE MÉDIA	47
Capítulo 4 O JOVEM EMPREENDEDOR EGRESSO DO IEL	48
4.1 - Aspectos Metodológicos	48
4.2 - Características gerais dos Jovens Egressos do IEL	52
4.3 - Influências na sua formação para o empreendedorismo	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXO	108

LISTA DE ABREVIATURAS

- EUA – Estados Unidos da América
- FHC – Fernando Henrique Cardoso
- GO – Goiás
- ICE – Instituto Cuiabano de Educação
- IEL – Instituto Euvaldo Lodi
- IES – Instituição de Ensino Superior
- MG – Minas Gerais
- MS – Mato Grosso do Sul
- MT – Mato Grosso
- ONG – Organização não governamental
- PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
- PR - Paraná
- PT – Partido dos Trabalhadores
- RS – Rio Grande do Sul
- SC – Santa Catarina
- UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso
- UNIC – Universidade de Cuiabá
- UFF – Universidade Federal Fluminense

LISTA DE ANEXO

Anexo A – Roteiro de Entrevista Individual

p.112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sexo, Idade, Estado Civil e Cidade de Nascimento	p.52
Quadro 2 – Caracterização da Atividade Empresarial dos Entrevistados	p.53
Quadro 3 – Origem Familiar, Religião, Partido Político e Preferência Eleitoral	p.54
Quadro 4 – Escolarização : Ensino Fundamental, Médio, Superior e Formação Complementar	p.55

INTRODUÇÃO

A compreensão sobre a formação do jovem empreendedor, analisando sua relação com as transformações do mundo do trabalho e o movimento da classe média em buscar a reprodução e ascensão social via empreendedorismo, nos levaram a realizar este presente estudo.

Alguns jovens pertencentes à classe média vem, nos últimos tempos, captando ideais liberais que valorizam a livre-iniciativa, a autonomia em sua realização pessoal e profissional; características tidas como originárias da cultura empreendedora na sociedade. O fato de existir uma maior preocupação dessa juventude da classe média em sua formação voltada ao trabalho, na modalidade empreendedora, pode ser explicado por influências históricas que contribuem em sua camada social, objetivando uma intenção de reprodução e ascensão social compatível às aspirações familiares. Esta camada social vem investindo em educação do tipo utilitarista como uma maneira de enfrentar as mudanças que vem ocorrendo no mundo do trabalho, particularmente, no que se refere a formação dos jovens.

Para entender esta problemática o presente estudo trata sobre influências na formação de jovens empreendedores de Cuiabá-MT, egressos de cursos de empreendedorismo desenvolvidos pelo IEL _ Instituto Euvaldo Lodi, um agente nacional de fomento ao empreendedorismo, vinculado às Federações de Indústrias. Através de seus programas de capacitação empreendedora, o IEL vem conseguindo agregar jovens da classe média interessados neste mundo empresarial. Criado em 1969, atuando em quase todo país, o IEL tem sua sede nacional em Brasília, e seu núcleo regional de Mato Grosso, situado em Cuiabá, desde 1978.

Escolhemos trabalhar com egressos de cursos de empreendedorismo pelo IEL, por ser uma instituição com missão e tradição regional nessa temática, e pela proximidade deste pesquisador, que atua na coordenação de seus programas de empreendedorismo.

O estudo analisa jovens empreendedores egressos do IEL, assim como suas falas quanto a importância da família, da escola, do IEL em seu processo de formação para o empreendedorismo.

Para compreender o jovem empreendedor da classe média de Cuiabá-MT que participou de cursos de empreendedorismo pelo IEL, e as influências familiar, escolar e cultural na sua formação para o mundo empresarial, procuramos inicialmente esclarecer como os trabalhamos alguns conceitos neste estudo, particularmente, o conceito de jovem, de empreendedor e o conceito de classe média.

a) O conceito de jovem

Para Carrano (2000), a delimitação de um conceito de jovem com base em apenas critérios biológicos como idade, pode ser distorcido se considerarmos a realidade do mundo contemporâneo. A referência ao jovem, hoje, precisa levar em consideração a heterogênea realidade das sociedades complexas.

A ambigüidade e a indefinição sobre o conceito de jovem são algumas das características dessa situação de complexidade. As estatísticas oficiais convencionalmente consideram como jovem os que superaram a idade de obrigação escolar e os que ainda não conseguiram encontrar colocação no mercado de trabalho. Entretanto, se tal critério pode fixar a porta de entrada oficial na condição social de jovem, a superação de certos limites de idade e a colocação garantida no mercado de trabalho não asseguram necessariamente o ingresso naquilo que é considerado como vida adulta (CARRANO,2000,p. 15).

Na percepção de Minayo (1999), os limites de idade para se definirem a juventude são variados, pois dependem de parâmetros socioculturais diferenciados. Essa autora, considerando a juventude como um processo, aponta que :

Para se entenderem os processos sociais em que os jovens se envolvem, é necessário recorrer à forma como expressam seus comportamentos, questões, opções de vida, esperanças e desesperanças. As condições econômicas, políticas e sociais determinam características peculiares para se entenderem não só os comportamentos individuais, mas especialmente os processos sociais em que os jovens estão envolvidos. A história, a tradição e a cultura contribuem para a expressão de seus valores (MINAYO,1999,p.12).

Segundo Carrano (2000), a questão de ser jovem é também uma auto-percepção de estilo de vida. O comportamento social e a imagem vinculada a juventude é uma forma de inserção ao mundo do trabalho competitivo.

Algumas atitudes (no consumo, no tempo de lazer, na vida privada) fazem emergir a tendência e a possibilidade da fruição de certas prerrogativas atribuídas às jovens gerações (hedonismo, vitalidade, expressividade, indefinição nas escolhas), independente da situação profissional e / ou de idade . A juventude transformada em símbolo (evocação do anticonformismo, transgressão, procura do risco e do prazer, onipotência) é também um estilo que ultrapassa as definições de idade (CARRANO,2000,p.15).

Observamos que em várias situações as limítrofes do conceito de juventude tem variado em sua maneira de entender os problemas dentro da moderna sociedade contemporânea.

A revista *Movimento (Universidade Federal Fluminense- maio de 2000)*, apresenta um artigo de Marcio Pochmann analisando o “*Emprego e desemprego juvenil no Brasil*”, onde este afirma que não existe parâmetros internacionais para a definição de jovem; havendo países que definem como jovem aqueles com idade entre 14 e 29, tal como a Itália.

Em reportagem de capa da revista alemã *Deutschland* (agosto/setembro 2002), o tema “*Juventude 2002 - entre a globalização e a sorte na vida privada*”, discute o momento atual de pressão na juventude, analisando histórias de jovens na faixa etária entre 16 e 29 anos.

Também o mundo empreendedor, em alguns momentos, tem assumido o conceito de jovem o qual ultrapassa aquela categoria etária comumente percebida em estudos da juventude. A exemplo, a conceituada *Harvard Business Review* (volume 80,n. 12, 2002), apresenta o artigo “*Jovens e Imaturos*”, analisando experiências de jovens executivos e empreendedores com idades variando dos 25 aos 36 anos.

É importante destacar que tem crescido a atenção dirigida aos jovens nos últimos anos no Brasil, afirma Helena Abramo (1997), ao revelar que :

Só recentemente tem ganhado certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação (ABRAMO,1997,p. 25).

Este avanço na preocupação em ouvir os jovens reflete uma capacidade de gerar uma compreensão mais ampla e aprofundada das questões que o envolvem na sociedade. Abramo (1997) , cita como exemplo, o desinteresse do jovem pela política.

A maior parte dos atores políticos queixa-se da distância que os jovens têm demonstrado para com as suas proposições, bandeiras e formas de atuação.(...) Essa preocupação vem acompanhada de um diagnóstico que identifica nos jovens um desinteresse pela política e de um modo mais geral pelas questões sociais, como resultado da acentuação do individualismo e do pragmatismo que se afirmam como tendências sociais crescentes, tornando-os “pré-políticos” ou quase que inevitavelmente “a-políticos” (ABRAMO,1997,p. 27).

A questão de se ouvir mais os jovens, parece um desafio a ser ainda explorado nos estudos temáticos, defende Abramo (1997).

Parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa aos jovens tanto no plano da sua tematização como das ações a eles dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos (...) e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los (ABRAMO,1997,p. 28).

Em nosso estudo, os parâmetros para a definição de jovem se baseiam naquilo que primeiramente os próprios entrevistados acreditam ser jovem, pois ao serem convidados a participar da pesquisa sobre a formação de jovens para o empreendedorismo, os entrevistados assumiram como tal esta identidade, ou seja, o caráter de juventude. Isto não significa que desconsideramos a categoria etária, mas a colocamos numa faixa entre 21 e 34 anos, face aos objetivos do presente estudo, no que tange ao processo de formação do empreendedor.

Objetivamos compreender aquele sujeito jovem, numa condição onde assumiu o trabalho via empreendedorismo de negócios como alternativa para seu desenvolvimento pessoal. Particularmente, nos interessou aquele sujeito jovem que buscou uma formação complementar na área do empreendedorismo, valorizando uma situação de crescimento e ascensão social pela educação continuada.

b) O empreendedor de negócios

Ao definirmos nosso estudo junto ao segmento do jovem empreendedor é necessário entendermos a temática do empreendedorismo, em termos da conceituação do que seja um empreendedor de negócios.

Adotamos aquilo que o pesquisador canadense Louis Jacques Filion (2000) considera, ou seja, o empreendedor é qualquer pessoa que produz um negócio com inovação, indo de uma lojinha de rua àquela sofisticada empresa de alta tecnologia.

O empreendedor é uma pessoa que empenha toda sua energia na inovação e no crescimento, manifestando-se de duas maneiras : criando sua empresa ou desenvolvendo alguma coisa completamente nova em uma empresa preexistente (que herdou ou comprou).

Nova empresa, novo produto, novo mercado, nova maneira de fazer – tais são as manifestações do empreendedor (FILION,2000,p. 25).

No presente estudo, consideramos o empreendedor em atividades de inovação e gestão, caracterizados principalmente por proprietários-gerentes de PME (Pequena e Média Empresa), atuando em empresas familiares e empresas próprias. Não consideramos em nosso estudo empreendedores sociais, intraempreendedores, trabalhadores autônomos e ou cooperativas, os quais também são classificados como tal.

O jovem empreendedor considerado em nosso estudo, portanto, é um inovador em sua atuação profissional; estando numa posição de proprietário-gerente de PME(Pequena e Média Empresa), localizado em Cuiabá-MT, possuidor ainda de uma idade compreendida na faixa entre 21 e 34 anos.

c) A classe média

O jovem empreendedor escolhido para nosso estudo é característico da classe média, o que nos leva a estabelecer um referencial conceitual de como se entenderá este segmento social doravante em nosso estudo.

Em seus estudos clássicos sobre a classe média, Wright Mills (1976) a definia dentro de um contexto onde o discurso do colarinho branco, sobrepunha o ideal da pequena burguesia liberal.

Atualmente, o emprego, e não a propriedade, constitui a fonte de renda para a maior parte dos indivíduos que recebem uma renda direta. As possibilidades de vender seus serviços no mercado de trabalho, e não a compra e venda lucrativa de uma propriedade e suas produções, é que determinam a vida da maioria dos indivíduos de classe média (MILLS, 1976, p. 91).

Mills (1976) demonstrou assim, que a classe média americana no início do século XIX, era formada de empresários independentes que possuíam propriedade privada e seus meios de produção, o que foi mudando com as características assimiladas pelo avanço do capitalismo, onde as oportunidades de receber uma renda, de exercer o poder, de gozar de prestígio, de adquirir e utilizar habilidades são determinadas pelo mercado de trabalho, e não pelo controle de uma propriedade.

Estudos mais recentes da classe média, tal como o apresentado pela pesquisadora Maureen O` Dougherty (1998), analisando famílias de São Paulo, nos revela que :

Pesquisas históricas chegaram perto de concluir que a classe média no Brasil tem sido modelada e definida pelo consumo. (...) Em certo sentido, se o dinheiro é

padrão e medida de valor, o consumo também funciona na linguagem como uma espécie de moeda que mede as classes – trata-se de um dos mais importantes recursos através dos quais as pessoas de classe média verbalizavam suas avaliações de classe em geral e as distinções intraclasse (O'DOUGHERTY,1998,p.411).

O consumo é, segundo O'Dougherty (1998), um recurso central na formação da identidade dessa classe média característica de sua pesquisa em São Paulo.

(...) as identidades de classe média se forjavam principalmente em oposição à classe operária, e que as distinções de classe se baseavam não apenas no exercício do trabalho não manual, mas também na educação e nas práticas de consumo (inclusive diferenças no tamanho das residências, no número de empregados domésticos e no modo de vestir) (O'DOUGHERTY,1998,p 411).

Em termos de sua composição, Trujillo Ferrari (1983), afirma que a classe média é composta por :

Constituem a classe média alta elementos cuja renda oscila entre 15 e 25 salários mínimos : profissionais liberais de prestígio, como médicos, advogados, propagandistas, estatísticos, professores universitários, interpretes e tradutores, economistas, contabilistas; oficiais das forças armadas; corretores imobiliários e de títulos e valores; administradores de grandes empresas; donos de empresas médias, comerciantes, administradores de serviço público, agentes fiscais; fazendeiros, pecuaristas, avicultores, criadores ; técnicos de esportes (FERRARI,1983,p. 421).

Uma das características, segundo Ferrari (1983), dessa classe média é que ela está sempre em movimento, ou seja :

Mobilizam-se para atingir a classe alta e encontram-se nesse estrato por motivos estruturais. Ideologicamente dividem-se em uma maioria “conservadora” e pequenos grupos intelectuais “revolucionários”; consideram a educação universitária de que são portadores como “canal de ascensão social”; vivem em casas próprias e procuram imitar os padrões da classe alta (FERRARI,1983,p. 422).

Nos aproximamos do conceito de Ferrari (1983), para classificarmos nossos entrevistados como componentes da classe média. Possuem renda individual na faixa entre 15 e 25 salários mínimos, e ainda escolaridade superior. Sua renda familiar lhes possibilitou investir em educação, dando segurança para investirem também na sua formação complementar como modo de assegurar sua ascensão social.

d) O IEL- Instituto Euvaldo Lodi e o Empreendedorismo

Durante as duas últimas décadas vem acontecendo uma evolução de cursos e programas sobre empreendedorismo em todos os níveis do ensino em quase todos os países.

Na América do Norte, não existe praticamente mais nenhuma instituição de ensino superior que não apresente, em seu currículo, ao menos um curso de empreendedorismo, afirma Filion (2000).

Este fenômeno explica-se por diferentes razões, mas decorre, sobretudo, da necessidade de as pessoas se preparem melhor antes de se lançarem no mercado por conta própria. O número de pequenas empresas e de trabalhadores autônomos aumenta a cada ano, em decorrência do ressurgimento dos ideais liberais de livre-iniciativa (FILION, 2000, p. 15).

Quando comparado aos países mais ricos em termos de renda per capita da América Latina, verifica-se que o Brasil acumula uma defasagem educacional de cerca de dois anos de estudos, o que interfere diretamente na produtividade e competitividade dos seus setores produtivos. Em termos de empreendedorismo, o Brasil ainda está engatinhando afirma Cielo (2001).

O entendimento da necessidade de uma educação que possibilitasse a melhoria deste contexto, fez com que a classe empresarial industrial do País criasse o IEL – Instituto Euvaldo Lodi.

Sua criação baseava-se em idéias centradas na interação universidade-indústria como eixo de um desenvolvimento próximo as tendências do mundo moderno e com os valores da livre-iniciativa (IEL,1999, p.39).

O projeto de criação do IEL-Instituto Euvaldo Lodi em 1969 foi baseado numa visão desenvolvimentista afinada com a exuberância da economia brasileira no final dos anos 60 e início dos 70, instalando em quase que todos os estados.

Época em que o país ampliava sua integração geográfica, avançava em setores sofisticados e expandia seu mercado interno e externo, produzindo e exportando em ritmo acelerado (IEL,1999, p. 40).

Sendo uma instituição nacional o IEL tem sua missão voltada a *promover o desenvolvimento do setor produtivo, através da capacitação empresarial e do apoio à pesquisa e inovação tecnológica* (IEL, 1999,p. 26).

Uma das suas linhas educacionais trata o empreendedorismo, o qual projeta atividades estimulando empreendimentos de âmbito nacional voltados para a difusão da cultura empreendedora nas instituições de ensino superior, estimulando e criando mecanismos de apoio para que disciplinas dessa área sejam inseridas nos currículos regulares

Sob esta missão, o IEL atua nos interesses da comunidade empresarial, a qual se encontra em um ambiente marcado pela crescente competição e por fortes mudanças

tecnológicas, estando cada vez mais necessitado de implantar modelos de gestão baseados na mobilização das capacidades humanas de seus gestores e colaboradores, obtendo permanente flexibilidade e inovação como condição de competitividade .

Em Mato Grosso o IEL foi fundado em 1978, e desde o ano de 1998, realiza cursos de especialização em interação com as IES – Instituição de Ensino Superior, onde o tema do empreendedorismo está compreendido no conteúdo programático. Estes cursos são realizados em parcerias com IES(Instituições de Ensino Superior) regionais e nacionais, tendo no período entre 1998 e 2002, formado mais de 300 pessoas, sendo em sua maioria empresários e executivos de Cuiabá-MT.

Nesse sentido, o IEL procura estimular nos executivos, gerentes e jovens, a cultura do empreendedorismo, incentivando os mesmos em desafios no mundo empresarial. O tema empreendedorismo trabalhado pelo IEL, é colocado no universo dos egressos das IES, embutindo seus valores para a sociedade, sendo ponto importante para compreendermos a problemática da educação para o trabalho e juventude, particularmente naqueles aspectos que atingem a classe média.

Como nosso objetivo é estudar os jovens empreendedores de negócios da classe média, acredita-se esses sujeitos se utilizariam de meios educacionais que valorizassem seus desejos e necessidades, tal como aqueles promovidos pelo IEL.

E) Descrição dos Capítulos

O desenvolvimento do presente estudo está distribuído em duas partes de modo a possibilitar um melhor entendimento das questões objetivadas. A primeira parte trata das relações entre educação, trabalho e empreendedorismo.

Buscamos através do Capítulo 1 compreender o que está acontecendo no mundo do trabalho, e como a educação se insere nesse contexto. O trabalho como valor da sociedade e as conseqüências das mudanças impostas pelas políticas neoliberais existentes atualmente, as quais têm impacto em camadas como a classe média e sua reprodução e ascensão social.

No Capítulo 2 focamos a educação para o trabalho sob o ponto de vista do empreendedorismo e o desenvolvimento da sociedade. Explica o papel do empreendedorismo no cenário atual. Reflete questões sobre indivíduos empreendedores, partindo do conceito de empreendedor, suas necessidades e valores. Nesse Capítulo, objetiva-se ainda demonstrar estratégias educacionais hoje existente que incentivam o empreendedorismo no País.

Evidenciamos no Capítulo 3 análises de fatores influenciadores na formação do empreendedor, partindo de considerações sobre o papel da família e suas estratégias de

desenvolvimento de sua próle. Nesse sentido, foca-se a compreensão da família da classe média e seus desafios de reprodução e ascensão social, sob a forma de empreendedorismo. Analisa estratégias de famílias de empresários para a inserção do jovem no mundo empresarial. Buscamos referenciais teóricos que possibilitassem compreender estas questões de influência na formação do jovem para o empreendedorismo.

Na segunda parte do presente estudo, concentramos nossos esforços na análise da relação entre jovem da classe média e empreendedorismo. Através do Capítulo 4 explanamos nossas considerações metodológicas para que desenvolvêssemos o estudo partindo de sujeitos que caracterizassem as intenções objetivadas neste estudo.

Partimos pois, a tratar do jovem empreendedor da classe média egresso do IEL, com objetivo de conhecer algumas de suas características e motivos de ação, assim como influências recebidas para o empreendedorismo, iniciando do entendimento do papel das instituições sociais como a família, a escola e do IEL, em seu processo de formação. Identifica também o IEL e sua formação complementar, função esta como instituição disseminadora do empreendedorismo na sociedade. Estas questões revelam contextos de um grupo de jovens empreendedores da classe média de Cuiabá-MT, os quais ressaltam através de suas falas uma perspectiva sobre quem são e como chegaram a situação empreendedora atual, em termos de formação.

PARTE I

EDUCAÇÃO, TRABALHO E EMPREENDEDORISMO

CAPÍTULO 1

FORMAÇÃO E TRABALHO

1.1 A relação homem e trabalho

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na ação – reflexão . Paulo Freire

A humanidade caminhou milhares de anos desde que o homem, pelas necessidades de sobrevivência física e da espécie, passou a desenvolver formas técnicas e socialmente organizadas de produzir a sua própria subsistência. Tanto na comunidade primitiva, como no escravismo, no feudalismo e no capitalismo, o trabalho esteve a frente das formas de organização da produção, atribuindo papéis produtivos diferenciados aos homens e mulheres, jovens e adultos.

O trabalho tem sido considerado como uma das mediações fundamentais da existência humana.

O trabalho ocupa lugar fundamental na constituição da existência dos homens históricos porque sustenta a própria manutenção de sua vida biológica. Sua configuração marca, assim , a própria maneira de existir dos homens, podendo-se até mesmo afirmar que é pelo trabalho que se configura a essência humana (SEVERINO,1994, p.59).

São as atividades práticas que vão possibilitando ao homem construir sua própria condição de ser especificamente humano. Ele é em função daquilo que faz, e não em função de sua situação originária natural. Dessa maneira, trabalhar é condição imprescindível para que o indivíduo se humanize, para que seja um ser humano, afirma Severino (1994).

Segundo Silva Jr. (2001), em Marx, o trabalho apresenta-se como elemento central para o entendimento da formação humana em qualquer momento da história da humanidade.

De forma complexa, o trabalho é expressão humana que conforma a natureza e a realidade social e o próprio homem, cujo produto do trabalho sempre lhe é maior e a ele confronta-se. (SILVA JR, 2001, p. 16).

O indivíduo mantém na sua praxes a essência do seu ser. Nas práticas, mais comezinhas e cotidianas do homem ele define-se e faz-se. Nesse contexto, Silva Jr (2001), comentando Lukács afirma :

Em toda prática humana há a precedência de uma tensão entre o subjetivo e o objetivo, o ser humano põe-se uma meta, já nesse momento teve que considerar todo espectro de possibilidades objetivas para sua reprodução particular. Para atingir a meta ele deverá escolher novamente uma alternativa dentre um horizonte de possibilidades que ele aprende da objetividade social ou da natureza. O seu ser mobilizado em direção a meta escolhida, por meio de uma alternativa eleita para a realização da prática, é completo e complexo movimento entre subjetivo e objetivo em intensa relação, o homem já não mais pensa, faz e é, em condições objetivas determinadas. Assim afirma-se como humano, experimentando a liberdade em meio a um determinismo de necessidades posto pela natureza e pela objetividade social. Consumada sua meta, o homem particular transforma seu ser social e o resultado de seu trabalho, põe em movimento novos fenômenos sociais, transformando a objetividade, que lhe apresenta novas necessidades, novas possibilidades de liberdade, novas relações entre o objetivo e o subjetivo. (SILVA JR ,2001, p. 21).

Silva Jr (2001) ainda comentando Lukács, revela que o próprio homem que trabalha é transformado pelo seu trabalho; ele atua sobre a natureza exterior e modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza, desenvolve as potências nela ocultas e subordina as forças da natureza ao seu próprio poder.

Historicamente, o trabalho teve que enfrentar os desafios culturais que procuravam torná-lo menos fundamental dentro da sociedade.

Como exemplo, Wright Mills (1976), em seu estudo clássico, analisa que :

O trabalho pode ser visto como um mero ganha pão, ou como a parte mais significativa da vida interior; pode ser encarado como uma expiação ou como uma expressão exuberante de si mesmo; como um dever inelutável ou como o desenvolvimento da natureza universal do homem (MILLS,1976, p. 233).

Nas palavras de Mills (1976,p.233), verifica-se que “*nem o amor nem o ódio ao trabalho são inerentes ao homem, ou a qualquer tipo de ocupação. O trabalho não tem nenhum significado intrínseco*”.

O sociólogo Domenico De Masi (2000,p.47) aponta que :

Para os católicos, o trabalho é uma sentença condenatória, como reafirmará a *Rerum Novarum*, em 1891. Para os liberais, é uma disputa mercantil. Para Marx é a única possibilidade de redenção, junto com a revolução, e por isso é um direito a ser conquistado. Somente Taylor, no plano prático, e Lafargue, no plano teórico, consideram o trabalho um mal que deve ser reduzido ao mínimo.

Para os gregos antigos, em cuja sociedade o trabalho mecânico era realizado pelos escravos, o trabalho embrutecia o espírito, tornava o homem incapaz para a prática da virtude. Era um mal físico necessário que a elite, em sua busca de uma visão imutável do mundo, deveria evitar. Os hebreus também encaravam o trabalho como uma labuta penosa, a qual o

homem estava condenada pelo pecado. Na medida em que o trabalho era um meio de expiação do pecado, era válido, considera Mills (1976).

Nos primeiros tempos do cristianismo, o trabalho era visto como uma punição para o pecado, que também servia aos fins últimos da caridade, saúde do corpo e da alma, e para afastar os pensamentos maus provocados pelo ócio. Os padres da igreja colocaram a meditação pura sobre as questões divinas acima do trabalho intelectual de ler e copiar nos mosteiros. De Masi (2000) reforça essa análise negativa apontando a pressão religiosa sobre o trabalho, enquanto busca de afirmação social.

Foi Lutero quem estabeleceu o trabalho como a base e a chave da vida. Embora continuando a afirmar que o trabalho era uma consequência da queda do homem, Lutero, repetindo São Paulo, acrescentava que todo aquele capacitado para trabalhar deveria fazê-lo, afirma esse mesmo autor. O ócio era uma evasão anti-natural e pernicioso. Manter-se pelo trabalho é um modo de servir à Deus. Assim, resolve-se o grave conflito entre piedade religiosa e atividade profana; a profissão torna-se uma vocação e o trabalho é o caminho religioso para a salvação, considera Domenico De Masi (2000).

Para Sennett (2000), Max Weber identificou o sistema de valores como um elemento fundamental para a explicação do desenvolvimento da sociedade em seu estudo *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Weber ressalta a importância do trabalho árduo implacável e voltado para o futuro como motivação do homem protestante, decidido a provar o seu valor moral pelo trabalho .

A organização da história de nossa vida pelo trabalho árduo pode servir como uma pequena luz na escuridão, um sinal de eleição, de que podemos estar entre os que serão salvos do inferno. Ao contrário das boas obras católicas, porém, o trabalho árduo não pode conquistar para o protestante nenhum grande favor junto ao Criador, apenas oferece sinais de intenções dignas a um Juiz divino que já decidiu cada caso de antemão. (SENNETT,2000,p.125).

O crescimento do valor do trabalho, motivado pelos ideais liberais, vai se difundindo cada vez mais. Segundo Couri (2001,p.21), isto explica-se pelo liberalismo visto enquanto ideologia.

O liberalismo surgiu como defensor dos direitos naturais, da liberdade e da própria igualdade, por esta entendida a possibilidade de o indivíduo tornar-se igual a outrem por esforço próprio livre de entraves. Surgiu como a ideologia de estratos médios ascendentes, ainda em competição com o sistema feudal. Seu propósito era o de liberar a atividade econômica individual.

O liberalismo recebeu o apoio dos camponeses e dos trabalhadores em geral, e de segmentos sociais outros. Os ideais do liberalismo relacionavam-se com os direitos de propriedade e iniciativa, de produzir e consumir, de contratar livremente, de comprar e vender, de ajustar o preço por meio da oferta e da procura, enfim, o chamado livre jogo das

forças de mercado. Enfatizava o direito de herança, de acumulação de riqueza e capital. Assim o trabalho assume características de estímulo a livre iniciativa, ou seja, o trabalho individual é valorizado .

Segundo Majnoni (1999, p.138) “*No mundo liberal todos têm o dever de trabalhar para sobreviver e o emprego exalta a responsabilidade e criatividade individual . Trabalhamos e sobrevivemos se sabemos satisfazer a uma necessidade. A cada um segundo seu trabalho*”.

Com o surgimento do capitalismo, emergido do núcleo econômico do liberalismo, aquele valor do trabalho, que o artesanato colocava é deixado de lado. O trabalho apresenta-se então vinculado as forças do capital. O capitalismo se apropria dos meios de produção e compra a força de trabalho.

Majnoni (1999, p.143) afirma que “*no século 19, buscava-se trabalho. No século 20 e durante a grande crise dos anos 30, começou-se a procurar um emprego*”.

Mills(1976) explica em sua análise reflexiva entre trabalho e lazer, que com o desenvolvimento do capitalismo o valor do trabalho na sociedade passa a sofrer inclinações outras. Nem sempre o culto ao trabalho foi valorizado nas sociedades, visto seu valor atribuído nas diversas culturas.

Sergio Buarque de Holanda (1995), em sua obra *Raízes do Brasil*, relaciona o aspecto cultural de um povo e o valor do trabalho. Afirma que é significativa a circunstancia de termos recebido a herança através de uma nação ibérica. Um fato que não se pode deixar de tomar em consideração no exame da psicologia ibérica é a invencível repulsa que sempre lhe inspirou toda moral fundada no culto ao trabalho, afirma esse autor.

É compreensível, assim, que jamais se tenha naturalizado entre gente hispânica a moderna religião do trabalho e o apreço à atividade utilitária. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia. O que ambos admiram como ideal é uma vida de grande senhor, exclusiva de qualquer esforço, de qualquer preocupação. E assim, enquanto povos protestantes preconizam e exaltam o esforço manual, as nações ibéricas colocam-se ainda largamente no ponto de vista da Antigüidade Clássica. O que predomina é a concepção antiga de que o ócio importa mais que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor. (HOLANDA,1995, p. 38).

As considerações de Holanda (1995) nos levam a refletir sobre o comportamento social em algumas regiões do país, no que tange uma maior ou menor valorização do trabalho.

Apesar da evolução da sociedade e sua complexidade de relações, o trabalho representa ainda um valor importante, e exerce uma influência considerável sobre a motivação e satisfação das pessoas, afirma Estelle Morin (2001).

O trabalho conserva um lugar importante na sociedade, visto que possibilita razões, tais como para se relacionar com outras pessoas, para ter o sentimento de vinculação, para ter algo que fazer, para evitar o tédio e para de ter um objetivo de vida. (MORIN,2001,p.8).

Algumas reflexões históricas dessa relação entre o homem e o trabalho se fazem importante para retomarmos as questões colocadas pela corrente neoliberal que se apresentam atualmente. Da valorização a repulsa pelo trabalho, chegamos a um novo estágio desta discussão histórica, a qual deve ser entendida para a melhor compreensão da formação do indivíduo na sociedade.

1.2 O mundo do trabalho e o contexto neoliberal

Assistimos hoje a transformações importantes no mundo do trabalho. Novas formas de organização aparecem, e sua natureza se modifica. Observamos o desaparecimento de empregos permanentes e, simultaneamente, aparecem novas tecnologias e formas inovadoras de organização do trabalho. Para a pesquisadora Estelle Morin (2001,p.9), em seu estudo sobre sentidos do trabalho identifica que *“ao mesmo tempo em que milhares de pessoas sofrem pelo falta de uma vaga de trabalho, outras sofrem pelo fato de terem que trabalhar excessivamente”*.

A atual fase de evolução das economias capitalistas apresenta, como característica marcante, a baixa e instável expansão da riqueza para o conjunto da sociedade, juntamente com o retorno de temas que até então pareciam equacionados, como o desemprego elevado, a pobreza e as desigualdades sociais em alta escala.

A globalização da economia internacional, impulsionada pela dinâmica do capitalismo, contribuiu para o ressurgimento de correntes fundadas no pensamento liberal que assistimos no final do século XX.

O ressurgir do liberalismo é visto com preocupação entre economistas políticos e os cientistas sociais em geral, e todos aqueles segmentos ou pessoas que se debruçam sobre os problemas sociais. Se o liberalismo, no passado, não conseguiu resolver ou equacionar a miséria de milhões e milhões de pessoas, como conseguira fazê-lo agora, nessa nova maré, em que a miséria é quantitativamente maior e surgiram novas limitações ao crescimento? (COURI,2001, p. 79).

A mundialização das economias emerge neste momento no curso de políticas neoliberais que atuam contra a produção e o trabalho. As medidas de desregulamentação do mercado de trabalho e de flexibilização dos contratos demonstram um quadro geral de fogo cruzado contra o trabalho. Predominam políticas governamentais favoráveis à valorização financeira do capital, com medidas deflacionistas para os preços e redução do Estado, afirma Marcio Pochmann (2002).

Para esse mesmo autor, existe uma atual situação de desordem internacional, conformando um quadro socio-econômico muito heterogêneo, marcado por fortes sinais de retrocesso no mundo do trabalho. O aumento da participação dos postos de trabalho informais no total da ocupação nos países capitalistas revela, em certa medida, o retorno às antigas formas de uso da força de trabalho, analisa Pochmann(2002).

As mudanças estruturais no mercado de trabalho, estão causando *de per si* uma mudança no psicológico-comportamental da sociedade, que historicamente o capitalismo vem enfrentando a anos.

O estudo de Wright Mills (1976), analisando o valor do trabalho no capitalismo americano junto a classe média, aponta que:

Nem a concepção do evangelho secularizado do trabalho como ato compulsório, ou a idéia humanista do trabalho como uma arte, tem hoje grande influencia sobre as massas. Para a maioria dos empregados o trabalho tem um certo caráter desagradável. A alegria com o trabalho criador é cada vez mais restringida a uma pequena minoria. Para as massas dos colarinhos brancos, assim como para os operários em geral, o trabalho não é um meio de servir a Deus, nem a qualquer coisa de divino que possam sentir em si mesmos. Não ha neles nenhuma vontade obstinada de trabalhar, e sua rotina cotidiana traz poucas satisfações positivas. (MILLS,1976,p. 237).

O crescimento do valor negativo do trabalho vem como reflexo dos sintomas do capitalismo contemporâneo no indivíduo. O que ele está aprendendo nesse mundo do trabalho que pode estar alterando a percepção do seu papel na sociedade, onde o trabalho formal deixa de ser um eixo central em função do qual se estrutura sua vida?

Richard Sennett (2000) aponta que a flexibilidade dos contratos está mudando o próprio significado do trabalho.

É bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade : as pessoas não sabem que riscos serão compensados, que caminhos seguir. Hoje se usa a flexibilidade como outra maneira de levantar a maldição da opressão do capitalismo. Diz-se que, atacando a burocracia rígida e enfatizando o risco, a flexibilidade da as pessoas mais liberdade para moldar suas vidas. Na verdade, a nova ordem impõe novos controles, em vez de simplesmente abolir as regras do passado – mas também esses novos controles são difíceis de entender. (SENNETT,2000,p. 53).

Esse mesmo autor, afirma que :

O capitalismo de curto prazo corrói o caráter, sobretudo aquelas qualidade de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um sendo de identidade sustentável. (...) Um dos motivos da superficialidade degradante da sociedade moderna é a desorganização do tempo. A seta do tempo se partiu; não tem trajetória numa economia política continuamente replanejada, que detesta a rotina, e de curto prazo. As pessoas sentem falta de relações humanas constantes e objetivos duráveis.(...)A ética do trabalho, como a entendemos comumente, afirma o uso autodisciplinado de nosso tempo e o valor da satisfação adiada. A satisfação adiada perde seu valor, porem, num regime cujas instituições mudam rapidamente, torna-se absurdo trabalhar arduamente por muito tempo e para um patrão que só pensa em vender o negócio e subir. (SENNETT,2000,p. 117).

O filósofo Charles Handy (2001), referindo-se ao quadro analítico do capitalismo atual, nos revela que o problema são os valores, não a economia. Aponta que existem conseqüências sérias do capitalismo desenfreado; sendo que a obsessão pelo dinheiro que levou as pessoas a correr demasiados riscos. Handy (2001) afirma que é necessário perceber que o capitalismo para ter sucesso tem que levar em consideração as pessoas, ou seja, tem que aceitar que existem coisas mais importantes que o dinheiro e que este é apenas um meio necessário para se viver em sociedade .

Todos nós estamos confusos com o mundo atual em que vivemos. Estamos desorientados com as conseqüências do capitalismo, cujas contribuições para o nosso bem-estar são evidentes, mas que divide ricos e pobres, consome a energia daqueles que trabalham e nem sempre conduz a um mundo feliz, comenta Handy (2001).

Em seu livro *O Ócio Criativo*, o sociólogo Domenico de Masi (2000) afirma que em breve as pessoas não estarão querendo gastar oito horas do seu tempo só com o trabalho formal.

Domenico de Masi (2000) aponta para a necessidade de um repensar sobre o indivíduo e o trabalho no contexto globalizado. Suas idéias indicam que quem trabalha perde tempo precioso, dificultando assim sua formação como indivíduo, visto que a pressão produtiva do capitalismo atual absorve tempo demais para que se possa dedicar também ao tempo livre, ao estudo, ao jogo, a criatividade e ao relacionamento mais claro entre as pessoas.

De fato, as mudanças ocorridas nos últimos anos no mundo do trabalho estão contribuindo para dificultar a formação do caráter do indivíduo. Conforme Sennett (2000, p. 27) *“o desenvolvimento do caráter depende de virtudes estáveis como lealdade, confiança, comprometimento e ajuda mútua, características que estão desaparecendo no novo capitalismo”*.

É certo que, em alguns aspectos, estas mudanças que marcam este capitalismo são positivas e levaram a uma economia dinâmica, mas também corroeram a idéia de objetivo, a integridade e a confiança nos outros indivíduos; aspectos que gerações anteriores consideravam essenciais para a formação do caráter, segundo Sennett (2000, p. 27).

Evidenciamos que o individualismo e a filosofia utilitarista, suportes do núcleo moral do liberalismo, ressurgem neste contexto do capitalismo contemporâneo. Assim também, a filosofia existencialista contemporânea afirmando que é você e sua liberdade que define seu próprio projeto de vida, e ninguém mais. Como exemplo, resume a questão do individualismo dizendo tratar-se de uma práxis (ação concreta) que exige do indivíduo a decisão de tomar parte no mundo, assumindo a perigosa tarefa de ser livre.

O antropólogo Gilberto Velho (1996, p.19) nos coloca a situação: “*A natureza do individualismo na sociedade brasileira vem assumindo características tais que o tornam palco de um capitalismo voraz com uma dimensão selvagem, relegando a segundo plano as preocupações com equidade e reforma social.*”

Gilberto Velho (1996) apresenta pontos importantes sobre este contexto, dentre estes questiona os jovens de camadas médias; que motivações eles têm em seu projeto de vida? Denota-se que o estudo é uma motivação absolutamente secundária. O que existe como motivação fundamental é adquirir bens materiais, ter dinheiro, coisas. Velho (1996), comenta que, há não muito tempo, a juventude manifestava outros tipos de preocupação, como, por exemplo, com a participação política, com o país, com os estudos, com a cultura.

Segundo Velho (1996) existe uma crise de valores, do tipo de individualismo desenvolvido no capitalismo brasileiro contemporâneo, vinculado a uma visão de mundo absolutamente materialista. Segundo ele, não se verifica no país nenhuma ordem moral tradicional, baseada em valores, como, por exemplo, os religiosos, que sejam suficientemente fortes para contrapor-se a crise referida, instituindo a cidadania como um valor. Nessa mesma direção, analisa que, diversamente da família extensa de décadas anteriores – ampliada por avós, tios, sobrinhos, amigos, e baseada em referências propiciadoras de laços de lealdade, a família nuclear contemporânea, cujo universo social se reduz a pai, mãe e filhos, tem pouca capacidade de socializar seus filhos.

Na avaliação do antropólogo, no cenário atual em que nem família e nem escola cumprem as funções que cumpriam há 50 anos e em que, nesse vácuo institucional, o sucesso material é supervalorizado pelos veículos de comunicação. Pergunta-se, portanto, até que ponto os valores familiares são fortes para contrabalançar essa mensagem individualista de sucesso?

Para Gohn (2001), observa-se que o resultado prático da nova ordem mundial tem sido uma sociedade cada vez mais competitiva, individualista e violenta. Os indivíduos estão cada vez mais isolados e estressados. São pessoas desenraizadas, sem maior apego ao coletivo. Uma sociedade onde incluídos competem em grupos seletos e muitos excluídos

vagam e migram em diferentes áreas e espaços por que são “sobrantes”, não há mais vagas ou lugar para eles no mercado de trabalho.

Mills (1976) em seu estudo, nos revela que:

Assim como a esfera do trabalho perde significado e deixa de determinar a direção interior e o ritmo de vida, também a comunidade e os círculos de parentesco perdem seu papel de fixar o homem na sociedade. Para o antigo artesão ideal, o trabalho e a família coincidiam, antes da revolução industrial o lar e a oficina eram uma só coisa. Hoje, isso só acontece em certas famílias pequeno burguesas, e os jovens vêm nisso uma forma de repressão. Uma das conseqüências da divisão do trabalho é a de tirar o trabalhador do lar, criando uma segregação entre vida profissional e vida familiar. Isso significa em geral que o trabalho se torna um meio de sustento do lar, e que o lar se torna o meio de refazer o trabalhador para que ele volte as suas atividades profissionais. (MILLS,1976,p. 255).

O quadro analisado das influências neoliberais no mundo do trabalho caracteriza uma realidade; a que os indivíduos estão cada vez mais dedicados ao trabalho. São pessoas que passam a maior parte de sua vida dentro da empresa. Trabalham dez, doze, quinze horas por dia, num contexto onde a competição individual e flexibilidade dos contratos, são presentes. O individualismo como identidade liberal, fica ressaltada na sociedade.

Mesmo assim, existe uma multidão de pessoas que está fazendo de tudo para conseguir um emprego uma vaga nesse mundo competitivo. São pessoas que não tiveram oportunidade, face o volume cada vez menor de empregos, e a alta exigência solicitada na qualificação do trabalhador.

As questões emergidas com o processo de neoliberalização, impactando o mercado de trabalho, devem ser observadas nas características que vem se implantando sobre as famílias, particularmente aquelas de classe média, as quais foram educadas para um mundo do trabalho, sob a forma de emprego. A questão é que a relação homem-trabalho-emprego mudou, e a sociedade ainda está em busca de um melhor entendimento dessa mudança, avaliando realidades tais como o movimento liberal pró-empendedorismo.

Deve-se destacar que o empreendedorismo, tido pelo senso comum, como uma saída para o desemprego que assola as economias neoliberal, não o é teoricamente, tal como verificaremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

EDUCAÇÃO, EMPREENDEDORISMO e EMPREENDEDORES

2.1 Sociedade e Empreendedorismo

Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática. Peter Drucker

As mudanças no trabalho iniciadas no final do século XX vem possibilitando um crescimento do empreendedorismo pelo mundo. Como campo de estudo acadêmico, o empreendedorismo é novo; pode-se dizer que tem cerca de duas décadas. Considera-se que ainda está em fase pré-paradigmática e que demorará muito tempo para atingir uma base científica, apesar de ser um campo efervescente em termos de pesquisas e publicações.

Nas palavras de Louis Jacques Filion (2000), pesquisador canadense, autor de diversas publicações e pesquisas sobre o empreendedorismo, verifica-se que :

O empreendedorismo é um campo de pesquisa emergente, onde ainda não existe uma teoria estabelecida. A categoria empreendedorismo pode ser definida como aquele saber que estuda os empreendedores. Em outras palavras, examina suas atividades, características, efeitos sociais e econômicos e os métodos de suporte usados para facilitar a expressão da atividade empreendedora (FILION,2000,p.38).

Fernando Dolabela (1999), um dos principais pesquisadores do tema empreendedorismo no Brasil, afirma que a importância do empreendedorismo está no seu contexto de inovação e estímulo ao desenvolvimento dentro da sociedade .

O empreendedorismo tem sido comumente visto como uma alternativa contra o desemprego. Entretanto, para esse mesmo pesquisador, esta relação, apesar de conseqüente, não é causal, já que o aumento da capacidade empreendedora não se dá em função da retração no nível de emprego, mas como decorrência direta dos novos padrões de relações sociais e políticas.

Para Filion (2000,p. 39)

Mesmo que exista uma espécie de euforia em torno do empreendedorismo, não se trata, a meu ver, de uma moda, mas de uma evolução e de uma transformação profunda de conceber o ser humano que tirou seus fundamentos do pensamento liberal.

Fernando Dolabela (1999) , revela que existe transformações que estão acontecendo em sociedades desenvolvidas, particularmente no que se refere a mudança de valores, inclusive da sua elite, num sentido de compreensão do papel do indivíduo empreendedor como modelo na escala social.

Vivemos dentro de um contexto em que mais de 50% das pessoas devem procurar um emprego se quiserem trabalhar. (...) ao menos uma pessoa em cada duas deverá aprender a assumir o papel de empreendedor, se ela pretende encontrar um emprego. (FILION, 2000,p.39).

Todavia, perguntamos até que ponto podemos acreditar que as ações da cultura empreendedora poderão recriar, tanto o caráter de comunidade quanto o do indivíduo, para que possamos enfrentar o desafio de comprometimento a longo prazo, e as conseqüências causadas no mundo do trabalho contemporâneo.

Para Peter Drucker (2000), o surgimento da sociedade empreendedora pode ser um importante ponto crucial na história das relações entre o indivíduo e a comunidade, visto que esta última repercute de processos que levem a reflexões de sua forma de agir, de realizar, de encarar as dificuldades e estimular a educação, a pró-atividade. Como defensor da sociedade empreendedora este autor nos conduz ao entendimento que a inovação e o espírito empreendedor são necessários na sociedade tanto quanto na economia; na instituição de serviço público tanto quanto nas empresa privadas. Trata-se, portanto, de algo muito maior do que uma simples geração de emprego.

A sociedade empreendedora preocupa-se com seus indivíduos, partindo da percepção da necessidade de se estimular a sua formação, baseada em compromisso de aprendizado e reaprendizados continuados, conforme defende Drucker (2000, p. 364). “ *Ao envolver os indivíduos na sua melhoria via educação, deixamos de nos preocupar com o estado gerenciador do bem estar social, mas cada indivíduo assume o desafio da inovação e construção da melhoria da comunidade*”.

Ao acreditar que o empreendedor vê a mudança como norma e sendo esta sadia, seus defensores acreditam que seu papel e sua importância são, hoje, reconhecidos em todos os recantos das ciências que lidam com o desenvolvimento humano social.

Fernando Dolabela (2001) afirma que o empreendedor assume características que podem servir a comunidade, não apenas no campo empresarial como o senso comum relata; ela, portanto, extrapola o âmbito da atividade empresarial.

Denomina-se de empreendedor comunitário o agente que é capaz de aumentar a capacidade de conversação de uma comunidade, ampliando ou criando a conectividade entre os seus diversos setores, gerando o capital social, insumo básico do desenvolvimento. Chama-se de intra-empreendedor o empregado capaz de inovar, de conduzir a sua empresa ao sucesso. No governo e no terceiro setor são, principalmente eles, os empreendedores, que por intermédio da cooperação, geram valores com recursos escassos ou inexistentes. São empreendedores os pesquisadores que, com um olhar diferente sobre o seu objeto de trabalho, contribuem para a transformação do conhecimento em riqueza. São empreendedores os profissionais do ensino que estão fazendo a revolução na educação. (DOLABELA, 2001,p.63).

Este conceito amplo também é defendido como ponto de reflexão para a sociedade empreendedora, analisada por Peter Drucker(2000), onde o indivíduo age pró-ativamente buscando sua realização pessoal, mas sobretudo, integrada a realização do coletivo.

Seus defensores atuam numa perspectiva social de envolvimento da sociedade em iniciativas pró-ativas, que impactem o desenvolvimento de ações e atividades. O conceito do empreendedor enquanto forma de ser, atua num sentido de estimular a comunidade em sua auto-realização através do trabalho e assistência a sociedade.

Assim, há muitas formas de empreender. Cada um poderá escolher a sua ou até passar de uma para outra. Segundo Filion (2000), o leque das opções vai da empresa familiar ao trabalho autônomo, das empresas cooperativas ao empreendedorismo social (o chamado terceiro setor, sem fins lucrativos). Para não falar das inúmeras possibilidades geradas pelas grandes corporações com a terceirização.

Fernando Dolabela (1999), explica um dos motivos desta diversidade no campo de atuação do empreendedor:

Pesquisas indicam que o empreendedorismo oferece graus elevados de realização pessoal. Por ser a exteriorização do que se passa no âmago de uma pessoa, e por receber o empreendedor com todas as suas características pessoais, a atividade empreendedora faz com que trabalho e prazer andem juntos. Talvez seja muito difícil encontrar um empreendedor que queira se aposentar ou que espere ansiosamente pelo final de semana para se desvencilhar do trabalho. Não é raro encontrar empreendedores que tiram poucas férias.(DOLABELA, 1999,p. 29).

O projeto de sociedade fundada no empreendedorismo significa protagonismo social, ruptura de laços de dependência, crença dos indivíduos e comunidades na própria capacidade de construir o seu desenvolvimento entre os diversos âmbitos político sociais, afirma Dolabela (2001).

Passa a ser, portanto, um dos vários instrumentos que a comunidade tem para aprender e formular o “sonho coletivo”; uma proposta para o seu futuro, feita por ela mesma. Mas para a construção do coletivo uma educação baseada no empreendedorismo deve reconhecer e preparar individualidades capazes de, dialeticamente, refazer a realidade socialmente objetivada que não mais atende os interesses de coletividade. A preparação do indivíduo deve ser para a vida e não para uma ocupação funcional, defende Dolabela (2001).

Para seus defensores, o empreendedorismo, pelo seu potencial pode ser utilizado como força importante na eliminação da miséria e na diminuição da distância entre pobres e ricos.

2.2 O contexto de desenvolvimento do empreendedor de negócios

O empreendedorismo de negócios passou a ser alvo de políticas públicas, na maioria dos países desenvolvidos, crescendo em proporções maiores a partir de 1990. Este movimento do empreendedorismo começou a ser difundido na sociedade brasileira, com o surgimento de entidades como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e instituições de fomento empresarial vinculado a representação empresarial, tal como o IEL (Instituto Euvaldo Lodi) .

Há que se considerar para a melhor compreensão do contexto de desenvolvimento do empreendedor de negócios, o próprio entendimento do que venha a ser um empreendedor. Das diversas definições encontradas para o empreendedor de negócios, algumas merecem destaque e estão citadas a posteriori .

Segundo Drucker (1987) os empreendedores são pessoas que criam algo novo, diferente, mudam ou transformam valores, não restringindo o seu empreendimento a instituições exclusivamente econômicas. Estão sempre buscando mudanças, reagem a ela e a exploram como sendo uma oportunidade, nem sempre vista pelos demais. São essencialmente inovadores, com capacidade para conviver com riscos e incertezas envolvidas nas decisões. Afirma que, o espírito empreendedor não é característica da personalidade de cada indivíduo, uma vez que qualquer um que necessite tomar uma decisão pode aprender a se comportar de forma empreendedora.

Para Oliveira (1995), o empreendedor é todo indivíduo que, estando na qualidade de principal tomador das decisões envolvidas, consegue formar novo negócio ou desenvolver

negócios já existentes, elevando substancialmente seu valor em determinado período de tempo e contexto sócio-econômico, tendo cultivado com isto prestígio perante a maioria das pessoas que conhecem esta empresa ou tem relacionamentos com ela.

O empreendedor é descrito também como um indivíduo com bastante iniciativa, agressivo para negócios, eterno farejador de oportunidades, ansiosos em ser patrão (e mais ainda em deixar de ser empregado) que se lança naquilo que gosta de fazer, sendo dinâmico e inquieto. Segundo Aquino (1987), o empreendedor é geralmente alguém dotado de muitas idéias, vocação para o risco , alguns impulsionados pelo lucro imediato, outros pelo prazer de criar, de fazer explodir seu potencial- todos, porém, excitados em administrar seu próprio destino.

A dinamicidade é outro fator diferencial dos empreendedores, isto porque, implementam as ações com comprometimento, transpondo os percalços com total vontade de fazer acontecer e fugir da rotina do dia-a-dia. Além disso, dedicam-se integralmente ao trabalho .

Eles se dedicam 24 horas por dia, sete dias por semana ao seu negócio. Comprometem o relacionamento com amigos, com a família e até mesmo com a própria saúde. São trabalhadores exemplares, encontrando energia para continuar mesmo quando encontram problemas pela frente. São incansáveis e loucos pelo trabalho (DORNELAS, 2001, p. 23).

Para Dolabela (1999), os empreendedores são considerados motor da economia, agente de mudanças, indivíduos que inovam, identificam e criam oportunidades de negócios, montam e coordenam novas combinações de recursos para extrair os maiores benefícios de suas inovações.

O empreendedor é um ser social, produto do meio em que vive, fenômeno regional, ou seja, existem cidades regiões e países mais empreendedores que outros, afirma Filion (1999). Para Cielo (2001), a tese de que o empreendedorismo é fruto de herança genética não pode ser relevada como única, ou seja, é possível que as pessoas aprendam a ser empreendedoras. Filion (1999) explica que a cultura empreendedora pode ser considerada como fruto de hábitos, práticas e valores das pessoas. Existem famílias mais empreendedoras do que outras, assim como cidades, regiões e países; o que comprova a teoria que empreendedores nascem por influência do meio em que vivem. Pesquisas indicam que as famílias de empreendedores têm maiores chances de gerar novos empreendedores e que empreendedores de sucesso têm um modelo, alguém a quem admiram e imitam (Filion 1999).

Empreendedores são fruto do capital social, ou seja, de tudo aquilo que vão adquirindo ao longo de suas vidas : sociedade em que vivem, a família, a escola, os amigos e que dependendo destes fatores tem-se pessoas mais ou menos propensas ao empreendedorismo. Certamente, não faz-se necessário ser alguém dotado de traços raros ou exclusivos para ser empreendedor, nem mesmo o sucesso destes indivíduos parecer ser uma questão de sorte ou acaso, mas decorrência de um conjunto de atitudes adequadas perante a vida, fruto do ambiente em que está inserido, ressalta Cielo (2001).

Para Farrel (1993) :

Empreendedores não nascem feitos, não são fabricados e nem são pequenos gênios. Eles acontecem em função das circunstâncias. Seu objetivo final não é tornar-se milionário, as realizações são suas metas. Não possuem um caráter indefinido, não estão prontos a passar por cima das leis, nem estão à espreita de um trouxa para tirar a vantagem. Sua análise de risco é relativa; eles consideram mais arriscado deixar seu futuro nas mãos de outras pessoas. Ser empreendedor não significa abrir um negócio, mas se tornar competitivo. (FARREL,1993,p. 166).

Dolabela (1999) vê ainda o empreendedor como alguém que define por si mesmo o que vai fazer e em que contexto será feito.

Ao definir o que vai fazer, ele leva em conta seus sonhos, desejos, preferências, o estilo de vida que quer ter.

Dessa forma, consegue dedicar-se intensamente, já que em seu trabalho se confunde com o

prazer.(DOLABELA, 1999,p. 68).

Esse mesmo pesquisador, vai além ao relacionar o empreendedor com o sonho, estabelecendo que empreender é buscar constantemente realizar um “sonho concretizante” . Ao tentar buscar, este sonho se renova, e assim também a atividade empreendedora o faz, numa espiral de desenvolvimento humano.

Filion (1999) afirma em sua percepção do empreendedorismo, que :

Fundamentalmente, o empreendedor é uma pessoa que acredita que pode realizar e consegue assumir para si a transformação de uma oportunidade imaginária, numa realização concreta. (FILION, 1999, p.19).

Tanto para Filion (1999) como Dolabela (1999) apontam que o empreendedorismo no meio acadêmico é um campo onde existe diferenças e disparidades a respeito das exatas definições do empreendedor. Porém, pode-se perceber que há consenso entre os estudiosos de que, o que distingue o empreendedor das outras pessoas é a maneira como este percebe a mudança e lida com as oportunidades, a presença da iniciativa para criar um negócio novo, paixão pelo que faz aliada a utilização de recursos disponíveis de forma criativa, transformando o ambiente social e econômico onde vive e finalmente a presença de uma grande facilidade para assumir riscos e possibilidade de fracasso, afirma Cielo (2001).

Nos parece, segundo confirmam Oliveira (1995) e Filion (1999) que o empreendedor pode se desenvolver na sociedade. É necessário pois que se estruture um ambiente favorável a aceitação da ação empreendedora, destaca Filion (1999).

Empreendedores não são frutos unicamente de suas habilidades e talentos pessoais : em contextos sociais, econômicos e políticos nos quais as oportunidades para empreender rareiam, empreendedores simplesmente não irão aparecer. Igualmente, muitos empreendedores não desenvolveriam personalidade voltada para empreender se não houvesse condições para o fazer, ditadas pela sociedade em que se inserem, além disso, dificilmente teriam como depurar e pôr em prática, talentos pessoais, não houvesse o contexto social condições para tanto. Assim, empreendedores são fenômenos social antes de serem um fenômeno psicológico, confirma Oliveira (1995)

Este autor comenta também, que pode-se sintetizar em quatro principais fatores isolado, os elementos, que mesmo em sociedades complexas, sejam capazes de produzir situações que favoreçam o aparecimento de empreendedores.

O primeiro deles é a herança de conjuntura política econômica e social conducente ao desenvolvimento de certos tipos de negócio. Assim, empreendedores frente a situações muitas vezes desfavoráveis são capazes de formar verdadeiras fortunas. Outro, é o desenvolvimento de tecnologias de ponta que levam ao surgimento de novas áreas de negócios aos que soa capazes de vê-los como oportunidades para empreender.

O desemprego, tanto estrutural quanto o conjuntural, também força os indivíduos a buscarem alternativas ao trabalho regular remunerado, a fim de suprir suas necessidades de subsistência. Além do desemprego, o emprego insatisfatório pode ser tido como fato estimulador do espírito empreendedor. Para Oliveira (1995), um bom emprego é mais desastroso na vida das pessoas do que o contrário. Isto porque o detentor de um bom emprego acostumado com o conforto que desfruta, satisfeito com a familiaridade que tem com os problemas do trabalho, tem pouca disposição para buscar patamares superiores de realização, de ser dono de seu próprio negócio. Ao contrário daquele que insatisfeito com o trabalho, busca alternativas para maximizar seus rendimentos e muitas vezes lança-se como empreendedor.

O último fator elencado como favorável ao surgimento de empreendedores, diz respeito às migrações, pois o fato de se verem repentinamente em outras sociedades, em

confronto com outras culturas, geralmente sob condições extremamente desfavoráveis, exigindo esforços e impondo sacrifícios não raro acabam por conduzi-los a progredir na vida. A imigração frequentemente implica a violação de laços com ancestrais e com a família de modo geral. Menciona também que imigrantes são uma categoria que não inclui apenas aquelas que se transferem em definitivo de um país para outro, mas também aqueles que migram de uma região para outra dentro de um mesmo país, o que aumenta ainda mais a possibilidade de encontrar empreendedores dentre os imigrantes. Roberto Grun (2002) em seu estudo sobre a etnia dos armênios reforça o contexto influenciador da cultura comerciante nos imigrantes.

Entendemos, portanto, que o ambiente externo ao empreendedor corrobora decisivamente para seu desenvolvimento. Todavia, de que adianta um contexto empreendedor favorável se as pessoas não desejarem empreender? Precisamos entender o que faz internamente a pessoa desejar ser empreendedora, quais suas necessidades para empreender ?

Sabemos que quando as necessidades básicas do indivíduo para sua sobrevivência começam a ser atendidas, em lugar destas outros níveis se tornam importantes, e esses motivam e dominam o seu comportamento, defende Maslow (2000). Quando tais necessidade são até certo ponto saciadas, outras emergem e assim sucessivamente em toda a hierarquia.

Segundo Longen (1997), o empreendimento é o meio pelo qual o empreendedor busca satisfazer suas necessidades, em consonância com seus valores, com o uso dos conhecimentos e habilidades.

O empreendedor possui inúmeras necessidades que o influenciam. Lezana e Tonelli (1998) fazem uma descrição das principais necessidades do empreendedor. A primeira delas diz respeito à aprovação. Geralmente o empreendedor deseja conquistar uma alta posição na sociedade, ser respeitado pelos amigos, aumentar o *status* e o prestígio da família, conquistar algo e ser reconhecido por isso. Assim, pode-se dizer que o empreendedor tem necessidade de ser aprovado pelos seus conhecimentos, de obter a aprovação dos demais, vindo na empresa a maneira de mostrar que é capaz, reforça Cielo (2001).

Segundo Sheedy (1996):

A necessidade de reconhecimento é uma das primordiais na vida do empreendedor, pois sem ninguém para dar-lhe uma nota 10 e passá-lo para a próxima série, e sem ninguém para reconhecer suas qualidades,

realizações e integridade profissional, o empreendedor talvez esteja convencido que suas realizações devem-se à sorte e às circunstâncias. (SHEEDY,1996,p. 34).

Para Cielo (2001), outra necessidade latente nos indivíduos considerados empreendedores é a independência, sendo de suma importância seu ponto de vista no trabalho e obter flexibilidade, tanto em âmbito profissional quanto familiar, tendo condições de controlar seu próprio tempo. Necessitam também, ser livres para confrontar-se com problemas e oportunidades de analisar e fazer crescer um novo empreendimento, crendo que o momento é da sua vida. No entanto quando da concretização do empreendimento, grande parte dos desejos de liberdade são cerceados, em decorrência da excessiva carga de trabalho, defende esta pesquisadora.

Lezana e Tonelli (1998) comentam que os empreendedores têm ainda uma forte necessidade de auto-desenvolvimento, precisando ser inovador, estando na vanguarda do desenvolvimento tecnológico para aproveitar as oportunidades. Muitas pessoas criam seus próprios negócios por possuírem uma grande necessidade de se desenvolverem e as organizações que atuam nem sempre oferecem espaço suficiente para o desenvolvimento.

As necessidades destinadas à proteção contra perigos reais ou imaginários são denominadas de segurança. A empresa passa a ser vista como um meio para o empreendedor sentir-se seguro, esperando que a mesma gere lucros suficientes para levar uma vida digna. A empresa pode ser vista como um meio para o empreendedor sentir-se seguro em relação a uma série de fatores como desemprego, estabilidade entre outros. Porém essas necessidades geralmente não encontram sua satisfação, em detrimento de inúmeras circunstâncias que o mundo competitivo lhes impõe, contesta Cielo (2001).

Outra necessidade do indivíduo empreendedor é a de auto-realização, ou seja, necessidade em maximizar seu potencial. O empreendedor visualiza a empresa como um local onde suas capacidades podem ser aperfeiçoadas e utilizadas e, em consequência obtêm a realização pessoal, afirma Lezana e Tonelli (1998).

Podemos concluir, que a reflexão e análise de suas realizações fazem com o empreendedor aumente sua autoconfiança e suas habilidades. Se faz importante aprofundar que o empreendedor, é fruto de um contexto social, onde se inclui a escola e a história familiar, de onde emerge seus valores como indivíduo.

É importante considerar que a busca por suas necessidades individuais e a presença de um contexto favorável ao desenvolvimento empreendedorístico, tornam-se pontos importantes na sua formação empreendedora .

Em nosso estudo, se faz necessário conhecer aspectos influenciadores na formação do empreendedor, verificando a educação via escola formal e agentes disseminadores do empreendedorismo, confrontando com a história familiar e seu contexto valorativo dentro da sociedade capitalista.

2.3 Estratégias educacionais pró-empendedorismo

Toda discussão que se pretenda ter acerca da educação pressupõe que se leve em conta a situação econômica, social e política do País. As influências das correntes neoliberais em ação tem provocado um impacto nos diversos segmentos da sociedade, e isso se expressa também na educação.

Nossos desafios dizem respeito não só às mudanças no ensino, mas também à visão que a nossa sociedade tem do mundo do trabalho. Os valores do nosso ensino não sinalizam para o empreendedorismo, estando voltados em todos os níveis, para a formação de profissionais que irão buscar emprego no mercado de trabalho, afirma Filion (2000).

O sistema de educação é concebido como se empregos esperassem pelas pessoas no final do percurso. Os programas escolares, da escola primária à universidade, deveriam ser elaborados, não somente em função dos empregos existentes, mas também desenvolvendo o interesse empreendedor nos alunos.(FILION,2000, p. 39).

Todavia, alguns questionamentos são colocados frente ao contexto empreendedor que emerge atualmente. Por que introduzir a cultura empreendedora em nossas escolas? Quais motivos estão por trás da necessidade de motivar os nossos jovens a abrir o próprio negócio ou ter atitudes empreendedoras na área que escolherem para atuar?

Fernando Dolabela (1999), aponta dentre as razões para disseminar a cultura empreendedora o estímulo ao desenvolvimento da comunidade, reconhecendo a importância da diversidade cultural, que enriquece enquanto povo e nação, acreditando na capacidade de protagonizar os sonhos e construir o futuro. Empreender significa aumentar a auto-estima, a capacidade e o hábito cotidiano de nos indignarmos diante das iniquidades sociais. Esse autor acredita que é principalmente construir a capacidade de cooperar, de dirigir energias para a

construção do coletivo. Afirma que é substituir a lógica do utilitarismo e do individualismo pela construção do humano, do social da qualidade de vida para todos .

O debate sobre a educação empreendedora vem se ampliando a ponto de ser inserido nos ambientes preocupados com o desenvolvimento humano, social e econômico de nosso País.

Algumas considerações são evidenciadas frente ao crescimento da educação para o empreendedorismo no Brasil e nos países em desenvolvimento.

A primeira diz respeito a conjuntura econômico-social nas últimas décadas no Brasil, traduzida pelo crescimento populacional contrastada pela estagnação no volume de emprego e geração de renda. Esta situação fomenta em parte um maior interesse da sociedade na abertura de micro-pequenas empresas, ou seja, no interesse econômico pelo empreendedorismo, mais pela necessidade de sobrevivência.

No relatório executivo de 2002 do Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2002), coordenado pela *London Business School* (Inglaterra) e pelo *Babson College*(EUA), o Brasil aparece com mais de 14,4 milhões de pessoas que estavam envolvidas com alguma atividade empreendedora de negócios, ou seja, 1 em cada 7 brasileiros estava empreendendo, fato este que coloca o país em sétimo lugar na classificação mundial. Esse mesmo relatório distingue que o Brasil é um país com uma taxa mais elevada de empreendedores por necessidade, aproximadamente 60%, sendo que os outros 40%, são de pessoas que empreendem aproveitando uma oportunidade de melhoria e crescimento.

Esta distinção das condições que intervêm na decisão de estabelecer uma nova empresa permite vislumbrar a possibilidade de uma ação mais efetiva com melhores resultados ao tratar de políticas e programas para estes segmentos. A indicação referendada neste relatório, sugere que o crescimento do número de empreendedores no país deve ser melhor trabalhado pela sociedade, ampliando-se a base de disseminação e estratégias de fortalecimento da capacidade empreendedora, particularmente, via processos educacionais que promovam no indivíduo sua melhor condição de competitividade no mundo neoliberal, tais como :

O reforço e a disseminação de uma cultura empreendedora, promovida por instituições diversas como, por exemplo, as escolas de primeiro e segundo graus, as universidades e institutos. O envolvimento dos meios de

comunicação na divulgação de histórias de sucesso. A valorização de empreendedores modelos, concursos nacionais incentivando a criação de novos negócios, entre outras ações possíveis. (GEM,2002, p. 40).

Nesse sentido, se apresenta uma necessidade de instituições que dêem suporte educacional a esta crescente demanda. O papel da educação não formal e voltada ao trabalho se faz mister neste contexto de interesse populacional pelo empreendedorismo. É o ambiente neoliberal forçando a sociedade em busca de alternativas no mundo do trabalho, que não sejam aquelas tradicionais tal como o emprego formal.

Graças a inúmeros programas e ações visando a formação de empreendedores o Brasil, de acordo com Cielo (2001), entrou no novo milênio com todo o potencial para desenvolver um dos maiores programas de ensino de empreendedorismo de todo mundo, comparável apenas aos dos EUA, onde mais de 1100 escolas ensinam empreendedorismo. Todavia, este universo de instituições disseminadoras do empreendedorismo no Brasil ainda nos é desconhecido, ressaltando-se mais expressivamente as atuações nacionais de algumas instituições de ensino superior e ainda do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio as Micro Pequenas Empresas) e o IEL (Instituto Euvaldo Lodi), não desconsiderando às inúmeras associações empresariais e não empresariais que atuam regionalmente em cada canto do país.

Uma segunda questão a ser considerada em relação ao desenvolvimento da educação para o empreendedorismo é a percepção que devemos ter sobre as necessidades de conhecimento em que se assentam os empreendedores, já que sabemos que é possível educar para o empreendedorismo tal como defendem Filion (1999), Farrel (1993), Oliveira (1995) e Dolabela (2000).

Para formar novos empreendedores é necessário entender as demandas educacionais dos empreendedores que iniciaram, que desistiram e aqueles estão em ação, podendo-se assim, sinalizar um referencial construtivo para os demais.

Para Cielo (2001), alguns estudos realizados demonstram que os empreendedores podem ser identificados em qualquer segmento da população. As características que compõem a personalidade do empreendedor são comuns a praticamente todos os mortais. Apenas em alguns essas características estão mais pronunciadas que em outros. Contudo, é possível formar empreendedores, dotando-os de algumas ferramentas básicas para o desenvolvimento de suas idéias, defende esta pesquisadora.

Filion (1999), comenta que estratégias educacionais que promovam o empreendedorismo devam considerar que não se pode ensinar empreendedorismo como se

ensinam outras matérias. Mas o empreendedorismo se aprende. É possível conceber programas e cursos como sistemas de aprendizado adaptados à lógica desse campo de estudo. A abordagem deve levar o aluno a definir e estruturar contextos e compreender várias etapas de sua evolução.

A que se considerar, portanto, que tanto no papel da educação formal ou como da educação não formal, os interesses pelo aprendizado mais utilitarista estarão sempre presentes, face sobretudo, as necessidades de conhecimento do empreendedor.

Por outro lado, Filion (1999), aponta que não existe necessariamente nenhuma ligação entre o nível de aprendizado escolar e o sucesso dos negócios. Todavia, a complexidade imposta atualmente no mundo da competitividade neoliberal, exige um novo tipo de empreendedor, capacitado e preparado para enfrentar com conhecimento e inovação os desafios que lhe são impostos diariamente.

O conhecimento necessário ao empreendedor deve, portanto, ser considerado ao se tratar sobre estratégias educacionais para a disseminação do empreendedorismo.

Segundo Longen (1997), os conhecimentos representam o que as pessoas sabem sobre si mesmas e sobre o ambiente que os rodeia. O conhecimento sobre influencia do ambiente físico e social, pela estrutura e processos fisiológicos, bem como pelas necessidades e experiências anteriores de cada ser humano.

De acordo com Lezana e Tonelli (1998), o conhecimento faz parte deste grupo por ser ele estruturado através da prática e da observação. O conjunto de conhecimentos é resultante do processo de aprendizagem que ocorre através do tempo, sofrendo constantes modificações e gerando mudanças no comportamento dos indivíduos.

Cielo (2001), afirma que os conhecimentos funcionam como pontos de referência para a compreensão dos fenômenos e como base para o desenvolvimento de habilidades. Quanto mais ampla a gama de conhecimentos de que a pessoa dispõe, maior também se torna a quantidade de fenômenos que ela é capaz de interpretar.

Para Echeveste (1998), o conhecimento, é definido como um conjunto de informações, como o saber que o indivíduo deve possuir de forma a atender às exigências do mercado. Drucker (1993), afirma que o empreendedor vê o conhecimento como um meio para chegar aos fins do desempenho organizacional.

Segundo Cielo (2001), pequenos empreendedores não costumam dar muita importância em aumentar seus conhecimentos. No entanto, com a mudança dos tempos essa desatenção deixa-os fora do mercado e ainda reduz a autoconfiança.

Muitos deles afirmam não terem tempo, outros simplesmente não dão valor a aprender, outros ainda acreditam já saber tudo ou pelo menos tudo o que precisam para dirigir seu empreendimento. (CIELO, 2001, p. 29).

Para Cielo (2001), conhecimento não é apenas informação sobre o quê e como. É uma compreensão muito mais ampla que inclui todas as técnicas e informações que o empreendedor tem de dominar e que são fundamentais para o bom desempenho de seu negócio, sabedoria, aprendizado, experiência, consciência, discernimento, visão interior, avaliação e lucidez.

Os autores Lezana e Tonelli(1998), destacam assim como Filion (1999), a importância da escolaridade, uma vez que o empreendedor deve possuir um nível de escolaridade mínima, que lhe permite lidar de modo satisfatório com as pessoas, além de ter condições de entender e interpretar a realidade. Aliada a escolaridade é imprescindível ao empreendedor ter formação complementar, aquisição de conhecimentos novos ou atualização dos que já possui, a partir de interesse particular ou de necessidade gerada pelo negócio.

Segundo Longen (1997), os conhecimentos pertinentes ao comportamento do empreendedor podem ser entendidos dessa forma ;

- a) Conhecimento dos aspectos técnicos relacionados ao negócio – é o conhecimento relativo aos atributos dos produtos ou serviços que a empresa irá oferecer bem como aos processos relacionados;
- b) Conhecimentos adquiridos por meio da experiência na área comercial;
- c) Escolaridade – o nível educacional deve ser minimamente relacionado às exigências do empreendimento;
- d) Formação complementar – atividade permanente para acompanhar a complexificação crescente das exigências do mercado e da sociedade;
- e) Vivências com situações novas – realização de viagens, mudanças, desenvolvimentos de novos projetos ou produtos, etc..

Oliveira (1995), aponta para a necessidade de que o empreendedor adquira conhecimentos daquele negócio onde pretenda atuar, buscando vivências. Lezana e Tonelli (1998), destacam a vivência com situações novas, o que facilita a superação de problemas e permite ao empreendedor enfrentar às mudanças ou fatores inesperados com menos insegurança e mais consciência da realidade. Destacam também a experiência em empresas, considerado como fator diferenciador, pois enquanto alguns tipos de conhecimentos podem ser transmitidos por outros, a experiência não. Para um empreendedor, trabalhos anteriores em

empresas possibilitam um bom entendimento prévio de alguns setores ou funções de sua futura empresa.

Para Cielo (2001), na prática, dificilmente empreendedores se enquadram em apenas uma das modalidades de conhecimentos, mas uma complexa combinação de vários fatores. A falta de conhecimentos sobre o negócio talvez, segundo Cielo (2001), seja um dos motivos que levam a falência empresas criadas por jovens entusiasmados, mas sem o devido preparo.

Devemos considerar que para se desenvolver uma pedagogia do tipo empreendedora, o entendimento das necessidades dos empreendedores por conhecimento passa ser um ponto importante. Há evidentemente, neste contexto, de se considerar nesta formação do empreendedor, a compreensão de que as instituições ofertadoras do conhecimento para o empreendedorismo estão voltadas cada vez mais a atender o caráter de desenvolvimento do indivíduo, de modo que este consiga enfrentar com profissionalismo a realidade imposta no mercado capitalista.

Observando os objetivos e conteúdos dos cursos ofertados por instituições que atuam neste contexto, deixam nos claro este caráter de fortalecimento no indivíduo da iniciativa e competência empreendedora, sinalizando sua estratégia educacional para o mundo do trabalho, considerado este novo ambiente de pressão no emprego e geração do denominado auto-emprego, via empreendedorismo.

De fato, estas instituições colaboram para a formação do empreendedor na sociedade, atuando com os sujeitos, particularmente após terem concluído seu processo de escolarização formal (caso do IEL), e quando, mais precisamente estes se encontram diante do desafio de procurar um emprego ou empreenderem autonomamente.

CAPÍTULO 3

EDUCAÇÃO, EMPREENDEDORISMO E FAMÍLIA

3.1 A importância da família na formação pró-empendedorismo

Na vida biográfica de empreendedores, além dos aspectos da sua formação, escolarização, habilidades, conhecimentos, valores, atitudes, contexto sócio-econômico, se deve considerar também o contexto familiar, ou seja, a influência que a família exerce sobre o desenvolvimento do potencial empreendedor .

O contato com o ambiente familiar, da escola, de amigos, do trabalho e da sociedade possibilita o desenvolvimento de algumas características de personalidade e talentos e ao mesmo tempo pode bloquear e enfraquecer outros, afirma Vera Pati (1995). Esse processo ocorre ao longo da vida dos indivíduos através das circunstâncias que se depara e que fazem parte de sua história.

Para Oliveira (1995) parece claro que a trajetória profissional dos pais principalmente quando bem sucedida, de alguma forma, influencia a dos filhos, levando-os a seguirem a trajetória. Embora haja uma alta probabilidade de que a profissão dos pais exerça influencia sobre a dos filhos, há casos em que a influencia ocorre no sentido oposto, e os filhos evitam deliberadamente seguir a trajetória dos pais .

Senna (1987), em sua proposta para formação de jovens considera a importância do exemplo dos pais;

Quantos pais de família detentores de diploma de curso superior estão exercendo funções, em empresas públicas e privadas, cujas atividades em nada exigem essa formação ? Como reagem essas pessoas ? Quais os reflexos nos jovens de sua família ? É evidente que a frustração instalada nessas pessoas se refletirá no comportamento de suas famílias e as crianças terão uma idéia totalmente distorcida do valor do trabalho. (SENNA, 1987, p. 117).

A importância da trajetória familiar para o desenvolvimento do empreendedorismo é reforçada por Dolabela (1999) quando comenta que a marca da família constitui de fato, uma referência, um ponto de partida que o empreendedor considera. Em muitos casos

permanece nos negócios da família, implementando mudanças, em outros, apenas permanece no mesmo ramo de negócio, sem ser especificamente no mesmo negócio da família.

Filion (1999) comenta ainda, que outro aspecto a ser abordado no contexto familiar propício ao surgimento de empreendedores, são as chamadas diretrizes psicológicas, ou seja, os comportamentos, atitudes absorvidas pelas crianças através dos pais e demais pessoas com as quais convive.

Nesse sentido Oliveira (1995) , nos revela que :

Mais pelo comportamento do que pelas palavras, os pais ensinam os filhos, ainda muito pequenos, como encarar a vida em geral, o trabalho, as relações pessoais (...)
No caso de empreendedores é bem provável que muitos tenham recebido na infância, mensagens apontando para a crença de que teriam de lutar por tudo que quisessem conquistar na vida (OLIVEIRA,1995,p. 146).

Autores como Dolabela (1999) e Filion (1999) e Oliveira (1995) são unânimes em afirmar que a marca da família constitui uma referência, um ponto de partida que o empreendedor leva consigo, tanto de forma direta – seguindo no mesmo ramo de negócio dos pais – ou de forma indireta – adulez precoce, existência de cenas primais, diretrizes psicológicas e outras.

3.2 A família e a formação de valores

Ao buscarmos compreender o indivíduo empreendedor e seu processo de formação, se faz importante considerarmos o ambiente familiar e seus valores.

É importante lembrar aquilo de Minayo (1999) ressalta :

A família é um espaço onde se definem papéis sociais de gênero, cultura de classe e se reproduzem as bases do poder. É ainda o locus da política, misturado no cotidiano das pessoas, nas discussões dos filhos com os pais, nas decisões sobre o futuro, que ao mesmo tempo tem o mundo circundante como referência e o desejo e as condições de possibilidade como limitações. Por tudo isso é o espaço do afeto e também do conflito e das contradições. (MINAYO,1999,p. 83).

As contribuições da família para a formação de novos empreendedores carregam consigo ainda um conjunto de crenças, preferências, aversões, predisposições internas e julgamentos que caracterizam a visão de mundo do indivíduo, o que denomina-se de valores, defende Longen (1997) . Eles constituem o grupo de elementos culturais que mais contribui para o desenvolvimento das características individuais.

Os valores determinam a definição de bom e mau e, portanto, estão intimamente relacionados aos ideais compartilhados por um grupo, comenta Cielo (2001).

Uma definição mais ampla sobre valores é apresentada por Alves (1997) :

... valores são as noções compartilhadas que as pessoas têm do que é importante e acessível para o grupo a que pertencem. Eles atuam como padrões quanto à forma de

sentir e de agir, e como roteiros ou critérios para escolha de objetivos ou soluções alternativas, em uma circunstância qualquer. Brotam do ambiente que circunda o indivíduo (percepções, experiências, aprendizagens, convivências, educação familiar) e ser vem como guias que dão sentido à vida dos membros do grupo, integrando as suas atividades. (ALVES,1997,p. 10).

Os valores dos empreendedores são características adquiridas ao longo de sua vida, que influenciam o seu comportamento diante de uma situação e que determinam a forma como conduzem os negócios nas organizações e servem de orientação para o seu trabalho.

Os valores caracterizam a visão do mundo do indivíduo. Percebe-se facilmente sua relação com o comportamento, pois os valores influenciam as diversas etapas do processo comportamental. Particularmente, na etapa da decisão, eles têm papel significativo. O critério para levar a cabo uma decisão será fundamental nos valores do indivíduo. Assim, a alternativa a ser escolhida deverá obedecer aos valores vigentes. Portanto, os valores definirão o que o empreendedor gostaria de fazer em relação a sua vida pessoal e à sociedade . (LEZANA, 1998, p. 57).

Cielo (2001) comenta os valores dos empreendedores pela classificação de Empinott, estando assim descritos :

Valores existenciais : referem-se a todos os aspectos, dimensões e níveis da vida humana, constituindo-se num dos principais referenciais na constituição da visão de mundo dos indivíduos.

Valores estéticos : são aqueles ligados a sensibilidade, incluindo desde os sensoriais adequados aos cinco sentidos até a arte mais requintada e suas inúmeras formas de expressão.

Valores intelectuais : dizem respeito ao intelecto humano, isto porque é através da inteligência que se processa a leitura da realidade. Assim, aprimorar e cultivar os valores intelectuais é de fundamental importância para o ser humano.

Valores morais : referem-se à doutrina, princípios e normas, padrões orientadores de procedimentos humanos. Através destes valores é possível distinguir atos humanos, que implicam em consciência e liberdade, de atos do homem, os que são determinados pela natureza físico-psicológico. É através do pleno exercício e aplicação dos valores éticos que se forma o homem honesto, virtuoso, cumpridor de seus deveres como profissional e cidadão.

Valores religiosos : referem-se à religiosidade como forma de significados da finitude e precariedade do ser humano. O conceito que os povos têm a respeito de Deus, em geral, estabelece normas e rituais sob formas variadas. Quando existe algum tipo de fanatismo na maioria das vezes, atrapalha seu empreendimento.

No entanto, para o empreendedor, todos os valores interferem de forma significativa no seu empreendimento. Os existenciais, pois visualizam a possibilidade de obter dinheiro e conseqüentemente ter acesso aos demais padrões (saúde, alimentação, lazer) . Os estéticos, na medida que influenciam no modo de ser de todos os indivíduos em suas relações

com o meio. No âmbito organizacional esses valores podem ser percebidos através da organização, da limpeza, do vestir-se, etc. Os morais, por estarem intimamente ligados às relações sociais, à forma de vida em sociedade, configurando, desse modo, o comportamento do empreendedor em relação à sociedade, comenta Cielo(2001).

3.3 A família da classe média e o empreendedorismo

O contexto de enfrentamento das questões neoliberais no mundo do trabalho, sob um ponto de vista de valorização do empreendedor, vem encontrando terreno fértil na camada social média, a qual luta para que suas condições de mobilidade e ascensão retomem níveis anteriores, particularmente na sociedade brasileira.

A reportagem da revista *Época* (n. 211 de junho 2002) aponta para *A queda da classe média e sua esperança de retomada do crescimento que alcançava nas décadas gloriosas*. Nessa reportagem, o professor da Fundação Getúlio Vargas, Jorge Mattos, entre outros profissionais, destacam que em 05 anos houve um empobrecimento de até 34% desse segmento social . O desemprego cresceu mais de 600% nos últimos dez anos.

O culto ao emprego era uma marca, um valor transmitido de pai para filho. Antes se passava uma vida numa mesma empresa, mas agora, com sorte, os filhos pulam de trabalho em trabalho. (...) Os pais de classe média devem preparar seus filhos para essa nova condição. Devem convencê-los da necessidade de uma excelente formação, que garanta a competitividade, e tirar da cabeça a fissura pelo emprego formal. Com esse enfoque o aperfeiçoamento profissional é a única saída para brigar melhor no mercado, embora um diploma universitário não seja mais garantia de coisa alguma. (REVISTA EPOCA,2002,p.73).

O reflexo das mudanças no mundo do trabalho, particularmente, sobre a classe média, faz com que a mesma busque alternativas como o empreendedorismo para realizar suas intenções de ascensão social e sua reprodução. Embora a classe média tenha reduzido seu potencial de consumo nas últimas décadas no Brasil, prevalece ainda características de valor na sua formação sociocultural. Entre estes valores, inclui-se a educação.

Em sua pesquisa *Auto-retratos da classe média : hierarquias de culturas e consumo em São Paulo*, a pesquisadora Maureen O’Dougherty (1998), comenta este aspecto :

Tanto as práticas (especialmente o investimento em educação) quanto os discursos me fazem crer que a crise não distorceu as táticas da classe média, ao contrário, reforçou-as exageradamente. Continuou havendo uma grande confiança nos méritos da educação como recurso para viabilizar o futuro dos indivíduos e das famílias, mesmo com as novas condições econômicas restritivas da década de 90.(O DOUGHERTY,1998,p. 16).

Candido Gomes (1989), estudando o paradigma do conflito no Brasil, nos revela que :

A educação superior é vista como um processo de qualificação do indivíduo para ocupar posições sociais superiores, capaz de conduzir e consolidar a ascensão social da família pequeno burguesa. Por isto, deslocam-se para a educação valorizações negativas e críticas a respeito da estruturação social existente. Mas ainda, como esta camada valoriza a educação como fator de ascensão social, procura ao mesmo tempo manter o seu conteúdo tradicionalista. Desta forma, a educação superior converte-se em técnica de aceitação e de acomodação do status quo. (GOMES,1989,p. 61).

A reportagem da revista *Época* (n.211 de junho de 2002, p.74), citada anteriormente, apresenta o seguinte depoimento de um funcionário do Banco do Brasil :
“Renunciei a muita coisa para dar educação a meus filhos. Acho que é um valor da classe média.”

No seu estudo realizado com famílias de São Paulo, Maureen O Dougherty (1998) verifica que :

O grupo de famílias da classe média entrevistada como um todo demonstrou apegar-se firmemente à educação e ao esclarecimento cultural como meios de alcançar e manter a condição de membros da classe média e também como uma marca distintiva dessa posição social. Essas pessoas construíram sua posição de uma superioridade quase moral, tendo como base a educação e a cultura . (p 10)

Uma busca pela ascensão social via empreendedorismo, pode ser observada no estudo de famílias imigrantes características da classe média, realizado por Roberto Grun (2002) :

No período atual, quando se destaca o vigor ressuscitado das idéias liberais, da apologia da livre-empresa e do empreendedor, a situação se matiza . A disputa pelo ponto mais alto da hierarquia social torna-se cada vez mais complexa, pois, ao mesmo tempo em que a figura do negociante intrépido se valoriza, não se trata simplesmente de inverter o sinal da antiga desconfiança que a sociedade depositava no comerciante, mas da produção de um novo tipo de empreendedor, ungido por um diploma superior, que faz da administração um arte nobre. (GRUN,2002,p. 69).

A combinação do investimento em educação, visando uma melhor condição profissional, aliada a constante presença e crescimento da figura do empreendedor, como modelo na escala social, ressalta a valorização da cultura empreendedora na classe média, tal como citada por Grun (2002). Este fato estimula a disseminação dessa cultura a outros segmentos da sociedade, até então não sensibilizados pelos valores do mercado empreendedor.

Nesse contexto, Roberto Grun (2002) cita como referência a influência dos imigrantes armênios na sociedade :

(...) as formas de socialização que intervêm na criação do gosto pelo negócio nos descendentes de imigrantes expandem-se para as classes médias e altas em geral, da mesma forma que se expandiram em outros tempos os elencos de qualidades necessárias ao “bom funcionário”. (GRUN,2002,p. 72).

O exemplo dos imigrantes armênios, estudados por Grun (2002), fornece pistas para uma arqueologia da onda atual de empreendedorismo e para a pregação neoliberal na nossa sociedade.

Para esse pesquisador, ainda que desapercibidas ou encobertas pelas nossas “viseiras acadêmicas”, essas tendências sempre tiveram forte presença na sociedade brasileira, esperando apenas uma oportunidade para espriar-se.

3.4 Estratégias de famílias de empresários para inserção do jovem no mundo do trabalho

Como a classe média esteve durante muito tempo voltada a influenciar seus filhos para o mundo do emprego, interessa-nos compreender um pouco mais sobre o caso de famílias que optaram pela formação empreendedora para seus jovens.

Algumas questões se apresentam com maior ênfase em nosso entendimento das estratégias educacionais e de reprodução social em famílias de empresários; sendo a primeira, a iniciação precoce no mundo dos negócios influenciando na formação dos jovens, a segunda, o quadro envolto na relação sucessão familiar e jovens, e a terceira, a seleção do tipo de escola.

O velho ditado “*filho de peixe, peixinho é*” é muito observado também nas famílias oriundas de nações comerciantes, tais como os árabes, libaneses, armênios, entre outros. Por vários anos observamos na escolarização típica da classe média cuiabana, que descendentes destas nações assumiram desde cedo uma vocação para o comércio.

Para Maria Alice Nogueira (2002), em seu estudo sobre a escolarização de famílias de empresários, afirma que a influência dos pais na formação do jovem objetiva algo como sua reprodução social.

De fato, esses genitores se servem também (ou até mais) de outros tipos de estratégias para salvar ou elevar a posição do grupo familiar no espaço social. Nesse sentido, pude detectar estratégias de tipo econômico, tais como: preparar os filhos desde muito cedo para sua sucessão; associá-los à empresa paterna ou abrir para eles um pequeno negócio, ainda durante seu período de formação. (NOGUEIRA, 2002, p. 63).

O processo de formação do jovem, filho de pais empresários, assume em alguns casos, interesses ao qual o jovem figura apenas como um coadjuvante nas intenções da família. Roberto Grun (2002) em seu estudo sobre a influência familiar na etnia dos empresários armênios, cita o depoimento de um pai empresário:

Quando o menino tem doze anos, mais ou menos, ele começa a ir de manhã na escola e nas tardes ele já vai com o pai na firma de calçados, enquanto a menina, ela fica em casa estudando e ajudando a mãe; ele vai aprendendo o negócio. (...) passa

um tempo e parece até que o rapaz nasceu numa caixa de sapatos (tal é a facilidade com que ele se move no interior do ramo). (GRUN,2002,p. 68).

A iniciação precoce no ofício é o mecanismo clássico de formação de vocações, o que necessariamente pode não ser muito bem vista na sociedade. É interessante notar primeiramente que, com a iniciação precoce, o período de turbulência na fase vivencial do adolescente acaba sendo como que canalizado no negócio, afirma Roberto Grun (2002).

Em relação a iniciação precoce, Nogueira (2002) cita que :

Na verdade, boa parte dos jovens filhos de empresários, parece se inserir com mais intensidade no mundo do trabalho do que no da escola. Desde muito cedo estão em contato com o universo empresarial; nele passam a realizar experiências profissionais concretas ainda enquanto adolescentes e estudantes (inclusive a experiência do “aprender a ganhar dinheiro”); a partir daí desenvolvem o sentimento de que é nesse universo que reside a vida verdadeira e que a escola padece de um caráter excessivamente “abstrato”. (NOGUEIRA,2002, p. 63).

Ainda em relação a iniciação no mundo empresarial desses jovens, essa mesma pesquisadora aponta que :

Trata-se de uma verdadeira experiência do mundo dos negócios feita, na quase totalidade das vezes, nas empresas do pai ou da mãe; mas também, em alguns casos, em empresa própria, de pequeno porte, oferecida pelos pais. Em alguns casos (quase sempre masculinos), o jovem começa como office-boy e vai passando sucessivamente pelos vários setores da empresa, sob o argumento de que isso é bom “para aprender” e conhecer o funcionamento global de um estabelecimento. Em outros, já começa assessorando diretamente o pai ou a mãe ou nos diferentes departamentos que compõem a organização (jurídico, marketing, recursos humanos, etc) e que são mais afins com seu ramo de estudos. São, em geral, situações de trabalho bastante formalizadas, o que significa ter a carteira assinada, com horários e salários definidos . (NOGUEIRA,2002, p. 56).

A concepção de que a formação para o empreendedorismo deve começar cedo parece ser comum no meio empresarial. Em entrevistas coletadas por Dolabela (2000), em *A vez do sonho*, um dirigente empresarial declarou :

Fui muito feliz em saber formar equipes, inicialmente com meus irmãos, depois com meus nove filhos que trabalham comigo, cada qual dirigindo um negócio. Eles são sócios do negócio, mas , independentemente disso, trabalham. Alguns estão trabalhando desde os 11 anos. Eles nunca gostaram muito de estudar; estudaram somente para o gasto. (DOLABELA,2000,p. 125).

Um outro dirigente, também revelou que :

Todos nós , filhos de libaneses, trabalhávamos desde cedo no comércio. Com o tempo, surgiram melhores alternativas de vida do que ser apenas um comerciante. Trabalhei com meu pai dos 6 aos 13 anos de idade, quando ele faleceu. Eu trabalhava no balcão, era muito pequeno. Subia em uma caixa cheia de sabão em barra para atender o cliente. Desde os 6 anos , tinha horário para chegar, trabalhava até nos sábados e domingos, e tinha salário. (DOLABELA,2000,p. 232).

Evidencia-se, como expressão da necessidade de “primazia dos interesses familiares sobre os individuais”, que a iniciação precoce trabalha pela “formação de

vocações” para o mundo dos negócios, podendo ser, em alguns casos, originados de fatores culturais de etnias, tal como citado por Grun (2002) e Dolabela (2000).

Para Oliveira (1995), a influência familiar pode ser considerada também sob o aspecto da necessidade de sobrevivência, insuflando a iniciação precoce. Analisa que, a tríade: família humilde – vida dura – trabalho árduo, constante na vida de alguns empreendedores, que muitas vezes nascendo em famílias de pouco poder aquisitivo, crescem vendo os pais trabalhando muito para garantir a subsistência familiar e não raro precisam trabalhar desde muito cedo para auxiliar no orçamento familiar, assumindo uma carga muito grande de responsabilidade, que em geral tendem a receber somente na vida adulta .

Assim, tornam-se adultos precocemente, pois as etapas de seu desenvolvimento acabam por ser deslocadas para antes das épocas consideradas normais. Empreendedores poderão deixar de brincar mais cedo, começar a trabalhar mais cedo e iniciar sua vida de responsabilidade mais cedo que os outros. Segundo Oliveira (1995), além da iniciação no mercado de trabalho, fator preponderante a empreendedores, é através da luta dos esforços dos pais para se elevarem economicamente que os indivíduos percebem a importância do trabalho, da honestidade no proceder e o valor do dinheiro.

As famílias de empresários utilizam-se ainda de estratégias de formação de sucessores no contexto de inserção do jovem no mundo do trabalho. A sucessão familiar começa muitos anos antes, quando os filhos ainda são pequenos. Ao longo deste extenso caminho, que separa a infância do momento da transferência, muitas medidas são tomadas para a formação de base e o plano de desenvolvimento sucessório na empresa familiar.

A sucessão familiar, segundo João Bosco Lodi (1987), inicia pela formação de valores pelo trabalho.

A base do futuro sucessor é a educação que ele recebeu de sua família, a vocação despertada pelo legado de seus pais, o próprio comprometimento ético da família com a educação de seus filhos. Pode-se observar em algumas famílias a preocupação por destacar alguns valores ou o comprometimento com a atividade do fundador. A família Dupont educa muito de seus descendentes para serem grandes químicos. A família Rotschild forma banqueiros. A família C&A educa excelentes comerciantes de varejo. O caráter da família é, pois, o primeiro marco na viagem do futuro sucessor. (LODI,1987,p. 9).

Analisando o interesse familiar na sucessão empresarial, João Bosco Lodi (1987) afirma que os jovens são conduzidos a um processo de vivência no mundo dos negócios.

É importante ainda destacar a experiência de um trabalho fora da empresa familiar por um período de três a cinco anos. Trabalhar fora ajuda o jovem a encontrar sua identidade. Outra experiência útil para os jovens é a formação de uma pequena empresa pessoal onde possam aprender como generalistas todas as realidades da vida empresarial, desde as vendas até a contabilidade. Muitos jovens estão hoje aproveitando os anos de universidade para começarem o seu negócio próprio.

Algumas dessas pequenas empresas tornam-se tão solidas que os acompanham pela vida. (LODI,1987,p. 10).

A importância assumida pelos pais empresários, ao se dedicarem a trabalhar a sucessão familiar, pode ser explicada nos tempos atuais, a profissionalização torna-se cada vez mais difícil e por isso não se deve perder nenhuma “oportunidade”, que é a possibilidade aberta aos filhos de trabalharem na empresa familiar ou na de parente e conhecidos.

A sucessão familiar tem geralmente seu plano de desenvolvimento idealizado desde cedo, segundo Lodi (1987), onde a família influencia no jovem, visando dar conhecimento dos negócios que quer iniciar na empresa através de operações, começando pelo balcão, pelo depósito, pelas compras e vendas e pelo processo produtivo, subindo pela hierarquia.

As questões de iniciação precoce e o processo de sucessão familiar influenciam na formação do jovem, oriundo de família de empresários, projetando uma aparente espiral onde a educação e o mundo do trabalho se envolvem objetivando possibilitar uma ascensão social. Lodi (1987,p.10), afirma que a família empreendedora deve “*promover a educação continuada, ou seja, manter o contato com uma faculdade considerada como alma mater, onde continuará fazendo cursos e para cujos bancos voltará periodicamente para reciclagem*”.

Todavia, em alguns momentos a educação é preterida pelo trabalho, mas ela se faz sempre presente como valor familiar.

Percebe-se um ceticismo “privado” dos pais empresários quanto à escolarização e seu papel de preparação para o “mundo real”, as contradições internas que eles demonstraram entre, de um lado, a descrença no poder do diploma e, de outro, o reconhecimento de seu valor simbólico, não contribuem para a circulação doméstica de uma relação positiva e pessoal do jovem com a escola e não trabalham pela transmissão de um “gosto pela escola”, ou pelo interesse por aquilo que lá é ensinado. (NOGUEIRA,2002, p. 64).

A questão da escolarização, visto aqui pela educação formal, tem nas famílias de empresários essa abordagem cética que aparenta ser característica. Roberto Grun (2002) cita que a educação formal na escola é encarada pela família de empresários de determinada etnia, apenas como um meio para assegurar a reprodução social objetivada.

Ao investigarmos as falas e os comportamentos de famílias de comerciantes armênios, aparecem saliências(...) que denotam um uso bastante “particular” das oportunidades educacionais. Para esses grupos, as necessidades de assegurar a reprodução das particularidades culturais étnicas parecem se sobrepôr às possibilidades de uso maximizado das chances de promoção social que poderiam advir da busca e obtenção dos diplomas que consideramos os mais cobiçados na sociedade paulista. No caso específico das “nações comerciantes” que estudei, um dos objetivos centrais dos investimentos em educação é o desenvolvimento da capacidade do jovem em operar no circuito comercial de seus ancestrais ou em outro análogo, porém num nível de atuação mais elevado (da fabriqueta à grande fábrica, da lojinha à cadeia de lojas etc..) (GRUN,2002,p. 66).

Em seu estudo, Grun (2002) coloca sua percepção da estratégia educacional dos armênios onde aparece evidente que, os herdeiros em potencial dos negócios dessas famílias não sejam instruídos para tratar de “áridas questões teóricas”, mas “para a resolução de problemas práticos” que possam aparecer no cotidiano das empreitadas familiares.

A questão é tratada também como uma preocupação, por parte dos pais empresários, de escolher, para os filhos, estabelecimentos de ensino que propiciem a constituição de valores afins a seus interesses, os quais incluem também uma rede de sociabilidade predisposta a funcionar, no presente e no futuro, como capital social, nos termos de Bourdieu (1997).

(...) a transmissão da herança depende, para todas as categorias sociais (mas em graus diversos), dos veredictos das instituições de ensino (...) Até a partilha pela simples palavra do pai ou da mãe, depositários da vontade e autoridade de todo o grupo familiar, a instituição do herdeiro e o efeito de destino que ela exerce hoje cabe também à Escola cujos juízos e sanções podem confirmar os da família, mas também contrariá-los ou se opor a eles, e contribuem de maneira totalmente decisiva para a construção da identidade. (BOURDIEU,1997,p. 587).

A escola, portanto, é um importante agente utilizado pela família para fomento de valores empreendedores. Para Nogueira (2002), relativo ao seu estudo com famílias de empresários, aponta que;

(...) em relação ao critério de escolha pela escola declarados pelas famílias, menos importante do que a qualidade do ensino oferecido pelo estabelecimento, parecem, para esse grupo social, a dimensão moral do processo pedagógico (abertura moderada) e a qualidade da clientela. Isto é, esses pais optam por instituições que imaginam oferecer um ambiente social seletivo, homogêneo e consoante com os padrões da família (escola como continuação da casa). (NOGUEIRA,2002,p.55).

Assim, o que parece preponderar, no caso das famílias de empresários, no ato de escolha da escola é menos o valor “acadêmico” de um estabelecimento, e mais seu valor “social”. Em sua pesquisa Nogueira (2002) confirma que a escolaridade dos filhos desse segmento se desenrola, de ponta a ponta, na rede privada de ensino, seguindo uma orientação familiar. Em outros termos, do pré-escolar à universidade frequenta-se quase que tão somente a escola particular, afirma essa pesquisadora.

Existe uma necessidade de levarmos em conta os múltiplos critérios de hierarquização social vigentes na sociedade brasileira, e as maneiras através das quais o sistema escolar acaba sendo relativizado ou controlado na busca de opções para as famílias conduzirem suas estratégias de reprodução social para encaminhar as novas gerações em direções a destinos por elas desejados, ainda que considerados poucos legítimos na sociedade clássica.

Todavia, as estratégias educacionais de famílias de empresários devem considerar que o jovem aceite se submeter a tais interesses empreendedores. Nesse sentido, é necessário que o herdeiro aceite herdar a herança, nos termos de Bourdieu (1997). Partindo da iniciação precoce, às estratégias de sucessão, seleção de escolas, nos parece que o jovem originário dessas famílias, estará de certa forma moldado a muitos interesses que não lhe são próprio.

Nogueira (2002), nos revela que embora o jovem decida seu caminho a seguir, este estará se debatendo com as questões influenciadoras em seu processo de formação.

Existe uma questão da construção identitária dos sujeitos, que – nas sociedades contemporâneas, em que a individualidade é fortemente valorizada – podem vivenciar uma situação contraditória : ao mesmo tempo em que são levados a continuar a história familiar, devem se constituir em seres autônomos, por vezes ao preço da independência em relação à posição herdada. (NOGUEIRA,2002, p. 55).

A preocupação com a formação cultural clássica faz com que esses jovens vivam uma certa tensão porque não deixam de reconhecer, por outro lado, os imperativos sociais que hoje estão a exigir – para o seu meio social – um mínimo cultural, abaixo do qual é difícil de se situar em termos identitários, de convívio social e mesmo de credenciais acadêmicas necessárias (o título universitário) para a ocupação do posto de dirigente empresarial. Grun (2002), reforça essa análise ao afirmar que o filho de imigrante de etnia armênia é conduzido a ter um nível cultural “controlado” que o possibilite apenas ser aceito em um ambiente social mais elevado.

A situação característica deste segmento familiar, e sua percepção utilitarista do ensino, acabam por disseminar internamente para seus filhos uma situação de não muita dedicação ao estudo. O aprendizado escolar tem sua importância assim relativizada.

Em relação a estes jovens filhos de empresários parece que aceitam interesses familiares e desenvolvem um certo desinteresse pelos estudos e uma relação com o conhecimento escolar do tipo “utilitarista”, onde só fazem sentido e têm valor os saberes que possibilitam enfrentar situações práticas do dia-a-dia, contextualiza Nogueira (2002), mesmo com a necessidade de urgirem um diploma superior, mais como *status* social.

Na verdade, a percepção mais geral que fica para essa pesquisadora é a de que a escola é pouco para esses jovens, e isso em sentido múltiplo.

É pouco porque toma apenas parte do tempo de sua rotina diária. São recorrentes, no discurso deles, expressões como : “meu tempo estava ocioso”, “eu ficava em casa sem fazer nada”, “à toa”, “sem ocupação”, referindo-se aos períodos do dia em que não freqüentavam as aulas.

É pouco porque ocupa lugar secundário em suas preferências pessoais e afetivas : “por mim eu não estudava não, só trabalhava, mas...”, declara uma das entrevistadas; “eu nunca gostei de estudar, eu não sei se gosto.. mas eu gosto muito mais de trabalhar do que estudar”, afirma um outro; “meu trabalho tá acima (dos estudos) e pronto”, sentencia um terceiro; ou ainda, nas palavras de mais de um

deles; “eu não gostava, eu não me sentia bem na aula, não gostava da faculdade, e até hoje eu não sinto o menor tédio da faculdade”.

É pouco, ainda, porque desempenha papel secundário em sua preparação profissional, já que, a seu ver, transmite conhecimentos e teorias acadêmicas em grande descompasso com o dia-a-dia empresarial, não conseguindo portanto reavaliar com a realidade vivida no próprio meio. (NOGUEIRA,2002,p. 57).

O fato desses jovens filhos de empresários terem uma aceitação do mundo do trabalho, e da realidade empresarial-empresarial, os diferencia de uma grande maioria, sinalizando, portanto, uma aproximação aos objetivos familiares voltados a negócios.

Por outro lado, estes jovens na concepção de Nogueira (2002), aceitam positivamente esta situação.

Fica claro que o fato de trabalhar não é percebido por esses jovens como um sacrifício pessoal (perda de um possível tempo livre) ou como um prejuízo acadêmico (impedimento para um maior investimento nos estudos). Isso, a meu ver, associa-se a duas questões. A primeira é que suas escolhas não recaem sobre as carreiras mais exigentes do sistema de ensino (instituições, cursos, horários) e que eles se mostram satisfeitos com os investimentos moderados que fazem no setor. A segunda é que desfrutam de condições de trabalho bastante flexíveis, o que permite que seu tempo livre e seus lazeres não fiquem seriamente comprometidos com essa concomitância. (NOGUEIRA,2002,p. 58).

Para essa pesquisadora, em relação a opção dos jovens filhos de empresários, em sua formação superior, nos observa-se que :

Quanto ao ramo universitário escolhido, é nítida a orientação dominante para um certo tipo de formação superior : aquela que prepara para o mundo dos negócios e para a gestão empresarial, pois 48% dos jovens pesquisados optaram pelo curso de administração de empresas. Se a esse contingente acrescentarmos aqueles que fizeram opção por uma área conexa, tal como publicidade e propaganda ou relações públicas, teremos um agrupamento maciço dessa população (64%) em torno de um setor profissional específico : o da direção e organização do mundo da empresa. (NOGUEIRA,2002,p. 54).

Estas considerações anteriores apontam que a inserção do jovem no mundo do trabalho absorve interesses familiares que de certa forma sobrepõe o próprio interesse individual do jovem. A condição do ambiente familiar empreendedor, as falas, os comportamentos, as atividades, os exemplos dos pais, acabam por inserir no jovem aspectos condicionantes em sua formação de valores.

Quando a família opta por estabelecer critérios de escolha da escola para seus jovens, e assim também quando decide promover a sucessão familiar, está corroborando no processo de formação para o empreendedorismo.

Por outro lado, o papel da escola fica colocado como um local de valorização do ser social, ou seja, os relacionamentos, as amizades e o convívio em camadas sociais mais homogêneas possíveis, assentam as necessidades procuradas pelas famílias de empresários.

Resta-nos evidenciar como os jovens empreendedores percebem a pressão no mundo do trabalho em ambiente neoliberal, e ainda, a influência familiar neste contexto? Quais reações e características pessoais são assumidas pela juventude?

As questões dos jovens as quais nos interessam nessa investigação, repousam sobre aquele segmento que aceitou o trabalho, via empreendedorismo, como uma alternativa de desenvolvimento pessoal e profissional.

Para que possamos compreender e atingir nosso objetivo de pesquisa, reportamo-nos a caracterizar o jovem empreendedor da classe média, egresso de cursos de empreendedorismo pelo IEL, em Cuiabá, identificando nesses sujeitos, aqueles aspectos influenciadores em seu processo de formação para o empreendedorismo.

PARTE II

JOVEM EMPREENDEDOR DA CLASSE MÉDIA

CAPÍTULO 4

O JOVEM EMPREENDEDOR EGRESSO DO IEL

4.1 – Aspectos Metodológicos

A escolha de uma categoria ocupacional em particular, neste caso os jovens empreendedores da classe média de Cuiabá-MT, egressos de cursos de empreendedorismo pelo IEL- Instituto Euvaldo Lodi, obedeceu fundamentalmente a delimitação de um grupo com contornos definidos, identificados mediante critérios objetiváveis, facilitando assim a composição e relativa homogeneidade dos sujeitos. A opção foi então pelo meio empresarial, com jovens empreendedores com atividades em setores diversificados do mundo econômico (comércio, indústria, serviços) de Cuiabá-MT.

Entendemos a necessidade de subdividir os depoimentos em 02 blocos , basicamente, que destacassem primeiramente as características gerais deste jovem empreendedor, e conseqüentemente, aspectos influenciadores em sua formação para o empreendedorismo, ouvindo as falas desses atores sociais principalmente em relação à contribuição da escola, da formação complementar via IEL e da família.

Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa, via entrevistas temáticas, onde os entrevistados fornecem versões acerca do objeto de análise, respondendo à questões de como viam e vêem o tema, recorrendo-se também a fontes existentes sobre o assunto.

Verena Alberti (1989), comentando sua experiência com entrevistas temáticas do Cpdoc-Fundação Getúlio Vargas, ressalta que :

(...) o que interessa é a possibilidade de comparar as diferentes versões dos entrevistados sobre o passado, tendo como ponto de partida e contraponto permanente aquilo que as fontes já existentes dizem sobre o assunto. (ALBERTI,1989,p. 18).

Em nosso estudo atuamos na realização de entrevistas temáticas, conceitualmente com características àquelas citadas por Alberti (1989) :

As entrevistas temáticas são aquelas que versam especificamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido como objeto principal. A entrevista temática tem como objeto o tema – abordado a partir da biografia do entrevistado. A entrevista temática tem seu conteúdo ancorado à história de vida do depoente, ou, mais especificamente, a uma parte de sua vida – o assunto, ou o tema, sobre o qual é entrevistado. (ALBERTI,1989,p. 20).

No uso de entrevistas, Queiroz (1991) afirma que :

A entrevista supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador; o tema ou o acontecimento sobre que versa foi escolhido por este último por convir ao seu trabalho. O pesquisador dirige, pois a entrevista; esta pode seguir um roteiro, previamente estabelecido, se desenrolando conforme uma sistematização de assuntos que o pesquisador como que decorou. A captação dos dados decorre de sua maior ou menor habilidade em orientar o informante para discorrer sobre o tema; é este que conhece o acontecimento, suas circunstâncias, as condições atuais ou históricas, ou por tê-lo vivido ou por deter a respeito de informações preciosas. Elas ora fornecem dados originais, ora complementam dados já obtidos de outras fontes. (QUEIROZ,1991,p. 6).

Minayo (1993), nos revela que :

Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico. Através desse procedimento, podemos obter dados objetivos e subjetivos. Os primeiros podem ser também obtidos através de fontes secundárias, tais como censos, estatísticas e outras formas de registros. Em contrapartida, o segundo tipo de dados se relaciona aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. (MINAYO,1993,p. 57).

A seleção dos entrevistados egressos do IEL foi considerada a partir dos históricos de matrícula nos cursos, em nível de especialização - carga horária mínima de 360 horas, com temática voltada ao empreendedorismo de negócios, entre os anos de 1998 e 2002. Buscamos aqueles empreendedores (Filion 2000) que tivessem negócios e residência em Cuiabá há pelo menos 05 anos.

As orientações de Alberti (1989), em relação a seleção dos entrevistados, contribuiram para nosso estudo, pois :

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do

entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema que o pesquisador pretende investigar e que podem fornecer depoimentos significativos.. O processo de seleção de entrevistados (...) se aproxima, assim, da escolha de “informantes” em antropologia, tomados não como unidades estatísticas, e sim como unidades qualitativas – em função de sua relação com o tema estudado (ALBERTI, 1989,p. 14).

Em princípio, não soubemos precisar o número necessário de entrevistas a serem realizadas, e nos apoiamos em Alberti (1989);

É somente durante o trabalho de produção das entrevistas que o número de entrevistados necessários começa a se descortinar com maior clareza, pois é conhecendo e produzindo as fontes de sua investigação que os pesquisadores adquirem experiência e capacidade para avaliar o grau de adequação do material já obtido aos objetivos do estudo. (...) Assim, a decisão sobre quando encerrar a realização de novas entrevistas, sobre o momento em que já se alcançou um número suficiente de versões para sustentar a análise, só se configura à medida que a investigação avança. (ALBERTI,1989,p.18).

A partir deste entendimento, através de contato pessoal, telefônico e meio eletrônico, convidamos 30 egressos do IEL a participarem do presente estudo, sendo que 05 não responderam ao convite, outros 05 aceitaram participar mas não facilitaram a disponibilidade de tempo para a entrevista no período previsto pelo pesquisador, e 20 sujeitos se disponibilizaram a participar sem restrições na pesquisa.

Para realização das entrevistas foi realizado agendamento prévio por telefone, tanto de datas como de horários e local. Aplicou-se roteiro individual (Anexo A) para entrevistas temáticas tendo como função, segundo Alberti (1989) :

..orientar o pesquisador, ajudá-lo a acompanhar o depoimento e a lembrar-se das questões que devem ser levantadas, sem contudo servir de camisa de força, obrigando-se a obedecer a ordem cronológica ou impedindo que surjam assuntos e questões não contidos expressamente no roteiro. (ALBERTI,1989,p. 62).

Utilizamos o princípio da saturação, recomendado por pesquisadores que também utilizam a história oral, onde Alberti (1989) afirma que :

Pode ser útil recorrer ao conceito de “saturação “, formulado por Daniel Bertaux. De acordo com este autor, há um momento em que as entrevistas acabam por se repetir, seja em seu conteúdo, seja na forma pela qual se constrói sua narrativa. Quando as diversas entrevistas em uma pesquisa de história oral começam a se tornar repetitivas, continuar o trabalho significa aumentar o investimento, enquanto o retorno é reduzido, já que se produz cada vez menos informação. Este é o que o autor chama de ponto de saturação, a que o pesquisador chega quando tem a impressão de que não haverá nada de novo a aprender sobre o objeto de estudo, se prosseguir as entrevistas.(ALBERTI,1989,p. 19).

Fomos contactando e realizando as entrevistas individualmente, sendo que a partir da 14^a o princípio da saturação apareceu mais presente. Das 16 entrevistas, 10 foram realizadas no próprio local de trabalho dos entrevistados a pedido dos mesmos. Apenas 06 entrevistados preferiram um outro local. O tempo médio das entrevistas foi de 50 minutos cada utilizando-se da técnica de uso do gravador e do caderno de anotação de campo.

Por respeito à privacidade desses entrevistados, foram utilizados códigos e omitidos seus verdadeiros nomes e identidade. Quando se trata de dois ou mais trechos da entrevista que estavam em ordem diferente no corpo do depoimento mas que deviam ser juntados para maior compreensão do relato, foram colocados três pontos entre parênteses ao início de cada trecho. A intenção é que os trechos dos relatos desses jovens empreendedores de Cuiabá-MT possam ser lidos da forma mais próxima do relatado nas entrevistas. Transcrevemos as entrevistas de acordo com o roteiro. Extraímos da transcrição partes específicas para nossa análise. Evitou-se o mais que pode modificar o jeito deles falarem ou apresentarem um relato. Consideramos que a fala de todos os entrevistados foram importantes, por isso, achamos a necessidade de apresentação do maior número possível de depoimentos nas análises. Por fim, a responsabilidade pela construção das análises é do pesquisador, os depoimentos são deles.

Este estudo deve ser entendido como uma peça dentro de um mosaico, para a compreensão das relações estabelecidas entre juventude da classe média e educação para o trabalho. Pretendemos também que possa contribuir para novas discussões e entendimento na temática do empreendedorismo e sua relação com a educação para o trabalho.

4.2 - Características Gerais do Jovem Empreendedor Egresso do IEL

a) Características Gerais

Os jovens empreendedores entrevistados apresentaram uma idade média de 28 anos, sendo que 50% deles são pertencentes ao sexo masculino e 50% ao feminino. Esta igualdade percentual nos atores sociais entrevistados não foi intencional e nem objetivada. As entrevistas foram acontecendo seguindo-se a busca do princípio da saturação.

Nesse grupo entrevistado, aproximadamente 60% deles são solteiros e 40% casados, sendo que alguns com filhos considerados na fase infantil. O fato da maioria não ser

casada decididamente contribuiu para alguns dados relativos ao tempo em que dedicam-se exclusivamente ao trabalho, tal como analisado a posteriori..

Dentre suas características gerais, observamos que 80% deles são considerados imigrantes, que vieram para Mato Grosso acompanhando suas famílias. Os dados coletados apontaram que 25% deles vieram da Região Sul, 31% vieram da Região Sudeste, ainda 02 são do Interior do Estado e 02 de Mato Grosso do Sul. Nascidos em Cuiabá apenas 03, dentre os 16 entrevistados.

Quadro 1 **Sexo, Idade, Estado Civil e Cidade de Nascimento**

Identificação	Sexo	Idade	Estado Civil	Cidade de Nascimento
A1	Masculino	27 anos	Solteiro	Concórdia – SC
A2	Feminino	28 anos	Casada	Cuiabá-MT
A3	Masculino	23 anos	Solteiro	Corumbá-MS
C1	Feminino	25 anos	Solteira	Cuiabá-MT
D1	Feminino	32 anos	Casada	Mogi Mirim – SP
F1	Feminino	27 anos	Solteira	Três Pontas – MG
F2	Masculino	32 anos	Solteiro	São José Rio Preto –SP
G1	Masculino	29 anos	Casado	Porto Alegre – RS
I1	Feminino	34 anos	Casada	Belo Horizonte – MG
J1	Masculino	27 anos	Solteiro	Arapongas – PR
J2	Feminino	23 anos	Solteira	Corumbá-MS
J3	Masculino	34 anos	Solteiro	Jaciara-MT
J4	Masculino	32 anos	Solteiro	Iporá-PR
L1	Masculino	22 anos	Solteiro	Rosário Oeste –MT
L2	Feminino	31 anos	Casada	Cuiabá-MT
R1	Feminino	28 anos	Casada	Governador Valadares-MG

Quadro 2

Características da Atividade Empresarial

Identificação	Ramo da Empresa em que atua.	Tempo na Direção de Empresa	Tipo de Empresa (origem)
A1	Comércio	05 anos	Própria
A2	Serviços	02 anos	Própria
A3	Comércio	04 anos	Própria
C1	Comércio	02 anos	Própria
D1	Serviços	02 anos	Própria

F1	Serviços	02 anos	Própria
F2	Comércio	12 anos	Familiar
G1	Serviços	02 anos	Própria
I1	Comércio	05 anos	Familiar
J1	Comércio	06 anos	Familiar
J2	Serviços	03 anos	Familiar
J3	Comércio	10 anos	Familiar
J4	Comércio	08 anos	Própria
L1	Indústria	02 anos	Familiar
L2	Serviços	08 anos	Própria
R1	Indústria	04 anos	Familiar

Este grupo de jovens empreendedores participantes dos programas de empreendedorismo do IEL são proprietários-gerentes de empresas em Cuiabá-MT, tal como define Filion (2000), sendo que 50% deles são empreendedores do setor comércio, 40% são do setor de serviços, 10 % do setor indústria.

O tempo médio de atuação como empreendedor foi de 4 anos para o grupo, excluindo-se os extremos. Todavia, destacamos que 11 do 16 jovens empreendedores entrevistados, estão na faixa entre 02 e 05 anos de atuação no mundo empresarial. Este período normalmente é tido como crítico, pois a pressão sob o empreendedor é intensa sob todos os aspectos.

Segundo o relatório executivo da GEM Global Entrepreneurship Monitor – Ano 2002, a participação da empresa de estrutura familiar na sua pesquisa internacional com empreendedores, alcança mais de 50 %. Aqui em nosso estudo, verificou-se que 55% dos jovens empreendedores possuem empresas de criação própria e 45% são oriundos de empresas tipo familiar de Cuiabá.

Quadro 3

Origem Familiar, Religião, Partido Político e Preferência Eleitoral

Identificação	Tipo de Família (Pai ou Mãe)	Religião	Partido Político	Votou nas eleições Presidenciais de 1998
A1	Empresários	Católica	Não Tem	FHC
A2	Empresários	Católica	Não Tem	FHC
A3	Empresários	Católica	Não Tem	FHC

C1	Func. Publico	Católica	Não Tem	FHC
D1	Empresários	Espirita	Não Tem	FHC
F1	Empresários	Católica	Não Tem	FHC
F2	Empresários	Evangélica	Não Tem	FHC
G1	Empresários	Católica	Não Tem	FHC
I1	Empresários	Católica	Não Tem	FHC
J1	Empresários	Católica	Não Tem	FHC
J2	Empresários	Católica	Não Tem	FHC
J3	Empresários	Evangélica	Não Tem	FHC
J4	Empresários	Católica	Não Tem	Lula
L1	Empresários	Católica	Não Tem	FHC
L2	Empresários	Católica	Não Tem	FHC
R1	Empresários	Católica	Não Tem	FHC

Uma das características que emergiu dos dados coletados neste grupo de jovens empreendedores, foi o fato de 15 deles serem de origem de família de empresários. Esta condição familiar empreendedora é superiormente contrastada, se consideramos que apenas 01 entrevistado que afirmou que seus pais são funcionários públicos.

O fato de pertencerem a religião católica, ficou mais caracterizado em 13 depoimentos, emergindo ainda 02 entrevistados de origem evangélica e 01 espírita. A origem da camada social média e o fato de terem seu processo de formação e escolarização em ambientes religiosos, corroboram para sua aceitação de valores Cristãos.

Abramo (1997) cita o fato de que a juventude parece não estar muito preocupada com questões políticas. O ceticismo prevalece e a ausência de interesse em participação partidária fica muito evidente nos depoimentos, pois todos eles afirmaram não serem vinculados a nenhum partido estruturado da sociedade. Nas eleições presidenciais de 1998, 15 deles votaram em FHC, apoiando seu discurso neoliberal. As entrevistas foram realizadas antes das eleições de 2002, não contemplando, portanto, suas últimas opiniões de voto.

Quadro 4

Escolarização : Ensino Fundamental, Médio, Superior, e Formação Complementar

Identificação	Instituição do Ens. Fundamental	Instituição do Ensino Médio	Gradação e Instituição de Ensino Superior	Formação Complementar no IEL em Cuiabá-MT
A1	Colégio São Gonçalo Cuiabá-MT	Colégio São Gonçalo Cuiabá-MT	Administração UNIC Cuiabá-MT	MBA Gestão de Negócios
A2	NC	Colégio São Gonçalo Cuiabá-MT	Administração UFMT Cuiabá-MT	Gestão Empresarial
A3	Colégio Pernalonga Cuiabá-MT	Colégio Pernalonga Cuiabá-MT	Informática UNIC Cuiabá-MT	Gestão Empresarial
C1	Colégio Pernalonga Cuiabá-MT	Colégio Master Cuiabá-MT	Administração UNIC Cuiabá-MT	Gestão Empresarial
D1	NC Campinas-SP	NC Campinas-SP	Administração PUC Campinas-SP	Gestão Empresarial
F1	NC Goiânia –GO	Colégio São Gonçalo Cuiabá-MT	Publicidade UFMT Direito – UNIC Cuiabá-MT	Gestão Empresarial
F2	NC São José R Preto SP-	NC São José R Preto SP	Administração NC -S JR Preto SP	MBA Gestão Estratégica Avançada
G1	NC Terra Nova MT	NC São Leopoldo RS	Comércio Exterior – NC EUA	Gestão Empresarial
I1	Colégio Coração de Jesus - Cuiabá-MT	Colégio São Gonçalo-Cuiabá-MT	Administração NC- Londrina PR	MBA Gestão Estratégica Avançada
J1	NC Arapongas-PR	Colégio Notre Dame Lourdes Cuiabá-MT	Administração UNIC Cuiabá-MT	MBA Gestão de Negócios
J2	Colégio Pernalonga Cuiabá-MT	Colégio São Gonçalo Cuiabá-MT	Publicidade UNIC Cuiabá-MT	Gestão Empresarial
J3	Colégio Estadual – Liceu Cuiabá-MT	Colégio São Gonçalo Cuiabá-MT	Administração ICE Cuiabá-MT	MBA Gestão de Negócios
J4	NC Valinhos-SP	Colégio Anglo-CIN – Cuiabá-MT	Engenharia UFMT –Cuiabá-MT	Gestão Empresarial
L1	Colégio São Gonçalo – Cuiabá-MT	Colégio São Gonçalo – Cuiabá-MT	Administração Unirondon – Cuiabá-MT	Gestão Empresarial
L2	Colégio Pernalonga Cuiabá-MT	Colégio Anglo Cuiabá-MT	Administração UNIVAG – V. Grande MT	MBA Gestão Negócios
R1	Colégio Coração de Jesus Cuiabá-MT	Colégio São Gonçalo–Cuiabá-MT	Engenharia UFMT Cuiabá-MT	Gestão Empresarial

NC – Escola ou Município não citado.

A afirmação de Nogueira (2002) de que a família de empresários direciona seus filhos para escolas da iniciativa privada, emerge nesse grupo de jovens empreendedores analisados. Identificou-se que muitos deles cursaram o ensino fundamental e médio em rede escolar privada. Aproximadamente, 75% deles estudaram seu ensino superior em universidade privada.

Em relação ao ensino fundamental em Cuiabá-MT, os colégios mais citados foram o Colégio São Gonçalo, o Colégio Pernalonga e o Colégio Coração de Jesus, tidos à época, como colégios tradicionais, sendo dois deles vinculados a instituições religiosas.

Ainda, no ensino médio, esse grupo de jovens empreendedores nos revelou que estudaram em escolas aristocráticas, onde cita-se com maior expressão o Colégio São Gonçalo em Cuiabá-MT. Trata-se de um colégio onde a sociedade cuiabana encaminhava seus filhos, em busca da melhor relação ensino-qualidade, combinando ainda, como aspectos de relacionamento social, observa este pesquisador. Soma-se a este contexto, os tradicionais colégios, Notre Dame de Lourdes e Coração de Jesus, também em Cuiabá-MT.

A respeito do ensino superior, verificamos nesse grupo de jovens empreendedores, que 08 deles estudaram em instituições particulares consideradas ainda novas, pois algumas não tinham à época, 10 anos de atuação no mercado. Dentre estas foram, citados a UNIC – Universidade de Cuiabá, o ICE – Instituto Cuiabano de Educação, a Univag – Centro Universitário Varzeagrandense e a Unirondon. Todos os jovens empreendedores que estudaram nestas instituições de ensino superior foram em busca do curso de graduação em administração de empresas. Aqui ressalta-se aquilo que Grun (2002) analisa em seus estudos com famílias de empresários, onde coloca a questão da necessidade do jovem não investir muito em uma educação que o leve a procurar outros caminhos, senão aqueles objetivados pela família. Estas instituições, à época escolhidas por estes jovens empreendedores eram também iniciantes em seus processos de formação e necessidades de aprendizado e alunos para tal, tendo pouca credibilidade no mercado da educação nacional.

O fato de terem vindo de origem de famílias de empresários, contribuiu também para aquilo que Nogueira (2002) revela em relação a graduação em nível superior estar em área correlatada ao mundo empresarial. Isto fica claro pois 13 dos entrevistados fizeram cursos nas áreas vinculadas a administração de empresas e 3 fizeram engenharia e informática.

b) Juventude como identidade

Esses jovens empreendedores da classe média assumiram sua identidade vinculada ao ser jovem, apontando entre outras necessidades a liberdade para ação, a coragem para enfrentar desafios e a valorização do relacionamento pessoal. Em suas falas esteve presente opiniões de como se sentem enquanto empreendedores na sociedade.

Eu gosto muito de ter liberdade de agir, de poder implementar as minhas idéias. Sou uma pessoa que atua com qualidade .(A3)

Eu acho que é este fato mesmo de estar disposta, de achar que eu sou capaz , qualquer coisa que me passarem , vamos fazer isso eu topo..antes de ver se tem algum problema eu topo..vamos fazer depois os problemas que surgirem a gente resolve no meio do caminho. Eu acho que isso é um ponto bom. Qualquer coisa que flui da dificuldade eu estou pronta para enfrentar e , eu sei que os desafios a gente consegue ultrapassar. (F1)

Eu sou muito nova, tenho 23 anos, eu enfrento, eu vou atrás, eu não tenho medo por ser mais nova, eu sento com as pessoas mais velhas, converso sem medo, sou super segura, acho que eu estudei, continuo estudando, tenho capacidade, então não tenho medo de enfrentar. (J2)

Gosto de mexer com gente.. gosto de relacionamento.. de relacionar com pessoas, estar conversando criar um network. (J4)

Alguns por se sentirem possuídos da característica de juventude, relataram experiências, onde apontam suas dificuldades com momentos de insegurança e necessidade de mais maturidade.

Tivemos muita dificuldade, a gente tem até hoje. O fato de sermos novas, as vezes não acreditam que a gente possa desempenhar um papel com a mesma capacidade que uma pessoa que tá aí no mercado a mais tempo, as vezes a gente encontra resistência por exemplo, pessoas que nem são formadas, tem pessoas que não são formadas mas que tem um conhecimento de mercado que atuam a bastante tempo e a gente por estar a pouco tempo com nossa empresa as pessoas acreditam que a gente não tem a mesma capacidade que esse outro pessoal. É muita, muita resistência mesmo .(F1)

Nossafalo mais do que escuto... muitas vezes a gente toma decisão numa hora ... você vê a informação e você não processou direito e toma decisão de cabeça quente .. e na realidade você está errado e aí você para para pensar ... deixar para resolver amanhã você toma uma decisão de forma diferente... eu acho assim .. aquele negócio de não ter que levar desaforo para casa e acaba levando ...isso é muito da maturidade...a gente é novo e com tempo se aprende ...com outra experiência ...mas principalmente assim eu falo demais e escuto de menos ... eu deveria ser bem diferente... e também um pouco ... não deixo atrapalhar as coisas mas eu acabo atropelando até por um pouco de falta de organização ... acho que dá para você ver pela mesa... é sempre assim . (J1)

Eu sou uma pessoa o seguinte... estou tentando administrar muito isso ... a questão da insegurança...situações que me causam insegurança as vezes me causam ansiedade... então eu procuro estar sempre eliminando os riscos... sabe ... então eu fico numa busca incessante para eliminar os riscos... sempre pensando e pedindo

opinião ... por mais que eu tenha uma auto confiança muito grande ... eu busco sempre opinião de pessoas que eu acredito que tenham uma visão do mercado que eu tenho (A2)

Eu vejo meu lado crítico ..que eu sei que é em excesso...eu acho que isso ajuda porque .. como eu critico muito ...eu falo para os outros... eu critico o meu também .. eu acho que tem coisa que está errado e eu vou lá e eu discuto o que eu acho que esta errado ... tem que ser melhorado eu sou muito exigente (R1)

Olha eu acho que a gente tem muitas falhas... muitos defeitos... p. exemplo um defeito que eu tenho que até é uma coisa que me incomoda muito é de eu não me sentir a vontade para falar em público... até numa sala de aula eu já fico meio inibido assim...prefiro ficar com aquele pensamento para mim mesmo ... muito introvertido... eu acho que isso atrapalha um pouco... como administrador.. eu acho que tinha que ser mais aberto (L1)

Sou pouco orientado por regras, padrão... assim sou extremamente avesso a regras...muito pouco orientado a regras (....) De repente eu tenho que fazer a coisa de um determinado jeito.. eu tento fazer de outro jeito para ver se dá certo... isso é negativo... as vezes acerta... as vezes dá errado. (A3)

Eu chegava na empresa com 19 anos.. eu recebia cantadas (...) chegava chorando na minha empresa (...) hoje não... se alguém faz uma brincadeira eu sei sair da situação ... antes eu não sabia (....) os clientes me respeitam hoje. (J2)

Sou inquieto... talvez por isso não goste de empregos (...) As vezes não consigo ter foco.... Penso em muitas coisas ao mesmo tempo e acabo dispersando. (...)Eu gosto de aproveitar o dia (...) não gosto de ficar preso a horário (...) preciso da liberdade (...) as vezes sinto não estar aproveitando o tempo quando estou num emprego. (G1)

Confio muito nas pessoas... como você está lidando com pessoas.. o tempo inteiro você está se decepcionando (...) na realidade é um tipo de traição.. um tipo de desonestidade. (J4)

c) O conceito de empreendedor na visão do jovem empreendedor

Afinal o que é ser empreendedor para este grupo de jovens egressos do IEL. Buscamos entender como este vê o conceito do que faz , ou seja, entender a sua percepção do ser empreendedor, a qual reflete em sua forma de agir dentro da sociedade, imbutido pelas suas necessidades, conhecimentos e valores.

Nos relatos coletados observamos que a auto realização, o reconhecimento pessoal e a coragem para realizar, ressaltam-se nas entrevistas deste grupo de jovens empreendedores como sendo características conceituais de um empreendedor. Por serem oriundos, em sua maioria de famílias de empresários, assimilaram para si a busca de necessidades tais como aquelas citadas por Lezana e Tonelli (1998).

O empreendedor é uma pessoa que age, que realiza, que faz as coisas acontecerem, que supera desafios, que acredita que na coisa, que uma determinação muito grande, que faz a coisa acontecer . Eu acho que em nosso país se agente for pensar nos desafios a gente não faz nada. É uma pessoa muito racionalo empreendedor é uma pessoa que acredita vai superar todos os desafios que são grandes ... então tem que ter muita determinação, coragem. Uma pessoa que realiza , que faz. É por aí.(A1)

Empreendedor eu acho que é aquele que consegue ... investir numa situação a qual o tire de uma comodidade...eu acho que empreender é você estar numa busca incessante pela melhoria pelo crescimento e seu desenvolvimento pessoal em algo que cresce em função de vocêacreditar em si mesmo...em seu potencial. O empreendedor eu acho que tem um feeling uma intuição para ver o que pode dar certo ...mas ele precisa ter coragem ...não basta ele só ter essa capacidade de enxergar e de empreender.(A2)

Eu acho que uma pessoa empreendedora é aquela que consegue desenvolver um negócio (...) O empreendedor não tem medo de enfrentar barreiras... ele está sempre... por mais assim... que as vezes você tem muitos empecilho, muitas barreiras , o mercado as vezes não tá de acordo ... tá fraco...ou você tem que mudar o negócio... como novas tecnologias estão vindo ...então no nosso negócio novos materiaismais design... as coisas todos.... você tem que quebrar aquele negócio de enfrentar e saber que vai mudar .(R1)

(...) ser um empreendedor é você... a gente pode definir isso como característica .. o empreendedor ele tem várias características ..p exemplo.. ele tem que .. ele busca oportunidade ... ele ...são várias características que você pode definir um empreendedor... por exemplo ele é otimista .. procura ter o controle da situação... ele procura sempre estar ... procura sempre investir no que dá retorno .. acho que o empreendedor é isso ai .(L1)

São pessoas que não tem medo de fazer... de investir.. estar sempre procurando coisas novas... sempre inovando , procurando algo diferente.. e botando esse algo diferente em prática. (C1)

É aquele que está ligado no que está acontecendo em sua volta e acha alguma coisa que pode fazer bem, e investir mesmo... só que ele também é uma pessoa que não pode ser desesperado para fazer.(...) a pessoa tem que ir com calma.. pessoa que saiba identificar uma oportunidade e saiba se preparar para começar um negócio..não pode começar de qualquer jeito... empreendedor não é aquela pessoa que tem um negócio... e sim...aquele que tem um negócio que soube começar de uma maneira certa. (G1)

Empreendedor é uma pessoa que consegue enxergar ..e tem coragem ao mesmo tempo de realizar (F2)

É uma pessoa... com novas idéias, pessoa criativa.. pessoa com visão mais para frente, futuro (...) eu estou aqui mais estou pensando no futuro. (Juliana)

Bom eu acredito que seja uma pessoa que consegue enxergar uma idéia diferente do que os outros estão fazendo, consegue viabilizar, por em prática, errar ou acertar, mais continuar tentando ... eu acho que é principalmente nunca parar ... é você ter um negócio e recomendar a cada dia ... modificar a cada dia ... para que a gente mesmo não enjoje e não acostume com essa rotina . É lógico que isso vai em função da concorrência e da exigência do mercado ... mas eu acho que também tem que partir da iniciativa da gente querer melhorar a cada dia o que a gente estiver fazendo ... nem que para isso seja até você mudar de ramo em determinada época .. não quer dizer que seja sempre a mesma empresa ... mas eu acho que o empreendedor ele tem isso de querer sempre alguma coisa melhor .. Eu acho que essa seria a realização profissional . (I1)

É uma pessoa bastante eficaz que tem um perfil e coragem de correr risco.. entrar no mercado e peitar mesmo.. ele vai correr risco (...) Correr risco eu acho que é o principal por que você está como empresário você não sabe o que você vai vender amanhã ... e você vive dessa forma... você tenta planejar o futuro... mas o futuro só quem sabe é Deus. ... Você planeja o máximo. (J3)

(...) mas eu acho que aquela pessoa que faz acontecer ... pessoa que vai atrás ... que faz acontecer .. eu acho que esse é o perfil do empreendedor ... acho que esse que ... é uma característica muito forte... que usa os meios que tem e vai atrás do que não tem para fazer acontecer .. seja um sonho.. seja uma meta,,ou seja, uma obrigação .. entendeu, ou seja, por necessidade .(D1)

Ele tem sempre que estar buscando e realizando...não só esperando com que venha e você realiza... uma outra coisa fundamental é ele fazer o operacional.. todas as etapas... não só o planejamento... mas saber fazer o operacional .. porque através dali que ele inova... que ele busca novas técnicas.. consegue fazer uma boa gestão da equipe .
(L2)

Empreendedor é aquela pessoa que tem bem claro na cabeça dela o que ela quer.. onde ela quer chegar num determinado tempo.. a partir do momento que ela tem essas metas traçadas na cabeça certinho.. ela vai fazer alguma coisa para poder atingir a meta dela.. na realidade ela vai deixar de fazer muitas coisas que ela faz hoje... vai abdicar de muitas coisas.. para poder chegar na meta dela.. senão não consegue.. essa é uma pessoa empreendedora.(...) para você ter sucesso e chegar a ser empreendedor você tem que abdicar de muitas coisas. (...) é ter coragem.. e pouca gente que tem coragem... assumir risco.. e renuncia.. o cara que acha .. porque eu não vou fazer isso.. por causa da minha família.. tem que renunciar muita coisa... por que o mercado é duro o tempo inteiro.. grandes pancadas.. o sucesso é com muita dor.. mas quando você alcança ele é muito gostoso.. é muito bom . (J4)

Os depoimentos nos levam a entender que em sua maneira de agir, consideram os valores conceituais característicos de um empreendedor, assimilados na sua trajetória de vida, influenciado principalmente pelo ambiente externo em que convivem, tal como citado por Filion (1999) e Farrel (1993) .

d) A importância do empreendedor na sociedade

A defesa do ser empreendedor e sua importância na sociedade aparece nos discursos dos jovens entrevistados, assentado principalmente na necessidade de auxiliar outras pessoas, promovendo e dando empregos. Estes depoimentos coletados apontam que o jovem empreendedor, mesmo na sua ótica capitalista de resultados econômicos, se congratula com o fato de poder gerar renda e melhorias de qualidade de vida a outras pessoas.

Em alguns depoimentos percebe-se o sentimento que são úteis para a sociedade, enquanto empreendedores.

Uma coisa muito importante é o formar pessoas. Hoje em dia uma empresa bem sucedida para mim, tem dois quesitos muito importante : o capital, e você formar pessoas (...) para mim a coisa que me motiva muito é gerar oportunidades para outras pessoas que fazem parte da minha equipe... me motiva fazer um trabalho bem feito ...que seja útil para a comunidade (...) acho que você realizar... poder olhar para uma coisa que não estaria aqui se não fosse uma iniciativa sua e de repente... trabalhei num mês e tantas mil pessoas compraram na sua empresa... na hora que compraram é sinal que teve alguma utilidade para aquela comunidade. (A1)

(...) gerar emprego, gerar riqueza é o empreendedorismo.... só que você tem gerar tudo isso daí ... o empreendedor .. gerando emprego gerando riqueza ... não só para si mas para o ambiente e sociedade em que se vive, mas principalmente levando em fato a questão social. O empreendedor assim... há eu gero tantos empregos, eu gero riqueza mas para mim do que os demais ...mas eu não me importo ... eu trabalho na informalidade ... assim não é empreendedorismo na minha opinião. (J1)

Uma pessoa empreendedora é aquela que busca crescimento de alguma forma... não existe empreendedor só na área empresarial... tá muito ligado... mas empreendedor é uma atitude.. atitude pró-ativa.. de você querer desenvolver.. de você querer crescer em determinado segmento.. em determinado setor... determinado aspecto... então você ser empreendedor é tomar uma atitude pró-ativa.. com relação a algum objetivo... alguma meta. (A3)

(...) no caso do Padre Marcelo ele sempre fala que não é artista... que o que ele vender é para ajudar a igreja... ele não deixa de ser um empreendedor .. esta empreendendo coisa para a igreja .. para ele próprio não. (...). ele pode fazer para comunidade para ajudar as pessoas ... socializar a coisa (...) é um dos poucos setores da vida que você tem espaço para crescer e crescer muito... depende unicamente de você ...por outro lado você também pode socializar esse crescimento seu ... você vai estar dando empregovai estar proporcionando oportunidade para outras pessoas ... isso é muito interessante, ou seja, você estar conseguindo proporcionar algo importante para outras pessoas. (J3)

Hoje eu me sinto realizada profissionalmente porque eu vejo que criei um mercado com todas outras pessoas... tem pessoas que estão no mercado que foram formadas na nossa empresa. (L2)

e) A realização pessoal motivando o jovem para o trabalho via empreendedorismo

Alguns depoimentos reforçam que o jovem empreendedor em sua ação nos negócios está buscando sua realização pessoal.

Longen (1997), Lezana e Tonelli (1998) caracterizam a realização pessoal do empreendedor como uma necessidade para empreender, motivando ao trabalho. Este fato pode ser verificado em algumas entrevistas, tais como :

Sou uma pessoa de garra ... que luta desde cedo... precisou lutar desde cedo... eu nunca tive nada de mão dada...nunca ganhei um carro... tive que comprar meu próprio carro.. pagar minha faculdade... gosto de ser lembrada pelo que eu já consegui. (J2)

Eu acho que é a paixão pelo que eu faço ... eu depois que eu comecei a trabalhar ... estar sempre negociando ...sempre ouvindo empresário... ter que propor,,,tem que estar sempre preocupada em propor alguma coisa

que vai gerar um resultado para o empresárioe o empresário vai vendo o resultado e eu ei que ali tem uma participação minha.. isso foi me dando uma paixão para trabalhar com isso.(A2)

Eu tenho um objetivo para daqui ... por exemplo eu tenho 22 anos ...para quando eu tiver com 40 anos (...) ser um grande empresário gráfico...aqui em Mato Grosso e também uma paixão que eu tenho desde pequeno assim ... que também foi herdado de meu pai é trabalhar com campo ... ter uma fazenda e tal.. é um objetivo que eu tenho .. estou traçando meios para mim chegar ano a ano vencer cada etapa para chegar – lá. (L1)

É de ver que as coisas que estou fazendo estão dando certo e isso só me incentiva mais a querer mais estar sempre crescendo... algo diferente. (C1)

... queria mesmo ter minha empresa.. não é questão de status.. para mim é mais para segurança.. poder fazer o que você tem vontade de fazer... ousar... fazer... ser dono do destino.. sabe.. poder fazer o que te motiva..(A3)

Acho que é aquela adrenalina de ver a sua idéia tomar corpo.. você ver aquela coisa funcionando.. não tem coisa melhor que você fechar um bom negócio seu.. aquilo é uma adrenalina que nenhum esporte radical pode dar aquele entusiasmo.. é claro que o fracasso é na mesma proporção.. mas aquela coisa de ver a sua idéia funcionando.. o pessoal comprando a sua idéia.. você conseguindo .. achando formas e mecanismos de você atingir o público.. isso é gostoso demais...te dá aquela coisa ver acontecendo aquela idéia. (...) sonhei agora vou aplicar. (G1)

Vontade de crescer ... ser um grande empreendedor (...) Tudo material pessoal social. Pessoal para eu me auto desenvolver ter capacidade ... vou conseguir... capacidade que fora da empresa eu não conseguiria . Material é questão de gerar riqueza .. gerar lucros (...) Precisa... eu acho que precisa... é um troféu... um dos troféus .(J3)..

(...) mais a minha maior motivação é acreditar no meu potencial ... olhar para dentro de mim... eu não vou deixar que as coisas de fora me abalem ... porque eu sei que sou capaz ... eu sei que eu vou poder ... então é muito mais meu ... postura minha do que externa.(D1)

Esta relacionada ao crescimento como pessoa... saber que formei pessoas para o mercado (...) como consequência o lado financeiro. (L2)

Estando no trabalho eu me realizo.. gosto demais.. e um fato principal para você ter sucesso... amar o que faz... você está ali .. você não quer nem ir embora para casa... se você vai embora você vai dormir...fico então dentro do trabalho (...)

É saber que eu posso realizar as minhas metas, tenho elas certinho para o ano que vem, eu quero, para daqui a dois anos o que eu quero, eu me vejo... metas pessoais e profissionais... com o trabalho você consegue realizar o lado pessoal, o lado familiar só através do trabalho, por isso me dá mais vontade de trabalhar, e outra eu gosto muito do que eu faço, eu tenho metas, uma das metas eu alcancei, eu comprei um apartamento (...) tenho meu carro, o plano de metas está sendo colocado em prática .. carro .. moto.. uma chacinha.. qualidade de vida melhor... e só consegue isso com trabalho.. cada vez mais temos que estar ralando. (J4)

Estes depoimentos reforçam que as necessidades são intrínsecas a cada ser humano, cabendo ao meio a oportunidade de possibilitar a satisfação ou não. Através do auto-conhecimento, por meio da conscientização das próprias necessidades, do porquê de seus comportamentos e atitudes, dos seus desejos, e o indivíduo conseguirá mais facilmente alcançar os seus objetivos e elevar sua motivação, afirma Lezana e Tonelli (1998).

Para estes pesquisadores, a necessidade de auto-realização dos empreendedores será o motor do crescimento, pois permitirá que este maximize seu potencial na tentativa de superar os próprios limites. A conscientização das suas limitações, possibilitará o desenvolvimento de novas habilidades, assim como a busca por novos conhecimentos.

f) O reconhecimento de outras pessoas motivando o jovem para o trabalho empreendedor

Percebemos em algumas entrevistas que um dos fatores impulsionadores do empreender no discurso deste grupo de jovens empreendedores, é a necessidade de reconhecimento daquilo que vem realizando na sociedade. Trata-se de uma energia que pode ser armazenada para suas ações.

Sheedy(1996), anteriormente nos direcionou para a necessidade de aprovação que os empreendedores adquirem. Seus desejos de conquistar uma alta posição na sociedade, obter o reconhecimento, ter respeito, *status* e prestígio da sociedade, caracterizam esta necessidade de aprovação.

Eu procuro trabalhar para que ...tanto como no campo pessoal ou profissional eu possa sempre deixar as portas sempre abertas.... agora ... sendo bem direto... pessoa bem quista...pessoa que sempre trabalhei no caminho do mais ... construir uma rede de contatos (...) é também um motivo estar contribuindo... e ... eu quero fazer um trabalho bem feito para que seja reconhecido pelas pessoas... que as pessoas admirem também o trabalho.... seja uma empresa conceituada...seja diferenciada.(A1)

Eu acho que a gente tem que ser lembrado pelo que a gente faz ... principalmente aqui na empresa familiar (...) as pessoas que realmente estão na empresa enxergam você como profissional ... então isso é importante. (J1)

Acho que muitopor ter a consciência de fazer o meu melhor ... em qualquer lugar que eu estiver... e você muitas vezes ... você não ser reconhecido...ou aquilo não te dá o fruto que você gostaria que tivesse, não o financeiro...tá... mas aquele reconhecimento mesmo... aquela preocupação de fazer por você ... eu acho que foi nesse ponto...o trabalho foi fundamental. (D1)

A maior motivação eu acho que é o reconhecimento do nosso trabalho... Não o reconhecimento financeiro... é lógico que isto é um estímulo para a gente continuar, mas o reconhecimento dos clientes , de você ver e ligar para o cliente ... e aí a campanha deu certo... nossa ...as vendas aumentaram em tantos % ... sabe... você saber que aquilo que você pensou ... aquilo que você planejou ... aquilo deu certo ... deu resultado. Nossa motivação é essa ...sem dúvida.. o resultado...Aquilo que você está colocando em prática está dando certo ... Tudo o que você pensando aqui.. todo um trabalho ... tudo que você tem para colocar prática alguma ação, alguma estratégia e aquilo ali dá certo .(F1)

g) A busca da ascensão social no discurso dos jovens empreendedores entrevistados

A característica de pertencerem a camada social média, acreditando na possibilidade de ascensão para uma camada superior, se apresentou no contexto das entrevistas deste grupo. A ascensão social como motivação para empreenderem, pode ser verificada nos depoimentos a seguir;

(...) através do trabalho você vai ter condições de dar uma coisa melhor para sua família.. dar um ambiente melhor para sua família... dar uma qualidade de vida melhor...só através do trabalho . (J4)

É ter um padrão de vida legal para minha família... meus pais... eu quero dar um padrão de vida legal... eu quero poder ... eu penso muito no que meus pais viveram... a família viveu... meu pai carregou milho nas costas... vendia em feira.. conseguiu um padrão de vida legal... graças a Deus...muito bom... mas eu batalhei muito por esse padrão (...) eu tenho que fazer mais (...) eu penso muito em crescer, desenvolver... ter condições materiais, ter segurança... por talvez hoje um emprego não seja segurança (...) poder ter uma aposentadoria legal no final da vida..poder parar.. descansar... então eu penso bastante nisso. (A3)

É questão que faz parte da forma de a gente ser... da educação.. trabalhar... ser responsável ... não me vejo fora disso...mas o ponto principal é a questão da sobrevivência, da sustentação da família ... você tem que trabalhar para justificar o que vem pela frente .. então meu trabalho mesmo é sobreviver hoje mas sempre buscando uma melhora ...traçando plano para o futuro... mas o que me motiva a estar trabalhando hoje é realização dos meus projetos futuros que eu tenho em mente. (F2)

Os acontecimentos foram levando a gente a tomar conta... até nesse ponto a gente leva esta responsabilidade de a frente e fazer dar certo. Então dessa forma foi acontecendo. A gente também tinha aquela vontade de manter o patrimônio... a aquela coisa que existe... é uma empresa a 24 anos no mercado ... tem esse sonho de continuar esse nome ... inovar e manter a tradição ao mesmo tempo. Dar continuidade ao trabalho do meu pai. (...) A vontade de crescer mesmo. De ter sucesso . De ter uma posição social estável. De manter o padrão que a minha família tem ... até porque um a boa parte da família depende daqui... eu acho assim... é manter o patrimônio... manter a empresa ... e com o crescimento da empresa a gente vai ter o crescimento pessoal. (II)

É importante ter sucesso financeiro para morar melhor... viajar com a família.. ter coisas boas,... fazer coisas boas,, fazer bons cursos conhecer pessoas... ser uma pessoa melhor em busca de uma vida melhor. (L2)

Lezana e Tonelli (1998), reforçam que o desenvolvimento de um empreendimento depende principalmente da figura central do empreendedor. Se são as necessidades as grandes impulsionadoras dos comportamentos, um empreendedor se move, dentre outros fatores, pela busca de melhoria nas condições de vida social.

h) A dedicação ao trabalho por prazer

Ao acreditarem em seu potencial de realização, ao buscarem o reconhecimento pessoal e sua ascensão social, trabalham e dedicam-se muito a empresa. Alguns depoimentos deste grupo de jovens empreendedores demonstraram que são dedicados ao trabalho porque gostam do que fazem.

Dornelas (2001), afirma que os empreendedores são, entre outras características, determinados, dinâmicos, dedicados, otimistas e apaixonados pelo que fazem.

(...) todo dia chegava 7 h na empresa e saía as 3 h (outro dia) . Ficou um bom tempo assim... Depois comecei a sair as 1 h, as 23 h, hoje já consigo trabalhar bem com os horários e tudo. Mas exigiu muita dedicação ...no começo eu até abduquei o lado pessoal para investir na empresa. Não é a toa que de cada 100 empresas que abrem, 96 em cinco anos desaparece . Realmente são muitos desafios. Eu acho que a pessoa dedicar muito mesmo, tem que gostar mesmo. Os desafios são de toda ordem . Cada dia nunca acaba. Cada dia é um diferente. Toda hora aparece um desafio que você não viu. É incrível .As coisas vão mudando. É por aí.(A1)

Hoje eu gosto tanto desta empresa , que para mim o primeiro negócio tá a empresa , e não é correto... o primeiro é Deus, depois a família, depois a empresa, e na realidade eu inverti assim... quando você falou inverti valor ... não ...só que eu .. assim ...o dia a dia esta tão intenso que para mim o primeiro negócio é a empresa . (J1)

Eu tenho paixão pelo que eu faço ...tanto é que para mim não tem horário , nem hora... não tem feriado.. se eu precisar ficar dentro de casa fazendo trabalho, sábado e domingo, natal , feriado , eu me dedico e não reclamo por isso.(A2)

i) Dedicam-se muito ao trabalho e não têm tempo para outras coisas

Ao estarem empreendendo estes jovens empreendedores declararam que existe uma certa dificuldade em se controlar diante da quantidade de atividades em seu trabalho. Sua preocupação com o trabalho lhes toma um considerável tempo de dedicação.

A busca de suas necessidades se traduz nesta intensa dedicação a empresa, de onde este espera poder colher seus frutos e satisfações pessoais na sua trajetória de vida.

(...) eu trabalho das 7 da manhã às 18:30 a 19 h da noite , inclusive sábado das 7 da manhã as 17 h da tarde. (J1)

Às vezes da vontade de fazer um clone é complicado conciliar tudo ...a gente aqui cansa de trabalhar até meia noite... uma hora... por a gente não consegue mesmo... durante o horário normal que expediente você fica por conta de atender o cliente e ai depois que encerra o expediente que você vai colocar realmente em dia suas outras coisas ... os planejamentos...as campanhas ... porque a gente não tem tempo para isso .(F1)

Olha eu acho que você passa grande parte do tempo trabalhando... eu diria que durante a semana você fica 70% trabalhando, ou envolvido em coisas ligadas ao trabalho... e esses 30 -25% você fica ligado a família. (L1)

Eu não tenho tempo fixo... eu não tenho horário certo... porque .. não tem sábado.. feriado se aparecer cliente eu atendo... não tem hora certa...Toda a noite estou mais em casa. (C1)

80% é trabalho.. se não estou efetivamente trabalhando estou pensando em trabalho.. pesquisando trabalho (...) 20% para família e lazer. (A3)

É mais para o trabalho.. olha como eu tenho praticamente duas profissões 70% para o meu trabalho... 30% é para mim (pessoal) (J2)

A grande dificuldade nossa hoje é a questão da administração de tempo...mas eu procuro dividir bem isso ... trabalho na hora que tem que trabalhar e dedico a família (...) Eu trabalho um 60% do tempo e 40% eu dedico a família , a crescimento meu ...estudo essas coisas ... religião.(J3)

Para o trabalho e para a família mesmo... Acho que na proporção meio a meio. Não em quantidade de horas ... mas eu acho que em dedicação.(I1)

Olha... é 80% trabalho....se formos em termos de tempo é isso. (D1)

No geral acho que melhorou... a gente fez a escolha...a minha escolha por ser empreendedora... é ter doado 90% para o meu trabalho e 10% para a vida... Hoje estou tentando entre 40 e 50%.Não consigo terminar um curso... com minha família não consigo.... mas tenho conseguido ter alguns finais de semana. (L2)

É trabalho.. prioridade para mim é o trabalho...sobrou tempo você dedica para outra coisa (...) Às 8h eu chego no trabalho.. ai o dia inteiro reuniões.. visita a loja ..geralmente fico até 20 h ... tem dia até 22 h da noite. (J4)

j) Conseqüências pessoais desta dedicação ao trabalho

As considerações teóricas de Handy (2001) e Sennett (2000) apontam que o indivíduo em descompasso e sem equilíbrio na sua relação tempo e trabalho, acaba por colher conseqüências pessoais, que na maioria das vezes corrompem o objetivo de vida.

A aceitação deste grupo de jovens entrevistados, em relação a pressão neoliberal para o mundo do trabalho, esteve emergida em alguns depoimentos. A flexibilidade de ação, a despadrãoização de carga horária, trabalhos noturnos e diurnos, tudo isso combinado com seu valores e necessidades enquanto indivíduo, os interesses familiares, tudo compõe um caldeirão onde o jovem empreendedor se encontra envolvido.

Posso dizer que no começo quando abri a empresa foi a minha vida... até para a questão da experiência exigiu uma dedicação muito grande... mas eu diria que hoje já consigo equilibrar minha vida, e a questão de organizar, estruturar, formar sua equipe, de preparar ... eu acho... tem muito empreendedor que não tira férias... eu acho que num caso desse é um caso de falha do empreendedor... não da sua equipe ... é do empreendedor... ele centraliza muito...não forma, não delega...é falha dele de estar criando formas para que ele tenha sua vida pessoal e profissional. Pode ser também um lado psicológico... uma fuga ... a pessoa procura se ocupar tanto no trabalho para não dar tempo de pensar em outras coisas pessoais ou pode ser uma fuga de outros problemas (...) inclusive eu acho que não é muito produtivo... ser escravo do negócio... eu não sei até onde é produtivo.Uma pessoa equilibrada pode ser até mais produtiva.(A1)

Férias já faz tempo que a gente não tira... tira um dia aqui outro ali dá uma descansada mais é complicado. (F1)

Eu sou mulher problema.. ninguém vai namorar agora comigo porque eu não vou ter tempo... mais para o trabalho.. agora que eu estou começando a parar... sou muito

nova .. tenho que cuidar de mim.. sair mais... porque a maioria das vezes você está virando a semana... quando você vê é domingo e você está trabalhando... já é segunda feita e eu não descansei... então... estou começando a ficar com estafa... você não agüenta. (J2)

Hoje a depressão ela atinge todo mundo, principalmente esse novo perfil de empreendedor.. nos somos muito ansiosos.. porque nos estamos muito a frente do que temos hoje.. você está sempre trabalhando na expectativa de conseguir algo.. isso te dá artrite e depressão... que eu consegui equilibrar com a religião e com a terapia. (L2)

k) Estes jovens sentem uma necessidade de maior dedicação para a família

Sem tempo para cuidar de si mesmos, uma maioria dos entrevistados acusou também certa preocupação com o bem-estar e com o relacionamento familiar, visto sua relação conflitante com o tempo dedicado ao trabalho e o tempo dedicado a família.

Este grupo de entrevistados, de origem da classe média, tem consigo o fato de receberem uma gama de valores sociais, quer via família, quer via igreja e grupos, que refletem sua auto-condenação no abuso do tempo dedicado à empresa. Porém, aqueles entrevistados cujo característica de família, absorve também filhos, sentem mais esta pressão, do que aquele jovem empreendedor, solteiro sem filhos, com vontade e espírito de crescimento a todo o vapor.

(...) gostaria assim se eu tivesse ...talvez o tempo seja eu que tenha que fazer... me organizar ... tomar o café da manha com meu pai e minha mãe... jantar chegar em casa a noite... pelo menos ter uma hora uma conversa com eles, até por que minha irmã casou ... é só eu em casa... eu precisaria dar essa atenção... mesmo minha família... meus parentes ... outro dia no casamento de minha irmã teve ai mais de 20 parentes ... eu só na empresa, trabalhando trabalhei, e cheguei de viagem no dia antes do casamento de minha irmã... então eu acho que não é legal isso aí ... então isso daí eu tenho extrapolado um pouquinho demais para o lado da empresa . (J1)

Hoje eu realmente abri mão um pouco do relacionamento familiar ...em opção pelo trabalho (...) 90% profissional... eu estou sempre fazendo negócio....se eu saio com a família para comer uma pizza ... eu enxergo a pizzeria como um negócio...se eu estou num casamento e alguém me apresenta uma pessoa que eu conheçoe ele é empresário .. para mim... eu já enxergo ele como um negócio eu vivo o meu trabalho onde eu estou (...) Independente do ambiente eu estou sempre voltada para o lado profissional. (A2)

O trabalho eu vejo que ele ... você vai ficando mais preso a ele...a responsabilidade vai aumentando e você tem que dar conta disso.. e consequentemente você vai passar menos tempo com a família... mas eu acho que é tudo isso resultado desse mundo globalizado , capitalismo que a gente vive nele, a gente tem que aprender a adaptar essa nova realidade ai . (L1)

Olha uma coisa que eu ainda não consegui organizar certo (...) não criei metas para isso... mas eu preciso separar o meu tempo... pra mim... para família... para empresa... as vezes isso complica de um jeito... por exemplo... tem dia sem almoço,

sem jantar.. é meio complicado.. não é uma coisa metódica (...) Olha meio dia vou almoçar ... volto às duas.... isso eu não consigo. (A3)

Esta bem desequilibrada muito mais para o trabalho (...) trabalho de dia... acordo as 6 e volto a parar às 23 h ... fica difícil dedicar tempo para família. (G1)

Eu tenho conseguido administrar o tempo para família e para o trabalho. Já teve épocas mais difíceis mais esse ano principalmente eu limitei meu tempo aqui na empresa. Eu passei a sair as 5h da tarde para poder fazer atividades físicas... cuidar da família...então ... a gente tem isso ...o horário comercial é isso mesmo...eu concilio o horário de almoço para estar com meus filhos ... tem esse horário de sair mais cedo e está sendo suficiente .(I1)

(...) eu sinto que eu preciso me organizar mais...mas na minha atividade eu não estou conseguindo ... entendeu... então eu estou me dedicando muito mais ao meu trabalho ... em comparação com que eu acho legal... que uma pessoa pode muito bem ser empreendedora .. ser ... crescer na vida ...sem ter que se matar ...eu acredito nessa possibilidade...entendeu... a gente tem uns momentos assim... mas eu vejo hoje que estou trabalhando muito, muito , muito....e isso está me incomodando... eu acho que a pessoa tem que ser equilibrada... acima de tudo tem que ter equilíbrio... eu não quero chegar com 60 anos e falar ... meu Deus... eu trabalhei demais... eu queria ter ficado mais com meus filhos... ou queria fazer mais coisas para mim ... e eu não quero chegar nisso ... então é uma luta constante .(D1)

Mas tenho dificuldade com esta relação Trabalho-Tempo-Família.. eu não consigo ainda... tenho feito terapias para poder conseguir viver melhor.(L2)

Depois que eu sai fora da família que eu cresci.. porque a família prende muito... isso que eu falo.. o cara tem que trabalhar.. dar assistência para família.. mas a família coloca muito medo, coloca muita resistência, no que o cara vai fazer.. se dedicar muito tempo para família.. não tem tempo para dedicar ao trabalho.. e é do trabalho que você consegue dar qualidade de vida. (J4)

Alguns depoimentos vão contra aquilo que De Masi (2000) apregoa, ou seja, a necessidade do tempo livre, caracterizando o ócio criativo necessário para que o indivíduo encontre seu equilíbrio como ser humano.

1) Se trabalham tanto, se não possuem tempo para nada, como suportam o estresse ?

Nos depoimentos de alguns jovens empreendedores, se apresenta uma necessidade de relacionamento social, como sendo uma válvula que possa diluir sua pressão no dia a dia da sua vida empresarial. Alguns ainda tiram tempo para praticar algum tipo de esporte e ou mesmo um hobby de final de semana.

Eu gosto muito de musica... eu toco viola então eu ... assim que eu me alivio...as vezes num sábado por exemplo.. tenho alguns colegas do passado que chamam a gente para jogar uma bola ... assim que a gente vai levando.(L1).

Cinema... sair com a namorada.. ficar junto é onde converso sobre os problemas.. eu converso muito com minha namorada... minha família.. sou um cara aberto nesse sentido... porque já aprendi com o tempo... porque se eu guardar para mim... dá

problema... tanto emocional como ficar nervoso... preocupado... ficar tenso... vai acumulando. (A3)

Tenho... o ballet.. como eu dou aula.. eu mexo com as partes das malhas ... mas eu amo fazer aula... é cansativo.. cansa o corpo.. mais para repor energia é...positivo. (J2)

Simplemente desligo o celular, relógio... fim de semana.. toco o mínimo em trabalho.... Gosto de fotografia... eu também me dedico... e gasto uma grana com fotografia aqui perto de Cuiabá. (G1)

A família e eu temos um outro negócio que é a agricultura... uma área rural... então eu acabo sendo produtor rural também...então quando você está assim... no meio dos bichos... lá você acaba aliviando o estresse.(F2)

E a gente sempre tenta conciliar um pouco o trabalho com o lazer.. não é aquele negócio... o empresário não pode tirar 30 dias de férias (...) se brincar até fogo na empresa tocaram neste período de férias. (...) então tira sete dias de férias.. em vez de 30 dias. (...) Um cara que vai estar aqui... tem que ter um esporte... um esporte que pratica.. eu adoro moto... para mim... bicicleta.. todo domingo pego a minha bicicleta e vou para algum lugar... é a válvula de escape... é um grupo de pessoas que você tem diferente... que você está relacionando.. e totalmente você esquece do trabalho... como tirar da cabeça... domingo que eu não vou parece que (...) eu gosto de moto ou bicicleta... fazer uma trilhas.. com a natureza lugares maravilhosos... é legal e mantenho o físico. (J4)

Estes depoimentos declaram que existe uma certa preocupação com a qualidade de vida neste grupo de jovens empreendedores da classe média. Todavia, os apontamentos de Handy(2001), Sennett (2000) e De Masi (2000) sobre a necessidade de dedicarem a outras atividades sociais é em parte compreendido por estes jovens.

m) São jovens que buscam o conhecimento de várias formas

Para Dornelas (2001), os empreendedores são independentes e constroem seu próprio destino. São bons em planejamento, líderes e formadores de equipes, e são, sobretudo, sedentos por novos conhecimentos.

Para Lezana e Tonelli (1998), durante seu processo de formação empreendedora, os conhecimentos são reforçados para suprir suas necessidades de desenvolvimento pessoal, desenvolvendo seus potenciais, habilidades, através de novos conhecimentos, visando inovar e estar sempre acompanhando e a frente das mudanças exigidas pelo mercado.

Este grupo entrevistado busca conhecimento aprendendo com outras pessoas. Parece claro nos depoimentos coletados que a conversa do dia-a-dia para o empreendedor é uma das formas mais utilizadas para sua assimilação de conhecimento. Pela informalidade e pelo repasse desestruturado do conhecimento este jovem se utiliza também de outras formas, tais como as citadas a *posteriori*.

Eu acho que a gente aprende a todo momento...sempre tem uma oportunidade de aprendizado...Se a gente tiver aberto e aí ... Tem se dado no meio acadêmico ... procuro sempre estar desenvolvendo o meu aprendizado...Procuro sempre estar fazendo cursos bons ..Aprendo em casa com meus pais, na empresa com minha equipe, com os clientes, com amigos, assistindo filmes. Acho...eu sempre sou uma pessoa que liga o aprendizado ao meio acadêmico.A gente estando aberto ... até numa viagem... numa troca de idéias com pessoas se dá o aprendizado. A todo o momento, agora mesmo, contigo você conversando sobre a entrevista , trocou uma idéia também me trouxe aprendizado. Estando aberto, a todo momento você deve agregar alguma coisa. (A1)

Eu acho assim eu tenho uma oportunidade boa porque a minha sócia tem um conhecimento maior que o meu então eu posso a toda hora estar aprendendo com ela. (...) Eu aprendo muito com os meus clientes ...porque o que a gente fala ... no nosso segmento a gente não tem que saber só do que a gente faz eu não tenho que saber de propaganda, de marketing , estratégias de comunicação ... eu tenho que saber de lojas de material para construção , eu tenho que saber de supermercado , eu tenho que saber de cursos , eu tenho que saber de muitas coisas ... de muita... muita coisa mesmo e isso ninguém melhor do que meus clientes que estão nesse segmento para poder me passar esse tipo de informação ... as informações deles ... do segmento deles.. eles me passam eu busco (F1)

Com a vida também... como os meus próprios clientes eu aprendo para caramba... vivendo o jeito de cada um .. como que gosta de ser tratado... como a maneira de abordar os clientes.. você aprende... na vivência... né ... percebendo. (C1)

o que me passa maior carga de conhecimento é sentar com as pessoas... conversar trocar experiência... olha como que eu faço isso aqui... como você faz... será que eu fizer desse jeito dá certo... consultar as pessoas... tem gente com mais experiência... mais vivência... que já passou por determinado problema.. eu gosto de trocar informação... eu acho o que eu tenho a troca de informação é a principal fonte para mim. (A3)

Primeiro através das cacetadas do dia a dia... é bom que a gente aprende... também através de cursos. Eu conheço uma agencia lá em São Paulo e eu vou e faço estagio.. procuro trazer para Cuiabá...eu adapto... O curso que eu estou fazendo me ajuda muito (...) muitas vezes nem é pelo professor... tem matérias que não consigo(...) pelas experiências que os outros colegas me passam... sou muito nova .(...) eu gosto de adquirir experiência com meu cliente.. ele me passa muita coisa boa.. e eu também.(...) o que passarem de informação eu estou pegando; sou muito humilde nesse lado.. admito. (J2)

o conhecimento que tem as pessoas das indústrias que nós somos ligados trazem para nós também... o pessoal tem um suporte legal de informações...passa bastante coisa ... é mais a questão da leitura e contato de pessoas de fora... que elas estão sempre passando coisas novas .(F2)

(...) é através do conhecimento do dia a dia ...as vezes é conversando com o cliente... com um amigo ... com um fornecedor ... a gente sempre procura tirar uma coisa para acrescentar.(I1)

Aprendo muito é na prática mesmo... Surge a necessidade de fazer alguma coisa ... eu vou procurar isso e praticar vou pesquisar e vou praticar. (...) Eu procuro na internet... pessoas...amigos ... conhecem do assunto...tem vários amigos que eu fiz curso... amigos do MBA...que eu fiz... eu procuro eles... olha estou com dificuldade aqui em tal coisa .. ele vem aqui... fica comigo aqui... vamos fazer isso ...e tal... na área financeira a pouco tempo eu tive dificuldade... chamei um amigo meu que é

entendido na área... que eu fiz um curso no Sebrae com ele uma época... veio aqui e me passou tudo e hoje eu tenho minha empresa totalmente organizada financeiramente... através desse esquema de aprendizado...de estar buscando pessoas que saibam mais que eu ... eu também o que eu sei em passo.(J3)

Escuto...eu acho que uma das principais características minhas é saber ouvir ... eu acho que escutar muito ... eu sou uma pessoa de estudar, estudar ... ficar ali escutando... ali na parte teórica ... não ...eu sou muito é de escutar ...sabe... escutar experiências ...acho que é por aí...escutando primeiro... escutando outras pessoas .. escutando experiências de outras pessoas.(D1)

O aprendizado se dá conforme sua fase de vida... nos últimos 06 anos eu estava muito em fase de campo então eu procurava assimilar tudo o que eu via... de todos os projetos que desenvolvi fora com o cliente eu aprendi muito com esse campo...no relacionamento com as pessoas.(L2)

Contato com as pessoas é o que mais você aprende(...)é por isso que você tem que se relacionar com pessoas que estejam num nível sempre acima de você... que tenham alguma coisa de interessante para passar para você (...) muitas vezes as informações que você aprendeu no curso não foi lá essas coisas... mas o relacionamento que você criou ali dentro... as informações que você pegou como que as pessoas fazem . (J4)

Existe também um certo relacionamento social do tipo utilitarista. Como são dedicados, profissionais, valorizam o conhecimento e vivem seu empreendimento é natural que estes jovens empreendedores de Cuiabá, busquem estabelecer relações que vinculem aprendizado utilitarista em seu *modus operandi* de empreendedor.

É tanto no lado empresa, como no lado família as amizades ou elas te levam a caminhos certos ou errados, eu sempre digo o seguinte que quem leva as drogas são as amizades ...assim como...eu sempre tive assim um ... eu mantenho ... não que não eu converso com todo mundo... eu tenho amizade com um dois... oi tudo bem...mas eu mantenho um grupo de amigos ... você tem que ter um nível de amigos numa situação cultural praticamente igual a sua .. Mas o que eu quero dizer que as amizades influenciaram sim de forma positiva (...) de buscar... a gente troca informações (...) então é assim... influenciou muito...ter amizades.. então você vai sair com alguém só para falar de negócios... não... não é só de negócios ... só que as amizades influenciaram sim e me ajudaram bastante ... eu devo muito a opiniões de amigos que fizeram com que eu melhorasse meu desempenho... mas muito mesmo. (J1)

Eu sempre procurei relacionar muito com as pessoas (...) independente de grupo... eu sou católica ativa .. freqüente... já fui interactiana.. já fui rotactiana (...) o Rotary...essa coisa do social de você estar ajudando as pessoas, o espírito de equipe, que é muito grande ...por que numa entidade que não tem fins lucrativos ...e ela tem um trabalho voltado para o social.. as pessoas tem muito mais em equipe porque o interesse é um só...ninguém tem interesse individuais. (A2)

(...) para ser sincero de uns 03 anos para cá eu passei a ter convívio com empresários, através de associações ... estar envolvido em 02 associações na parte da diretoria... a associação de supermercados e diretores... então esse convívio é bem recente (...) Algum amigo assim... sempre vê alguns amigos ...sempre eu tomo para mim as histórias de sucesso das pessoas e não vejo assim cobiçando ou tendo

inveja... eu me espelho nessas histórias de sucesso para mim fortalecer ... e também buscar algo.. agora recentemente ...a partir dos três anos atrás que eu passei a conviver mais com pessoas e com grupos de empresários ... que até então eu não convivia .. e também pude conhecer várias pessoas que tem história de sucesso ... e continuo me espelhando né...no que anteriormente era só alguns amigos hoje alguns empresários me influenciam sempre... mas é uma coisa mais recente.(F2)

(...) com a necessidade a gente montou uma empresa... um negócio que deu certo... um mercado que estava em ascensão (...) a gente teve a visão que tem que buscar a informação para estar aplicando naquele negócio... senão você não consegue gerir... a gente começou a criar um novo círculo de amizades.. através de cursos, palestras, que você vai fazendo. (J4)

n) Buscam conhecimentos pela leitura e cursos

Este jovem empreendedor egresso do IEL que vive num mundo de competitividade constante, demonstrou pelos depoimentos coletados, uma necessidade de busca de conhecimento, também pela literatura e cursos do tipo utilitarista.

(...) procuro ler bastante... a gente assina sempre bastante coisa da área e do nosso meio para estar sempre ligado... hoje em dia já não tem mais desculpa...internet então principalmente... procuro estar bem informado na minha área principalmente isso é importante (...) Vou atrás...Agora as informações da minha área mesmo eu aprendo assim com livros mesmos da minha área. (F1)

(...) eu adquiri o hábito da leitura... até a faculdade não tinha... hoje eu consigo deitar... independente do horário . eu durmo muito pouco...mas na hora que eu chego em casa meia noite eu tenho ler pelo menos uma hora... seja livro de assuntos diversos mais voltados para a área mesmo da administração...marketing, é gestão... e tudo mais ...muita revista ou jornal mesmo, via internet (...) Infelizmente é mais do lado empresarial, eu gostaria de ler algum romance, mas acabo não tendo gosto para isso... mas eu pego um livro.. uma autobiografia de algum executivo ou de algum sociólogo .. bom diversos... pessoas que tenha algo para aprender...que a gente possa estar usando na organização... infelizmente é mais voltado para essa área mesmo... eu não consigo pegar um livro de romance entendeu...ler um romance...infelizmente... eu vou ainda conseguir.(...) então eu posso dizer que hoje além da leitura do cotidiano...é... também as pessoas com que a gente se relaciona. (J1)

Eu acho que conhecimento você adquire em todo o lugar ... eu tenho uma busca incessante pelo conhecimento...crescimento profissional... inclusive acadêmico...eu acabei de concluir o curso da USP e já estou buscando fazer um outro curso eu acho que principalmente nessa área que eu trabalho ... as coisas mudam muito rápido ..tenho que estar numa busca incessante pelo conhecimento... a informação a gente encontra em todo o lugar... então eu procuro estar... presente em todos os lugares... estar presente onde eu sei que aquilo vai contribuir para o meu conhecimento... leitura eu tenho fobia por leitura... eu estou lendo 03 livros ao mesmo tempo (A2)

Leio muito...Assim... todas as revistas que são de informações Veja, Isto É , Época, Exame...estas revistas assim eu leio...agora eu não sou muito desses livros de auto-ajuda... eu não sou muito...só se for um muito bom que muita gente já falou...eu começo a ler se eu acho que vale a pena perder o tempo de ler ... eu vou em frente.(R1)

Eu acho que a leitura e fazendo curso (...) Leitura direcionada no caso para mim para administração por exemplo Finanças Marketing ...eu acho que tudo isso ai... inclusive eu até um bom material em casa... quando precisa... tenho um tempo de parar e dar uma olhada uma lida nele...e procuro também estudar o meu segmento que é gráfico... procuro estar sempre por dentro do que está acontecendo ... quais são as tendências. (L1)

Num curso que eu faço de pós graduação... lendo... procurando sempre palestras... leio... leio Veja, Você SA, algo do tipo que me interessa.(C1)

Leio um pouco... leio livros chamados de auto-ajuda, livros de marketing, vendas, cursos, vídeos (...) eu aprendo.(A3)

(...) aulas, palestras são coisas que assimilo muito... TV, leitura e um pouco mais... leio muita revista e jornal, por exemplo, revistas gerais tipo Veja, Isto É .(G1)

Leitura... Mais revistas no meu segmento... a gente vê várias revistas ...do segmento de distribuição ... acompanhando a evolução a tecnologia.(...) A internet também é um grande canal para você aprender.(F2)

A gente sempre participa tipo de treinamento , palestra e procura relacionar isso com a empresa. É comum assim numa palestra eu anotar sempre as coisas que eu acho que tem uma correlação com a empresa .Não sou de fazer anotação do que estou vendo na palestra... eu já vou direto para idéia que aí dá para fazer na empresa de tal forma. Eu acho que tendo essas informações através de cursos e leitura procurando aplicar em pequenas idéias ..(I1)

Eu cheguei num estágio que identifiquei que só o campo não bastava mais e hoje eu estou em busca da parte teórica... dos livros... de uma boa palestra... de um bom vídeo...um bom curso (...)o que tenho procurado muito é ler rigorosamente a Veja semanal... que eu caso.. porque eu gosto de assistir o jornal da globo... o jornal da manhã... então essas informações que eu vejo por um noticiário com uma revista eu vou acompanhando o meu dia a dia....mas eu ainda permaneço no relacionamento.. por eu ter acesso a pessoas importantes (...) eu sugo as informações... eu converso... eu ainda estou no relacionamento... porque eu tenho dificuldade de estudar e assimilar leitura... eu sinto sono na leitura... eu não paro nunca... quando eu paro é para ler... e aí da sono. (L2)

Um pouco de cada coisa... um pouco através da leitura(...) livros, artigos, participando de eventos, palestras, congressos(...) leio... Você S.A, Veja...uma hora por dia.(J4.)

Mesmo que estes jovens valorizem o investimento em educação, observamos que utilizam-se de vários meios para assimilar o contexto de informação necessária para sua performance empreendedora. O aprendizado em sala de aula, via educação formal e formação complementar é adicionada a leituras técnicas e relacionamentos pessoais.

Nos parece que a experiência pela prática é um valor considerado pelos jovens empreendedores na busca de conhecimento, ao referirem-se a necessidade de relacionamentos

do tipo utilitarista. Aprendem muito com experiências de pessoas que já erraram e também que acertaram.

Para este pesquisador, alguns depoimentos apontaram que ainda existe aquela máxima do mundo empresarial, qual seja, “na prática a teoria é outra”. Entretanto, isto não pode ser generalizado, mas nas anotações do caderno de campo, percebemos mais claramente o fator relacionamento pessoal como presença no grupo de jovens empreendedores, no que tange a sua busca de conhecimento.

A compreensão de alguns pontos comuns deste grupo de jovens empreendedores entrevistados nos conduzem a uma análise de base por onde os valores fundamentais se fixaram em seu processo de captação do ambiente externo onde vive.

Assim seu processo de formação com característica empreendedora, passa a ser entendido a *posteriori*, nos depoimentos relativos aos aspectos de influência da escola, da formação complementar do IEL e da família, principalmente.

4.3 – Influências na sua formação para o empreendedorismo

a) Em que a educação escolar contribuiu para estes jovens empreendedores ?

As percepções dos jovens em relação ao valor da escola formal clássica são assimiladas, principalmente, na formação como pessoa. Alguns jovens empreendedores declararam que a educação formal recebida nas escolas em que participaram teve influências positivas em seu desenvolvimento pessoal.

Uma maioria deles estudou em escolas particulares, tanto no ensino fundamental como no ensino médio e superior. Para alguns, o fato de estudarem em escolas administradas por religiosos, foi também ponto importante no repasse de valores para sua formação.

(...)até a oitava série eu estudei, na época era o colégio mais aristocrático de Cuiabá, acho que contribuiu em termos de conhecimento, formação de caráter. (A1)

Na formação de pessoa, lá onde eu estudei ,, com certeza a escola teve um grande ... uma grande mão para... eu consegui ser ... formar...ter um caráter ...uma boa formação... eu acho que nesse sentido a escola foi importante .(L1)

Contribuiu no sentido de formação (...) a gente sabe que precisa dessa formação que contribui com conhecimento .(D1)

b) A relação escola, ensino médio formal e o emprego

Os depoimentos coletados demonstram que estes jovens obtiveram uma formação escolar clássica, com uma inclinação para valorizar as formações tradicionais que facilitassem a entrada no mercado de trabalho, pela busca de um emprego.

(...)meu ensino quase todo foi em escola religiosa... mas no meu ensino fundamental foi muito voltado assim ...ah... era religião ... depois você ia casar... depois de você ter estudado em uma escola só para mulheres na época em que eu estudava ...era casar ...ai depois quando eu fui para o ensino médio era uma escola ..a minha visão que os professores tinham era que só preocupados com o vestibular ...porque no vestibular você ia passar e ai ia ser uma bom profissional .. você ia encontrar um bom emprego ... ganhar bem ...é uma visão meio brasileiro ... você sempre vai arrumar um bom emprego... ganhar bem.(R1)

(...) eu vejo hoje os jovens eles preparam desde de pequeno ... estuda, estuda, estuda... a maioria dos meus colegas eles assim... estudam e na hora de ir para o mercado de trabalho... continuam estudando para tentar passar num concurso. (L1)

Não... eu acho que a escola não influencia muito o jovem para criar seu próprio negócio ... a escola ...a imagem de escola que eu tenho é São Gonçalo... que eu sempre... a maior parte da minha infância...foi passado lá naquele colégio então... eles preparam o alunos... para você passar no vestibular... e de repente eles tem na mente você ser um médico... você ser um engenheiro ... você coisa desse tipo... mas

assim nunca que você vai ter seu próprio negócio... eu não senti isso... pelo menos eu não percebi nada disso... todo esse tempo .(L1)

(...)o ensino médio ele vai te voltar para profissões consagradas... profissional liberal... advogado... médico... você ter um emprego concursado...um juiz.... o ensino médio esta muito focado nisso aí...tanto que quando eu sai do ensino médio para fazer faculdade fiz vestibular para Direito e ai não passei na primeira vez e tal... ai eu tinha a 2ª opção para computação que eu mexia... desde os 09 anos eu comecei a mexer e ai depois... por essa carga ...no outro semestre de vestibular eu passei... fiquei um ano... e ai parei o Direito para empreender.

Mas o ensino médio te dá uma carga assim de voltado.... a prova disso é quantos vestibulandos fazem para Direito.(...) Ensino médio e faculdade... contribuição apenas para formação como pessoa... Não me orientou para ser empreendedor. (A3)

(...)acho que a formação da escola ela não orienta para uma determinada função... ela dá aquela condição básica muito comum para criança, o adolescente... cada época ele pensar em ser alguma coisa...cada época ele pensa em ser professor, depois médico, depois...né... depois advogado... eu acho que é muito vago.(I1)

(...)na época o Pernalonga era, fora a ETF-Escola Técnica Federal e o Notre Dame, a 2ª escola particular que mais tinha professores de nível (...eu vejo que pessoas que formaram recentemente tem muito mais facilidade por que foi trabalhado isso na escola.. o que nós não tivemos.. essa geração de 70 para cá não é a mesma da geração de 80... acho que o estudo dessa fase para cá foi muito mais rígido mais competitivo... acho o termo correto. (L2)

Filion (1999), afirma que nós vivemos dentro de um contexto em que uma maioria das pessoas deve procurar um emprego se quiser trabalhar, fato explicado pela formação recebida pouco estimuladora dos aspectos da livre iniciativa empreendedora.

Os depoimentos destes jovens empreendedores levam a reflexão de um questionamento de Dolabela (1999), o qual se pergunta como é possível ensinar alguém a ser empregado nos dias atuais.As percepções da influência para o empreendedorismo no ensino médio ficam, portanto, comprometidas nos discursos deste grupo de jovens entrevistados.

c) O ensino superior contribuiu para o empreendedorismo, ou não?

De fato, percebe-se em alguns depoimentos que o papel da universidade esteve mais voltada a estimular este grupo de jovens para o ser empregado do que para o ser empreendedor. Todavia, os depoimentos fortalecem que, comparado ao ensino médio, o ensino superior se aproxima de questões de maior interesse deste grupo de jovens empreendedores, até mesmo pelas escolhas acadêmicas assumidas.

Verificamos, anteriormente, que estes jovens entrevistados buscaram conhecimento no ensino superior, graduando-se em sua maioria em áreas da administração e ou correlatas. O fato de serem de família de empresários, e por receberem suas influências, os depoimentos dos jovens confirmam aquilo que Nogueira (2002) evidenciou em seus estudos, onde 64% de

seus jovens entrevistados optaram pelo ramo universitário, cuja orientação dominante volta-se para um certo tipo de formação superior; aquela que prepara para o mundo dos negócios e para a gestão empresarial.

Evidenciamos nas falas que o ensino superior poderia ter contribuído em maior ênfase na formação empreendedora deste grupo de jovens, pois seus depoimentos sinalizam um certo descontentamento com o que receberam na universidade.

Eu estudei numa faculdade federal ... eu acho que o foco do curso da UFMT de administração é eles colocam a questão dos impostos que é difícil ser empresário é um ensino muito pessimista ...então o período que a gente cursa aquela faculdade você pensa.. meu deus ... eu tenho que sair daqui ... eu tenho que fazer este curso mais eu tenho que fazer outro curso...porque ninguém contrata administrador eles mesmo falam isso...ninguém contrata administrador...porque se eu estou fazendo administração eu posso administrar meu próprio negócio. (A2).

(...)a universidade no meu curso ... curso de engenharia específico... o dois primeiros anos é ensino básico... e o que eles querem ...eles querem ali te ensinar matemática, física e química para na hora que eles tiverem lá na frente você se desenvolver ... ai quando você chega na parte técnica ... do curso... você aqueles professores... 80% que querem te voltar ensino pesquisa... para você ser um pesquisador . (R1)

Nem um pouco... principalmente na universidade... porque o que eles ensinavam eu já sabia(...) em termos de 2º grau e 1º grau não tive...acho que nada... não me contribuiu. (J1)

Não... eu não vi isso (...) tive minha faculdade fora do país e lá ela não te dá abertura para fazer estágio, você tem que primeiro terminar a faculdade e depois você vai procurar fazer o estágio, você não tem oportunidade de estar trabalhando durante o período em que você está estudando, porque todos os cursos são de dedicação em tempo integral e eu acho isso uma falha, acho que o curso podia ser um pouco mais longo mais te dar a oportunidade de estar aplicando aquilo que você está aprendendo naquele período.. Eu acho que isso aqui no Brasil é um pouco mais desenvolvido do que lá (...)eu acho que principalmente na faculdade eu gostaria de ter tido mais tempo voltado para essa área de empreendedorismo, de coisas mais práticas de como aplicar aquilo que você está aprendendo...tem coisa que aprendi na faculdade que nem me lembro mais... não foi aplicado. (G1)

(...) mas a faculdade em si ... não contribuiu... eu estava vivendo a empresa ... já estava com conceito bem definido...mas deu para absorver alguns conceitos ...algumas coisas novas. (F2)

Na escola exatamente eu acho que não ...Porque até o 2º grau eu ainda não tinha até tão definido o que eu queria fazer no curso superior ... foi no terceiro ano mesmo que eu defini pelo curso de administração... Eu acho que já no curso superior começa a direcionar para isso né.. mas que tenha qualquer matéria específica voltada para isso... foi mais por ir amadurecendo a idéia... e tendo por essa atividade. (I1)

Muito pouco... na faculdade muito pouco.... na pós-graduação contribuiu bem mais ... de que a faculdade em si. (J3)

Dentro da escola formal eu basicamente não aproveitei nada... fiz 8 semestres de engenharia, faltando 2 semestres da engenharia desisti... não aproveitei nada (...) Já alguns cursos tipo Empretec-Sebrae motivam muito, porque dali você tem as informações que dá as dicas, como você tem que fazer, tem muito exemplo de caras que fizeram sucesso... e aí é só aplicar... é o óbvio e a gente não faz o óbvio. (J4)

d) O IEL e seu papel na formação complementar para o empreendedorismo

O fato deste grupo de jovens buscar o IEL para seu desenvolvimento no campo empreendedorístico, esteve direcionado, sobretudo, a imagem de educação ofertada por esta instituição, vinculada ao setor empresarial nacional e regional. Observamos que os jovens entrevistados manifestaram um desejo de aprendizado o qual pudessem operacionalizar melhor sua atividade empreendedora. O conhecimento necessário sua melhor profissionalização e desenvolvimento pessoal, teve no IEL um apoio na sua formação.

Então eu entrei para preencher uma lacuna... você tem que estar inserido no contexto ... mesmo no curso de pós-graduação ... tem pessoas que idéias um pouco obsoletas e tudo mais...Então entrei com esse intuito de atualizar mesmo ... ter contato com os professores (...) e outra... quantas pessoas eu conheci lá dentro do grupo e tenho contato hoje ...é uma pós-graduação e tudo mais ...pessoas que estão na mesma coisa que a gente... passando pela mesma dificuldade que a gente ...então eu entrei para preencher uma lacuna importante e não vou parar.(J1)

(...) senti necessidade de estar me aprofundando mais em cada setor da empresa , quais as ferramentas para cada... o lado da contabilidade ...por exemplo... que eu não tenho muita afinidade mais eu preciso saber ...então eu busquei esse curso para ter uma visão mais macro da empresa e até para saber fazer uma análise mais segura uma análise mais pautada em.. profissionalismo. (A2)

Mas maior interesse nesse curso que estou fazendo por eu ter uma formação totalmente diferente daquilo que eu exerço...então eu queria informações mais técnicas...a parte teórica daquilo que eu vinha exercendo...ver se eu estava indo no caminho certo ...mais ou menos certo... procurando ver como estavam as coisas de fora ... no mercado da gente... saber como funcionava fora daqui da nossa parte essa área administrativa.(R1)

Eu estava até comentando com um outro colega meu ... quanto mais a gente aprende mais a gente fica com aquela insegurança de que você lá na empresa... será que lá na minha empresa não estou perdendo... quando mais a gente aprende mas a gente vai ficando inseguro e isso automaticamente força você ...empurra você a estar sempre corrigindo melhorando... sempre estudando mais (...) Com certeza ... busca da especialização ...fazer melhor aquilo que você está disposto a fazer... você tem que fazer. (L1)

Por que você sempre tem que estar procurando algo mais.. para te acrescentar... e não é nem a questão desse lado do mercado... porque eu trabalho por conta própria... mas é necessidade de estar sempre aprendendo...inovar... coisas novas. (C1)

(...) mas o que me deu motivação mesmo foi quando eu fiz o curso do IEL... aí sim eu tive contato bem próximo com grandes empresários(...) foram pessoas que ajudaram bastante... de sentar.. ficar conversando assim... perguntar como eu devia fazer isso daqui... isso aquilo... a experiência que você tem como que é ... são pessoas... são profissionais respeitados... a maioria das pessoas que fizeram o curso são bem sucedidas. (A3)

Conhecimento... troca de informação... sede de contato... por exemplo... o que eu penso hoje depois do curso é muito diferente do que eu pensava antes do curso... talvez o que eu penso hoje é totalmente uma inverdade para mim.. uma outra visão...

(...) não adianta... primeiro você não tem experiência suficiente para falar não eu conheço isso... não tenho... eu tenho que buscar teoria... na pratica das outras pessoas para trocar informações... eu não tenho uma verdade... eu não tenho um *know-how* de vivência...eu posso estar estudando.. lendo a teoria mais.. é muito científico o aprender... como eu não tenho muito tempo assim... eu vou trocando informação... vou perguntando.. vou aprendendo.. não adianta.. eu espero estar sempre reciclando... se hoje o mercado não é como ontem (...) hoje o negócio é muito fácil errar.(A3)

Minha preocupação é errar menos ... como tenho foco muito amplo.. estou sempre buscando novo posicionamento... tenho que estar atento.
(G1)

Foi para crescimento pessoal mesmo... Eu tinha vontade de fazer uma especialização ... por causa do trabalho eu nunca pensei em fazer fora ...e a partir do momento em que surgiu aqui... já despertou meu interesse ... ainda mais sendo um MBA ... sempre lia e via prospectos ... além de cursos caríssimos sempre tinha que ir a Rio e São Paulo ... Então eu achava inviável ... Mais foi pela facilidade ... tem aqui e aproveitar a oportunidade mesmo de ter esse curso.(I1)

Necessidade de conhecimento ... a gente está ai no mercado... tem vontade de crescer e para crescer tem que ter conhecimento... não tem mais essa de crescer sem ter conhecimento... outra você ter contato... pessoas .. amigos de um nível excelente para estar passando informação para você porque ... um curso desse que a gente faz nada mais é que contatos .. você aprende mais com contatos do que com o professor as vezes propriamente dito dando a aula . (J3)

Porque ele tinha um enfoque prático e não acadêmico (...) Para mim foi o primeiro curso que apareceu que me incentivou a fazer... me motivou a fazer (...) por necessidade de continuar estudando na época até então eu não tinha tido oportunidade...eu sai de uma cidade muito rica em educação ... em termo de tudo... educação profissional ... e cheguei aqui não tinha nada ... era a época quando cheguei ... ai quando veio o primeiro eu tinha que agarrar ... o primeiro... mas fui nele por isso e não por enfoque acadêmico. (D1)

Para mim galgar um novo degrau na empresa eu preciso de técnicas.. porque o meu tipo de trabalho é muito forte o lado de campo.. o evento você aprende fazendo.. é um tipo de profissão que você aprende desenvolvendo e cada dia você vai desenvolver um tipo diferente uma forma diferente.. mas eu acredito... que eu preciso ferramentas de como lidar com RH, com o financeiro... com o marketing... essas ferramentas ajudariam a galgar novos degraus.(L2)

O curso do IEL me motivou muito porque dali você tem as informações.. dá as dicas... como você tem que fazer... tem muito exemplo de caras que fizeram sucesso... e ai é só aplicar... é o óbvio... e a gente não faz o óbvio.(J4)

Fiz um curso de especialização por duas coisas... não vai... por três ...uma é questão de curriculum , a outra era provar para mim mesmo que era capaz de .. apesar de algum tempo afastado do estudo... retomar um estudo e dedicar um tempo para isso... e outra para buscar conhecimento mesmo... de alguma matéria alguns módulos que eram bem específicos a uma função ... e achei de extrema importância.. ir escutar e aprender alguma coisa ... em alguns pontos eu acho até que eu me superei ...trabalho em grupo e fazer os trabalhos individuais também e ter que apresentar ... acho interessante ... isso é bom e gera conhecimento,,, além do contato com pessoas . (F2)

É para aprofundar em conhecimento ... não que não é nenhuma necessidade ligada a ter um diploma ... nada disso ... o fato de fazer acrescenta só para mim... para minha atividade profissional ... não é uma coisa que eu tenho que mostrar para ninguém que foi feito...Mas é buscar conhecimento a mais ... para tentar valorizar minha atuação na empresa através do conhecimento.(I1)

Este grupo de jovens empreendedores, em sua maioria, buscou o IEL como uma instituição com um projeto de educação que transmitisse sua necessidade de conhecimento do tipo utilitarista.

Ao estimular a disseminação do empreendedorismo o IEL atua com estratégias pedagógicas direcionadas a atender o anseio deste público que vivência o mundo empresarial. Suas didáticas de ensino, assim como a seleção dos candidatos, o material de ensino, os professores, estão compreendidos dentro do contexto onde o empresário decididamente possui um direcionamento do seu tempo para o seu trabalho. As necessidades do tipo utilitarista mais destacadas pelos empreendedores passam ser perseguidas nos cursos do IEL, verificando-se na análise de seu material programático .

e) Influência dos pais para o empreendedorismo

Nos depoimentos coletados a presença familiar demonstrou ser muito importante no processo de formação deste grupo de jovens empreendedores de Cuiabá. Dos 16 jovens, 15 são originários de famílias de empresários, tendo como características de imigrantes de outras cidades e regiões.

Para alguns entrevistados o pai influenciou em maior peso na sua formação empreendedora;

Meu pai sempre me deu muita força... para todos lá em casa... ele sempre apoiou a gente em todos os aspectos ... e antes de pensar em montar nosso próprio negócio ou alguma coisa... ele foi o primeiro a falar ...vocês deviam fazer...vocês deviam montar... eu acho que ele antes da gente ele viu que a gente devia fazer...ele sempre nos apoiou muito. Eu acho que nesse aspecto a família contribui muito mais ... a forma que você é criado... do que a escola. (F1)

Meu pai a vida inteira no comércio então ele foi me passando sua experiência ... infelizmente ele não teve a chance de estudar e eu tive .. graças a meu pai e minha mãe ... e também isso foi muito importante estar dando oportunidade e deixar quando tem responsabilidade ...deixar trabalhar ..Tenho alguns amigos que em que o pai é centralizador... chega até num ponto... e não não... daí para frente não vai .Aqui não ...aqui você pode trabalhar a vontade ... se faz besteira ...chama a atenção ... mas deixa trabalhar ... quando eu falo do lado empresa é do pai ...não é que a gente esquece da mãe...a mãe eu acho que tem aquele lado assim ... esse lado mais... de passar a mão na cabeça de você ter todo mundo... uma grande família... acho que isso ai vem de mãe ... o que a gente dentro de casa ... a forma de criação .. é que a gente acaba trazendo para dentro da empresa ...Agora o lado comercial mesmo... foi meu pai... e meu pai sempre foi uma pessoa o seguinte ...que a vida inteira empresa tendo empresa, no Paraná mesmo, antes de existir a loja de material para construção, teve 17 anos uma cerealista no Paraná... mexia com cereais ... mexia com o comercio .(J1)

Pelo meu pai 100%... primeiro porque as pessoas falam que eu sou cópia dele... mais por ele muito... muito..antes de eu formar eu já estava trabalhando aqui (...) Ele tem uma visão... por ter trabalhado a vida inteira autônomo, ou com empresas (...) Eu

acho que todo o meu jeito minha vontade de trabalhar assim...de empreendedorismo assim é a minha .ligação...tudo acho assim as vezes sou meu tapada assim...tudo eu acho que é o meu pai.... eu tenho uma formação muito em cima do meu pai e tenho uma ligação muito grande com ele e as discussões que a gente tinha.(R1)

Eu através principalmente da influência do meu Pai ... ele sempre foi ... ele sempre teve eu próprio negócio então eu comecei a ter aquela visão do próprio negócio desde pequeno... achei aquilo mais interessante ... você trabalhar para você mesmo.. o resultado seu... você monta uma equipe e você vai trabalhar numa coisa sua ... então a influencia do meu Pai foi muito grande... a convivência assim... e hoje eu quando por exemplo eu poderia bem estar estudando para passar para algum concurso... Banco... qualquer lugar para ser bem remunerado já... mas eu preferi começar dar seqüência no trabalho dele e procurar desenvolver aquilo... crescer a equipe (...).eu não conseguia pensar meu futuro ... como é que eu vou ser ... eu ficava preocupado mas eu não busquei ser empreendedor ... foi uma coisa que foi acontecendo ... digo que foi uma grande influência do pai mesmo.(L1)

Incentivo... incentivando, trabalhando para me trazer um meio para que eu conseguisse desenvolver (...) Fui criado dentro da loja desde os quatorze anos (...) Eu observava sempre o meu pai ...Foi um exemplo.. um grande exemplo... honestidade... humildade...Embora ele tenha tido pouco estudo ...Mas é o que ele pode passar para a gente ... honestidade e humildade (...) desde criança eu já tenho essa vontade de ser empresário ... que nem o meu pai. (J3)

(...)aprendi com meu pai foi não trabalhar para ninguém, isso aí vem impregnado, um paradigma que não vou trabalhar de empregado.. meu pai nunca trabalhou de empregado (...) e isso fica na cabeça da gente ao longo do tempo .. nunca despertou a vontade de pedir emprego.. por assim... da necessidade que nós passamos.. sempre foi correndo para girar um dinheirinho... aquela coisa... do talento pessoal... você montar.. a coisa e consegue sobreviver. (J4)

A importância da mãe foi destacada também nos depoimentos deste grupo de jovens empreendedores. É certo que a maioria destas mães que influenciaram também porque faziam parte de uma família empreendedora.

Sem dúvida... se não fosse a minha mãe para me dar o dinheiro para ir para a feira para comprar... ela me ajudou bastante ... Incentivou (...). por que eu sou uma pessoa sempre decidida.. sempre... nunca quis ser funcionaria publica... desde o começo eu sabia que não tinha perfil nenhum para ser funcionária publica. (C1)

Remete a minha família... a minha família classe média... minha mãe era dona de casa.. meu pai inspetor do Bemat... aposentou sendo inspetor... mas a minha mãe começou a trabalhar com lanchonete.. e aí a gente começou a ter um aumento social.. um padrão de vida melhor... Eu tinha 08 anos... comecei a trabalhar com minha mãe,... nessa idade eu atendia e tal... e uma das coisas que me marcou muito da minha família foi minha mãe quando começou a trabalhar(...) De empreendedorismo foi a minha mãe... de garra, de organização, valores assim foi bastante o meu pai... deu uma junção legal assim.... para minha formação moral, ética, religiosa... por que minha mãe é muito mais ousada que meu Pai... muito mais... mas meu Pai controla..o risco... é o freio... então eu....não sou tanto acelerador e nem sou tanto freio.(A3)

Meu pai muito pouco por não morar aqui... ele é engenheiro.. mas sempre mexeu com comércio ..com empresa.. então ele sempre me deu boas dicas. (...) Eles separaram eu tinha 02 anos.. não convivia..(...)

Mas com a minha mãe... ela foi minha faculdade na prática.... na teoria fiz faculdade .. mais ela .. me ensinou... por que ela tem bagagem .. me ensinou coisas... (...) para você defender uma campanha você tem que gostar.. tem que amar (...) muitas coisas que ela fala... em termos de venda... ninguém entende melhor que ela... ela sempre convence o cliente como ninguém então ela me ensina muito por esse lado. (J2)

Muito.. foi fundamental ... tanto pela minha mãe ... e por ela não trabalhar...ela falava assim .. tem que trabalhar se virar desde cedo...Vai trabalhar vai se virar para a vida.. não faça como eu ...não se submeta (D1)

Para outros tanto o papel do pai como o da mãe foram decisivos em seu processo de formação empreendedora;

Acho que tem uma relação muito estreitaMeu pai ele... tem um lado assim ético muito... (digo) meus pais... muito apurado voltado para a ética... acho que herdei esta característica deles... A minha mãe tem um... é... muito empreendedora , dinâmica... acho que uma relação bastante estreita... eu acho ... não que seja somente isto mais é uma grande influencia (...) com a ajuda de meus pais também, foi muito importante...houve uma ajuda financeira, psicológica, emocional, a gente abriu algumas coisas. (A1)

A família foi fundamental nisso aí...porque a história da minha família é muito interessante... é uma história de pioneirismo mesmo.(...) meu pai sempre teve um sonho de sair de Porto Alegre-RS(...) ele tinha a visão que o Centro-oeste estava explodindo (...) ai recebeu uma proposta para implantar um projeto de colonização (...) que é o projeto onde hoje é a cidade de Terra Nova do Norte (...) ele veio para implantar o projeto ... quando chegamos aqui eram 03 casas, uma estrada e mato...foi uma coisa de coragem mesmo... depois ele teve uma empresa de topografia, arquitetura e construção (...) tanto meu pai como minha mãe...ela também começou um negócio aqui... minha mãe conseguiu agenciar 12 postos telefônicos em cidades do norte de Mato Grosso (...) e isso daí foi aquela visão de pioneirismo (...) fora isso ela já tentou outros negócios . (G1)

Eu acho que essa parte (papel) da família é muito importante... Dos meus pais eu sempre senti apoio em tudo que a gente ia fazer ... Então aquele apoio incondicional. Se der certo nós apoiamos ...Se der errado valeu a experiência ... Então eu acho que esse apoio e incentivar e você não ter medo de errar de poder arriscar isso estimula a criatividade... né... o meu pai sempre foi e ainda é muito empreendedor ... então eu acho que isso dá quase que uma educação nesses padrões. (I1)

Para Oliveira (1995), a importância do contexto familiar (pai e mãe) na formação para o empreendedorismo se baseia naquilo que denominamos de educação informal, ou seja, a proximidade, as discussões em família, os amigos empresários, a vivência, conformam um quadro onde o jovem absorve valores deste mundo competitivo.

Não observamos nenhum caso nos depoimentos coletados de pais que não influenciaram estes jovens para o mundo do empreendedorismo. Observamos uma

preocupação com o estudo formal, com a graduação superior, valores característicos da classe média, por outro lado, a orientação para o emprego não emergiu em nossas anotações destas entrevistas.

f) A importância da educação estimulada pelos pais

Percebemos neste grupo de jovens empreendedores, com características da classe média, o valor do investimento na educação promovida por seus pais. Verificamos que os investimentos realizados nos jovens foram destacados pelos mesmos como importantes, ou seja, acreditam e valorizam o que receberam dos pais e a visão que eles tiveram em relação a sua educação.

Meus pais me possibilitaram um estudo de qualidade e morar fora do País... Acho que ... para a formação tem uma grande relação . (A1)

E graças a Deus eu tive a oportunidade de estudar que meu pai me proporcionou, meu pai e minha mãe me proporcionaram essa oportunidade de estudar, tudo, de estar aí correndo viajando e tudo mais, coisas que eles não tiveram. (J1)

(...)eu lembro que eu fazia a 8ª série tinha 14 anos... o auge nosso ... era ser do CEFET do Banco do Brasil...todo mundo fazia 14 anos queria ir ser estagiário no Banco do Brasil...e meu pai não admitia isso...você tem que estudar ...hora que você tiver que trabalhar você trabalha... agora você tem que estudar, estudar, estudar...não quero saber...e na hora que você passar no vestibular ... depois que você tiver tomado conta da sua vida você faz o que você quiser...mas por enquanto tem que estudar ...e não deixava. (R1)

Minha mãe pôde me colocar num colégio bom... Pernalonga... era um colégio muito bom na época... Me colocar numa faculdade e tal...Ela falou... olha... eu estou te criando para você ser dono do seu destino... de poder decidir sozinho isso (...) me marcou muito. (A3)

Nos discursos destes jovens, não emergiu nenhum contexto desmerecedor da educação formal, no sentido tal aquele citado por Nogueira (2002), ou seja, um ceticismo sobre o valor da educação escolar clássica. Ressaltamos que nas anotações de campo também não observamos declarações dos jovens dizendo que seus pais não valorizavam ou não incentivavam a educação escolar do tipo formal.

g) A iniciação precoce no mundo do trabalho

A convivência desde pequeno no mundo empresarial emergiu nos depoimentos dos jovens empreendedores entrevistados, influenciados pela característica familiar empreendedora de sua maioria.

Sua trajetória empreendedora, teve portanto, contribuições decisivas da família, a qual se utilizou de estratégias tais como aquelas citadas por Grun (2002) e Nogueira (2002).

Começou com meus pais... Eu tinha dois anos e a minha mãe abriu uma empresa dela ... Eu não gostava de ficar em casa...Eu sempre ia para a empresa... fazendo uma coisinha ...Fui estudando e.. gostei de atuar no varejo... então... eu ... gosto muito dos meus pais do lado pessoal ... e aí eles motivaram para que eu tivesse um negócio próprio.(A1)

Desde 10-11 anos de idade eu vinha encher o saco aqui ... na realidade eu vinha encher o saco aqui. (J1)

(...)e desde pequena eu sempre tive muito interesse em acompanhar a minha mãe ...minha mãe sempre foi empreendedora ... vendia jóia,, vendia roupa ...sabe lá em casa todo mundo tem um perfil ... ninguém fica acomodado numa única função ...a gente faz de tudo um pouco... e minha mãe tem muito isso... e eu desde pequena acompanhava minha mãe ,,,,eu estudava de manhã e a tarde ... enquanto todas as minhas amigas ficavam em casa ou então uma ia para o ballet.. eu ia com a minha mãe para rua vender jóia ...e sentava junto com ela e minha mãe ... ia vender alguma coisa e eu embalava para presente ... eu aprendi com aquilo...a sempre estar lidando com o público. (A2)

Sempre ... eu me lembro quando eu tinha... acho que era 12 13 anos e eu estudava de manhã no São Gonçalo fazendo 5^a, 6^a série como lá em casa minha mãe trabalhava só ficava eu ... e minha irmã também trabalhava e meu pai tinha ...era mais fácil eu ficar com meu Pai do que eu ficar sozinho ... então de manhã eu estava para escola e a tarde eu já ia para a gráfica lá e ia estudar lá na gráfica ... e ele você estudava e ficava no meio do que estava acontecendo e você toma gosto pela coisa ... então desde os 12 13 anos por aí eu freqüentava a gráfica... não para trabalhar ,mas assim... tem até um ponto positivo que você começa a viver um coisa sem responsabilidade ...ter que dar resultado para aquilo... né... e começa simplesmente olhar... observar as coisas.. você vai dando suas idéias e aos poucos e quando assusta você já está envolvido na área(...) Meu Pai é que pediu para mim ir ... mas meu pai pedia por eu ficava sozinho em casa... ele achava melhor que eu fosse para lá do que eu ficasse ... na rua ... ele não era muito de acordo...(L1)

Atendia... estudava a tarde... ficava de manha... depois que eu voltava do colégio... tudo isso eu fiquei assim dos 08 anos até os 17 anos boa parte... ai eu parei um pouco... porque foi a época que entrei na faculdade. (A3)

Meu pai sempre me levava junto.. ele teve um loteamento dele.. um projeto de colonização dele mesmo.. e eu com 12/13 anos já ajudava a vender na loja.. saia para fazer entrega... para mostrar terrenos ... os lotes ... então... sempre... esse atendimento ao cliente... a maneira de atender... negociação... isso ai tenho desde pequeno... a gente viu de casa como funciona.. então com certeza... aquela disciplina que tem que ter com negócio... a gente trouxe de casa . (G1)

(...)desde os 09 anos o meu pai já me trouxe para trabalhar no negócio dele e foi trabalhando crescendo, vivendo a administração e eu vejo que a grande característica positiva é a confiança e a responsabilidade que depositaram em mim ... desde o principio...desde não digo com 09 anos, mas com 14 anos eu assumia

responsabilidade (...) a partir do momento que ele me envolveu nos negócios dele...eu absorvi aquilo tudo e aprendi a gostar ... gosto do que faço ... a gente tem na veia a questão da administração e no meu segmento que é distribuição de produtos a gente tem na veia ... a gente conviveu com isso .(F2)

No início quando abriu a loja em 1978 era o meu pai e um sócio e era muito comum a gente sair da escola e vir para empresa.. esperar para ir para casa...e depois desse período que ...tipo assim com 11 anos todas as férias a gente participava... toda decisão importante ligada a empresa... meu pai reunia e conversava com a gente em casa. (...) Desde os 11 anos que a gente vem ... a gente fazia 4ª e 5ª série e vinha trabalhar nas férias como office boy para dar férias para o caixa... serviços de banco .. servicinhos rotineiros de escritório... então 11 anos eu me lembro a gente já vem participando aqui na época de férias (...) Eu e minha irmã... meu irmão já era bem mais novo ... então ele já não participou tanto(...) Fez diferença por que a gente aprende a gostar da empresa a familiarizar com as atividades aqui... eu acho que é muito importante principalmente para a empresa .(I1)

A principio é porque meu pai começou a loja e não tinha condições de pagar um empregado... Eu menino e ele me colocou a frente do balcão enquanto ele ia fazer o serviço a domicilio... isso foi um motivo de redução de custo ... e depois a firma foi crescendo e crescendo... houve uma época que sai da empresa e fui trabalhar fora.. com meus 18 anos para 19 ... trabalhei uns 03 anos e ai voltei porque ai empresa estava mais ou menos... e comportava eu trabalhar aqui (...) sempre gostei... é um sonho meu gerenciar a empresa.(J3)

(...)eu era supervisora das lojas dele (...) desde que eu sou pequenininha...pequeninha ...eu digo... eu tinha uns 12 anos ... nas minhas férias ... a gente trabalhava com comércio de papelaria , brinquedos e um monte de coisas ... eu ia... nas minhas férias eu trabalhava lá na loja com ele ... ou vendendo cartão de natal ... ou na área de brinquedo ou no departamental ... era uma loja de departamentos... então eu ganhava por hora ... então desde muito nova ... depois quando eu mudei para Campinas e comecei a Faculdade ai mesmo que eu peguei de vez... Daí que eu trabalhei com ele mesmo... direto ... por uns 07 anos ...(D1).

Tinha 14 anos... aqui em Cuiabá foi uma batalha... a gente chegou aqui não tinha nada.. eu vendia picolé na rua... já vendi laranja... já vendi peixe...ambulante na rua... colocava numa bicicleta... ai meu pai vendeu o caminhão que a gente tinha e comprou uma lanchonete... comecei a trabalhar na lanchonete.(J4)

Observamos, em alguns depoimentos, uma idade precoce próxima entre 10 e 11 anos como iniciação do jovem no ambiente empresarial. A convivência desde cedo, fica evidenciada, sobretudo, pela características dos valores repassados pelas suas famílias de origem empresarial.

Assim, quando se fala em formação empreendedora de jovens, enfatiza-se a importância da experiência, do contato íntimo com a coisa a ser assimilada, e a necessidade de construir algo novo sempre em cima de experiências que lhe sirvam de alicerce. Segundo Teles (2001), o processo de formação não está no vazio, não ocorre sem referências nem se dá quando as explicações são feitas com um vocabulário desconhecido para a pessoa. Nesse sentido, a convivência desde cedo no mundo empresarial corroborou decisivamente que a formação de valores empreendedores pelo grupo de jovens entrevistados.

h) A sucessão familiar como estratégia de inserção do jovem no empreendedorismo

João Bosco Lodi (1987), aponta que as estratégias de famílias de empresários devem e promovem desde cedo no jovem valores e conhecimentos do mundo empresarial. A sucessão familiar fica evidenciada em alguns depoimentos coletados neste grupo de jovens empreendedores de Cuiabá. Como algo como 45% deles vivem e atuam em empresas familiares, receberam desafios e responsabilidades de perpetuar aquilo iniciado pelos seus genitores.

Hoje nos temos um programa de trainee que a pessoa fica 09 a 12 meses em treinamento na empresa ... Eu fiz isso ai em 04 – 05 anos ... passei por várias áreas da empresa ... então eu consigo enxergar a empresa como um todo..Eu acho que essa questão de sucessão que muita gente fala ... acho que o maior erro da sucessão é o filho começar como o dono....tem que começar lá... ralando em todas as áreas da empresa... então eu tive a oportunidade ... então por isso é importante. (J1)

Que eu comecei a vir para cá foi depois que eu entrei na universidade (...) porque como todos os outros 02 irmãos também já trabalharam aqui, por que a gente queria ... Quanto a isso o meu Pai é uma pessoa é assim...se tem uma pessoa que permite você errar em falar nada... muitas vezes... eu e meus irmãos já cometeu erros assim... as vezes de perder dinheiro por estar tentando fazer uma coisa e achar quero era o certo...em momento algum...ele falou... ele só fala assim pensa bem e analisa vê se o que você está fazendo é certo...não se a gente insiste num negócio ele dá liberdade para fazer...por mais que ele vai perder um dinheiro ai ele fala que a gente nunca aprende se não bater a cabeça na parede... Eu acho que isso daí...eu não posso falar muito ... por que eu sou fã numero um...mas isso daí foi uma coisa que todos os 3 irmãos ...o que a gente aprendeu foi pela liberdade de errar ...e acho que quando a gente erra e principalmente quando perde dinheiro a gente fica ainda com mais receio. (R1)

Em 1996 eu estudava no São Gonçalo e de tarde ficava na gráfica... 1995 para 1996 eu já comecei a ter responsabilidade lá ... responsabilidade digo assim de horário ... até tal horário.. tem que fazer....ajudar lá o pessoal lá dentro .. mas não tinha nenhum tipo de influencia a nível gerencial (...) Em 1998 eu já começava a ter contato já com cliente... o cliente aos poucos ele as vezes queria ver como ia ficar o serviço no computador... e a gente já começava a se soltar com o clientes. E em 1998 eu terminei o segundo grau e fui para a faculdade... já na faculdade eu já estava bem solto assim com os clientes .. fui fazer administração... administração de noite... e já comecei a trabalhar o dia inteiro ... e trabalhei o dia inteiro e já comecei a participar (...) comecei a trabalhar na área de orçamento .. meu pai já é uma pessoa meio de idade e vinha muita gente para fazer orçamento e fazia esse tipo de coisa... não a nível de decisão mais, mas assim auxiliando ... e depois de 1998 1999 ... aquela coisa que vai indo aos poucos ... 1999 2000 e já comecei ... já só eu e meu pai na gerência ... ele sempre dando a última palavra.(L1)

(...) depois de um certo tempo eu voltei para Cuiabá e comecei a trabalhar na empresa... por uns quatro anos eu só trabalhei como um funcionário comum mesmo... trabalhava na parte de escritório...então isso deu uma oportunidade de eu passar por todos os setores da empresa.. não como dono mas como filho do dono... porque tinha praticamente o sócio dele era o patrão e eu fazia a função de empregado mesmo... trabalhei em cobrança, em auxiliar de escritório, todas as funções mesmo, caixa... até que um ano antes da separação desse sócio dele eu passei para a parte comercial que eu nunca tinha atuado mesmo ... venda contato com vendedor, com o cliente... isso ai foi uma inovação mesmo... gostei dessa área e começou a dar força que tinha condições de levar a papalaria sozinha . (II)

Esses jovens entrevistados, aceitaram aquilo que Bourdieu (1998) denomina de o “herdeiro aceitou herdar a herança”, ou seja, o jovem empreendedor neste caso, aceitou

apropriar-se dela. Especificamente, os interesses familiares em formar um sucessor ficam evidenciados nestes depoimentos.

i) Família e valores na praxes empreendedora deste grupo de jovens

Os valores assimilados por este grupo de jovens empreendedores de Cuiabá, egressos do IEL, receberam influências, particularmente, originárias da família e de outras instituições sociais como a escola, a igreja.

Nestas entrevistas, observa-se a preocupação dos entrevistados em falar no seu discurso de valores éticos, de honestidade, de preocupação com o próximo, da transparência no trato comercial, entre outras.

Tem muitas crenças. O empreendedor tem que estar nas pessoas. Formar as pessoas no caráter, no ideal... São várias as crenças, posso citar, o importante é a franqueza no relacionamento...outra crença importante a honestidade...um conjunto de crenças que ...A ética é muito forte, a honestidade, transparência, responsabilidade... é muito forte ...Acho que o empenho também da pessoa, tanto é certo que soma ... né(...)
Dedicação acho que é muito importante...Pego muitas pessoas para fazer parte da nossa equipe que não tem muito experiência...a gente procura formato de pessoas.(A1)

Eu acho que é a ética a honestidade e por isso que uma das coisas que nossa empresa esta dando certo é isto. Princípios éticos... eu acho que isso mesmo... eu tenho isso ...eu aprendi isso, por isso que eu falo que tem de religião .. de família ... tem tudo isso. Isso a gente não abre mão..e não muda... eu penso assim, minha sócia também ...então isso eu tenho certeza que não vai mudar.(F1)

É você ser justo... porque se o imposto é caro... mas é caro para quem paga... então o que adianta eu gero emprego só que quem fica rico sou eu... o restante fica tudo... fica na lama... né...então tem que ser aquela responsabilidade...você é um empreendedor... você criar... você montar alguma coisa ... um projeto sai do papel dá certo só que levando em consideração que você tem uma responsabilidade social ... porque se você esquecer a responsabilidade social...no meio parte... não ainda você ter um projeto de sucesso se você não tem nenhum tipo de responsabilidade social ... você não é empreendedor do meu ponto de vista. (J1)

(...)mas uma coisa que ele sempre teve como prioridade na vida dele é que não adiantava ele estar bem e quem estava com ele não estar bem... Então hoje aqui, nos podemos dizer que temos uma grande família, mas principalmente quem veio com ele lá do Paraná há 19 anos atrás e ...e todo colaborador, não dá para fazer com todos... todo mundo nesse nível ... mas os principais que vieram hoje trabalham aqui a 19 anos tem sua casa seu carro ele incentiva a estudar, ele para ele hoje a vida inteira ele teve o seguinte ...para ele estar bem ..quem tá com ele precisa também estar bem... não no mesmo padrão de vida... não tem como. Bem assim, precisa ter saúde, ter qualidade de vida ... então ele não sentia bem se os outros não estivessem bem... então ele tinha essa preocupação com o ser humano... Então isso me passou ... hoje nos temos um nível salarial acima do mercado, a empresa paga incentiva, só

que dá para a gente sobreviver e ele tem aquela visão que é o seguinte: Ganhar Dinheiro é bom...é bom...até porque a empresa não sobrevive. Mas se eu tenho X hoje 10X mais não vai mudar meu estilo de vida...então repartir um pouco não faz mal a ninguém. (J1)

Honestidade... honestidade... tenho aversão a mentiras... enganação ... eu acho que ...se você tem um bolo põe confete ele fica bonito , mas na hora que você parte você entrega tudo ...então não adianta você querer enfeitar ... a realidade é tá ali e é para ser vivida, para ser mostrada ...a gente pode desviar os caminhos ... mas não tentar camuflar ... eu sou contra a mentira e a favor da verdade. (A2)

A questão da transparência...às vezes eu já perdi inúmeras vezes de fechar venda muito grande... por ser transparente com o cliente... isso não vai valer a pena para você por conta disso, disso.... seria muito fácil vender para mim... eu ganho dinheiro ...é uma maravilha...só que acho por uma formação...uma questão de formação mesmo ...eu prefiro falar de transparência...as vezes ele deixe de comprar aquilo... mas ele indica a gente... por uma questão de ter sido transparente.(R1)

Uma coisa que eu aprendi que herdei do meu pai e aprendi também na escola é o caráter da gente ... isso a gente não pode abrir mão apesar de hoje ser difícil (...) Por exemplo você ter honestidade no trabalho, você respeitar as pessoas com quem trabalha, lealdade com que você esta trabalhando e para quem você vai prestar o serviço, sinceridade...eu acho que esses tipos de coisa não dá para gente abrir mão hoje para gente trabalhar...uma relação de confiança que você vai estabelecendo não dá para você abrir mão dela.(L1)

Honestidade... ser correta com as coisas...direita..ser honesta. (C1)

É investir nas pessoas... eu não acreditava muito no desenvolvimento... sabe... até nas pessoas ... eu posso errar... muitas vezes você decepciona com determinada pessoa.. acontece muito ... mas... eu prefiro acreditar... a gente fala que é mal de americano... eu acredito primeiro até que prove o contrário... não o mal do brasileiro que todo mundo é... é vagabundo até que prove...Na parte empresarial eu tomei como verdade absoluta... para mim a verdade é em primeiro lugar.(A3)

Uma coisa que eu não mudo mesmo é a questão da ética ... a gente trabalha muito com a ética e procuro deixar isso bem... no relacionamento que eu tenho com fornecedor ou com cliente, ou colaboradores...ela é uma questão de bastante confiança ...então a autenticidade na forma de ser ..isso daí eu não abro mão não. (F2)

Eu acho que o principal seria a honestidade mesmo... a gente nunca fez algo para o lado ilícito ... fala que as vezes é difícil ganhar dinheiro honestamente mas eu acho que ... o principal a gente sempre trabalhou de forma correta. (I1)

Sinceridade, honestidade, qualidade em tudo aquilo que for fazer...(J3)

É a honestidade... honestidade acima de tudo ...eu desde muito nova eu escuto meu pai falar que tudo na vida tem preço... tudo... tudo... qualquer pessoa tem preço... menos a honesta... então isso é muito válido.(D1)

Transparência... falar abertamente com tua equipe e teu cliente... trabalhar com muita transparência. (L2)

A integridade, coisa mais importante,, a integridade.. a pessoa ser honesta.. integra.. qualquer lugar que ela vai... para a pessoa ser bem recebida é o fato mais importante. (J4).

j) A família, a religião e sua influência na formação pessoal e para o empreendedorismo

No grupo de jovens empreendedores de Cuiabá detectamos que a igreja e os valores religiosos não contribuíram na sua formação, no que tange ao encaminhamento para o mundo empresarial.

Os relatos dos jovens empreendedores entrevistados nos conduzem ao entendimento que a religião é uma importante fonte de desenvolvimento humano e formação de valores .

O exemplo Cristão, a necessidade de se ter fé, em acreditar que Deus existe, contribui para um bem estar espiritual na maioria dos jovens entrevistados. Respeitam a religião, e sobretudo, a católica de onde tiveram seus conceitos fundamentais de preocupação social com o próximo. Seus pais foram motivadores desta presença e participação religiosa em suas vidas. A maioria deles não seguiu um impulso próprio de escolher uma religião específica dentre as várias existentes. A tradição familiar e o exemplo dos pais, influenciaram na decisão da maioria pela religião católica.

A religião faz parte... A religião é importante... já passei por algumas religiões diferentes, trouxe contribuições, eu aprendi... a religião foi uma coisa que me trouxe uma coisa muito importante que foi a autoconfiança... eu ...através de uma ação de má fé uma religião me ajudou a construir minha auto-confiança...confiança em determinada religião... abusaram da minha fé... me deram um golpe .. veja quanto a gente não tem oportunidade de aprendizado...até na religião o aprendizado...com esse processo eu aprendi a ter mais confiança em mim.... enato ... hoje eu vejo a religião.... acho importante vc acreditar.. ter uma crença... mas você tem sempre que ter um senso crítico...Acho que a pessoa desde o início.. quando uma pessoa te fala alguma coisa ... que tem estar examinando... vendo se concorda ou discorda...Eu acho que tem que tomar cuidado... tem muitas religiões que faz muita coisa errado em nome de deus ... Mas para minha formação contribuiu muito ... sem dúvida. (A1)

A religião sim (contribuiu na formação)... talvez não para ser empreendedora...mas algumas características de minha forma... da forma como lido na minha empresa tem a ver com a minha religião. Não tenho dúvida.(F1)

(...)eu acho o seguinte... influenciou a religião católica até os 18 anos vamos dizer assim... na minha casa, pelo menos, não tinha esse negócio de querer ir na missa ou não ir...era obrigado a ir...não tinha esse negócio de não querer ir na missa...então a gente foi criado dentro de um ambiente da igreja católica, freqüentando a igreja , freqüentando novena, freqüentando tudo...então isso fez com que a gente formasse um caráter , o que é certo o que é errado , de ter esse lado humano e tudo mais ,, que hoje no lado da organização a gente trás isso para dentro ... a gente aprendeu em casa e trás para cá .(J1)

Eu acho assim a religião independente de qual seja... hoje existe a igreja evangélica crescendo muito...eu acho que cada um tem uma forma de buscar a fé ...eu acredito que a fé é necessária e vital para o ser humano... da mesma forma que eu tenho que

acreditar no meu potencial de crescer ...eu tenho que acreditar em alguma coisa ...tenho que acreditar em Deus.. para alimentar meu espírito (...) Eu acho que contribui de alguma forma porque a fé ... ela te dá mais energia mais confiança ...nos momentos que você encontra com desafios que são muitos os riscos ... que são muitos ... você para e pensa ...você entra numa igreja ... para mim...eu entro numa igreja e saio dela fortalecida... agora depende de cada um ...né... eu por exemplo encontro na religião um positivismo muito grande.(A2).

A religião... contribuiu pelo lado assim de ser honesta de se ter uma postura ética em tudo que eu faço. (C1)

Duas vezes na semana eu estou enfiada na igreja ... vou a encontros... faço estudo bíblico... acho que isso ajuda muito... faço orações voltada ao trabalho... voltada para o pessoal (...) para o lado familiar... eu gosto muito (...) eu trago padre a cada seis meses (...) eu ajudo a igreja nos eventos. (J2)

Uma coisa que a igreja influenciou positivamente foi a questão de valores... você saber respeitar seu próximo sendo ele seu concorrente ou não... isso é uma coisa assim que a gente traz da igreja e procura aplicar... isso com certeza foi uma boa influência da igreja. (G1)

Questão de postura ... moral, ética, a gente acaba tendo uma definição mais clara de como agir...seguindo alguns princípios cristão. (F2)

A religião é muito importante(...) a gente está sempre orando antes de iniciar um evento(...) reunimos em casa(...) O empreendedor pelo que eu identifico hoje ele tem que estar em equilíbrio(...) e o equilíbrio emocional é fundamental ... os seus sentidos estão todos ligados e em harmonia(...) A minha mãe contribuiu(...) ela coloca a questão da harmonia... ela conseguiu trazer na família a religião (...) depois de uma certa fase.(L2)

Os depoimentos citados demonstraram que a religião não fortaleceu a formação para o empreendedorismo, no sentido de incentivo nos jovens, pois o fato de assumirem seu lado capitalista, não acreditam que seja bem aquilo que a maioria das religiões pregam, ou seja, a opção e dedicação ao mundo do trabalho.

Eu não vou falar que a religião católica me ajudou para o lado empreendedorístico .. eu penso...tá... eu não tenho certeza ... eu acho que aquelas religiões em que vetam você algumas coisas que são inerentes ao ser humano, essas sim te barram para o empreendedorismo, eu sei que tem algumas religiões evangélicas , não sei precisar o nome que o cara não pode assistir televisão , não pode frequentar um lugar ... então eu vejo o seguinte... não que a católica me ajudou ... mas eu acho que algumas religiões elas podem barrar as pessoas de buscar conhecimento , porque isso fere o princípio dessa ou outra religião.(J1)

Não ... porque... principalmente eu sou católica e no catolicismo e não prega você trabalhar ia atrás fazer coisa diferente...não é uma visão católica... o empreendedorismo eu acho que não tem muito a ver(...)Eu não gosto muito de misturar negócio e religião ...sabe (...) como qualquer um dessas pessoas que abrem igrejas evangélicas também são empreendedores porque eles tocam num ponto do brasileiro ...o brasileiro é uma pessoa que se leva muito fácil ... não adianta a gente querer se iludir falar ... não é que a gente tem opinião...não... eu acho assim que a gente influencia as pessoas muito fácil... e pela religião o brasileiro é uma pessoa de muita fé... então você influencia e as vezes ... como a influência... eu acho que ... eu não gosto de negócio... às vezes por eu ser uma pessoa muito conservadora .(R1)

Eu não associo muito religião... gosto de ver as coisas separadas... o que é de Deus é de Deus... o que é do homem é do homem... por que... Deus quer que você seja um bom homem... uma boa pessoa... mas se você quer ter coisas materiais isso é do homem... é trabalhar... batalhar... eu separo muito isso (...) eu até acho ruim esta associação (...) Deus está muito mais preocupado de como nossa característica... como a gente se porta... o que nos buscamos como ideal de vida... o que acrescenta mas a outra pessoa... como que nós ajudamos o nosso próximo.(A3)

Não ... associo religião (...) a religião ela está comigo para tomar decisões certas... para olhando por mim... dar certo.(J2)

Não sei se até a igreja católica não reprime um pouco isso ... de dinheiro...ir atrás de dinheiro.. eu não vejo a religião como um fator que tenha influenciado essa minha parte empreendedora.. talvez tenha até reprimido um pouco isso aí... porque quem é católico sabe que tem um pouco essa condenação de riqueza ... só quem é pobre entra no céu...e aquela coisa. (G1)

Não a religião não incentiva para isso(...) A religião em termos de empreendedorismo não... Ate porque a religião ela ... bate muito do lado que você não precisa de dinheiro para sobreviver... que você tem que ter o necessário...eu nunca pensei assim... eu acho que não é pecado você ter dinheiro e nem é pecado você ser rico.(J3)

k) O ceticismo com a política

Os depoimentos coletados ressaltaram um certo descompromisso com a política, neste grupo de jovens empreendedores. Apesar de sua maioria terem votado e exercido seu papel nas eleições de 1998, apoiando a ideologia neoliberal de FHC, estes jovens não se aprofundam nas questões da política. Anteriormente demonstramos que nenhum deles está filiado a algum partido político. Votam em candidato e não possuem ideologia, é o que emerge em seus discursos.

E a política eu acho importante... mas de um modo geral a gente não tem a cultura de participar ... a gente deve participar mais ... infelizmente eu participo pouco... muito pouco da política.(A1)

(...)a gente tem sim... um relacionamento com diversos políticos a gente tem contato .. né .. Não gostamos de depender de favor de político mas a gente que estar... não tem como hoje você não saber o que está acontecendo na política ... ou você ser totalmente alheio... não conversar com ninguém.(J1)

Eu tenho uma visão muito pessoal da política...eu acho que aquelas pessoas que optam pela carreira política... parece que buscam o meio mais fácil a impressão que eu tenho... é o meio mais fácil de enriquecer... na minha cabeça todos eles tem a mesma idéia... de pegar um cargo e conseguir...colocar ali todos seus parentes que precisam e isso é temporário e pronto. Esse lado da política eu não gosto ...Agora a capacidade que os políticos tem de empreender de desenvolver de causar o desenvolvimento de gerar emprego ... isso me fascina.(A2)

Eu sempre votei na Serys(PT) e vou continuar votando porque eu não voto no partido eu voto em pessoas distintas assim ...e isso daí é um atrito... mas eu acho assim... que se você se coloca sempre só oposição fica muito fácil ...sempre tem que ter uma pessoa para brigar e para ver um outro lado da situação. (R1)

Na política voto em candidato não em partido.(L1)

Eu tenho uma visão muito particular da política... eu nunca me envolvi...eu tenho pessoas muito próximas a mim que são ligadas... o que a gente sabe é uma coisa bem complicada a política.. tem um jogo que eu não gosto... tenho amigos empresários... as vezes em que se submetem... tem umas regras do jogo que...então escolho meu candidato... eu tenho meu candidato... mas eu não faço militância eu não me envolvo... eu gosto de estar vendo o que reflete o que não reflete... no varejo (...) meu envolvimento com a política é só informação.(A3)

A política... eu não sou muito de política... eu bem fora... lógico que a gente não pode ser totalmente alheio a isto por ela interfere em nossos negócios, em nossa empresa, na nossa vida, mas eu procuro estar bem ...sabe... cuidar da minha vida ... independente do que eles façam por lá ...e cuidar da empresa principalmente. (F1)

Acredito muito em MT, sou cuiabana , adoro nossa cultura e eu acho que esse sonho de ser um dia secretaria de administração eu não preciso ter nenhuma aptidão política e nem estar em nenhum cargo... não...e nem vejo isso como funcionária pública ...não ...eu vejo esse cargo como a minha contribuição para o estado... a experiência que eu já adquiri ao longo da minha carreira eu vou fazer muito pelos micro empresários ...por que é dali que surge...os grandes projetos você está ligado a secretaria de planejamento...fazer um planejamento para os próximos 10 anos ,para MT crescimento. (A2)

Quanto a política... sou tão descrente com política... eu não gosto(...) trabalho com político(...) eu não gosto de política(...) não me envolvo(...) eu tinha que me envolver.. mas não gosto.(J2)

Não tenho nenhum partido político até porque não existe mais essa questão de partido...hoje você só vê pelas alianças que estão acontecendo nessa eleição de 2002... você já vê que tal ideologia partidária não existe...veja o PT há 10 anos atrás, veja o PT hoje... sabe não sei... eu sou muito mais de votar na pessoa... que é o candidato.. do que no próprio partido (...) eu votava muito mais consciente procurando ver o plano daquele candidato para o meu ramo de serviço que eu trabalhava.. que aquilo ia me influenciar ou não(...) então era o meu lado empreendedor que influenciava o político.. e não vice-versa.(G1)

A política eu vejo que ela... infelizmente a gente no mundo capitalista acaba olhando para dentro do nosso negócio e esquece um pouco a política de lado...não misturar... acho que...nós... no meu caso por não estar envolvido direto com as licitações e essas coisas... mas com as atividades do comércio em si ...a gente acaba distanciando e saindo de cena. (F2)

Nunca me interessei...As vezes a gente pensa qual candidato pode ser melhor ou pior para a situação como empresa... mesmo isso também é incerto... o que você acha que pode ser melhor para o comércio ou não. Mas nada diretamente... nenhum envolvimento. (I1)

Sou neutro, nunca me envolvi com nenhum candidato, não tenho vontade de participar (J4)

A cultura nacional da maioria em não pensar no futuro da sociedade, e se envolver o mínimo possível nas questões de interesse coletivo, aparece na análise das entrevistas destes jovens empreendedores.

Durante as entrevistas, sentimos seu desinteresse no assunto e mínima preocupação com o futuro da política regional e nacional. Não vêem relação entre ser empreendedor e ter participado de ações e atividades na área política.

A política em si “dá mal exemplo”, não é objetiva e nem construtiva, é muita conversa, muito “oba-oba”, muito “empreguismo”. Estas expressões coletadas no caderno de campo apresentaram complementos aos depoimentos registrados, os quais relatam que o jovem empreendedor num primeiro momento está centrado em esforços individualistas centrados no pró-desenvolvimento de sua empresa. Acredita que fazendo sua parte estará contribuindo para a sociedade. Existem “profissionais da política”, os quais devem se preocupar de modo geral com as questões nesta área, defende um dos entrevistados.

Os depoimentos coletados e apresentados nos Blocos I e II buscaram demonstrar as características deste grupo de jovens empreendedores de Cuiabá, egressos dos cursos de empreendedorismo do IEL, assim como identificar dentro de suas percepções, as instituições sociais que mais corroboraram para sua formação para o empreendedorismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender uma parte desse mundo do jovem empreendedor da classe média, conhecendo suas características pessoais e processos-trajetórias que afetaram sua formação, destacaram nosso objetivo de pesquisa. Entender as questões da sua formação para o trabalho, via empreendedorismo, particularmente enquanto jovem da classe média, passou necessariamente pela compreensão de alguns aspectos que o influenciam nesta sociedade capitalista, repleta de ideais liberais. Particularmente foram destacados aspectos como, a família, a escola e a formação complementar pelo IEL.

Nossa questão objetivou também saber o porquê destes jovens estarem empreendendo e não terem assumido uma característica de serem trabalhadores assalariados, a ponto de se poder vislumbrar o papel assumido pela educação neste contexto. Fillion (1999) cita sua preocupação com o fato que a sociedade precisa entender que o mundo do trabalho mudou e que as gerações que estão chegando a fase de iniciação profissional não estão devidamente conscientizadas disso. Resta-nos saber pela ação hoje existente no grupo de jovens que empreendem, quais aspectos podem ser reflexivos para iniciarmos a compreender uma parte deste mosaico que começa a ter um tamanho considerável na sociedade atual.

Beatrice Majnoni (1999), em sua obra *A fábrica de desempregados*, analisa a situação da Europa em relação ao futuro dos jovens, e comenta que eles foram deixados de lado e estão fazendo parte de uma extensa lista de desempregados. Comenta que já se pensou em prolongar a escolaridade, deixá-los mais tempo estudando antes de irem para o mercado de trabalho, pois a faixa de absorção de empregados na Europa atinge principalmente idades entre 25 e 55 anos. A questão é que trabalhar na Europa antes dos 25 anos é cedo demais, e depois dos 55 anos, tarde demais. Assim o jovem europeu aos 25 anos está numa sala de espera, afirma esta autora.

A revista *Deutschland* (n.04 / agosto-setembro de 2002), revela em uma reportagem, entrevistas com jovens onde se questiona quais são os projetos profissionais, sonhos e objetivos a serem alcançados em suas vidas. Aponta que 90% dos entrevistados estão se formando e buscando uma colocação no mercado de trabalho como empregados.

Apenas 10% pretendem investir num empreendimento próprio, ou seja, numa iniciativa empreendedora.

Segundo Marcio Pochmann (2000), se para o jovem de origem familiar popular a efetivação de uma trajetória ocupacional no mercado de trabalho já não era fácil, agora, então, tornou-se ainda mais difícil. Também os jovens pertencentes às famílias melhor posicionadas tendem a encontrar crescentes barreiras para produzir e reproduzir o padrão de vida de seus pais, mesmo detendo escolaridade equivalente ou até mais elevada.

Perguntamos então, a situação atual do jovem e o mercado de trabalho tem uma conotação mais econômica ou mais sociocultural? O fato das influências neoliberais agindo sobre o trabalho, flexibilizando-o, criando novas formas de contratos pode ser entendida apenas como pressão econômica do capitalismo? Ou existe uma percepção nas últimas gerações que o trabalho como está apenas tem transformado o indivíduo em um robô social? As considerações que a sociedade deve buscar para seus jovens caminhos diferenciados daquilo que a maioria enfrenta atualmente, parece ser um movimento crescente.

Assim, percebe-se também que o mundo do trabalho tem se vinculado a apenas um modo de sobrevivência do indivíduo na sociedade. A questão de trabalhar por prazer, de se ter alegria e satisfação, é algo que nós somos ensinados a buscar a *posteriori*. Mills (1976) em seu estudo histórico cita que nossos ídolos são pessoas que trabalham e projetam para toda a sociedade a imagem do trabalho vinculado ao prazer, e normalmente, são pessoas com rotinas que não se enquadram naquilo que chamamos formalmente de emprego.

Por outro lado, a sociedade atual ainda tem dificuldades de encontrar alternativas para esta situação. Mesmo o empreendedorismo, embora esteja em desenvolvimento nas principais sociedades do mundo, ainda sofre de preconceitos. Dolabela (1999,p.1) cita o comentário de um pai ao ver seu filho intencionado para o mundo da pequena empresa . “*Então, gasto uma fortuna para formar o meu filho em informática e ele ainda vai ter que correr o risco de abrir uma empresa ? Ele merece um bom emprego!*”.

Dolabela (1999) nos revela que uma grande parte dos jovens vão procurar emprego, mesmo este não representando o seu objetivo de vida e mesmo considerando que ele está desaparecendo. Questiona novamente, será porque não estão preparados para outra forma de inserção profissional ? O que a educação escolar formal está projetando no futuro desses jovens senão aquilo que chamamos de preparação para o bom emprego? Será que o papel da educação informal via instituições sociais como a família também não corroboram para este fato ?

Pochmann (2000), afirma que as condicionalidades existentes na passagem do jovem da escola para o mundo do trabalho concentram-se mais sobre a unidade familiar, à medida que o jovem, aumentando sua faixa etária, tende a reduzir o papel da família no processo de transição do sistema escolar para o sistema produtivo. No caso de filhos de famílias de renda mais alta, o período de passagem pela escola tende a ser bem mais longo. A preparação para a entrada no mundo do trabalho leva este jovem a sair da escola e a ingressar no mercado de trabalho na faixa entre 18 a 25 anos de idade.

A questão de entendimento das relações familiares passa a ser ponto importante neste contexto de formação para o empreendedorismo. Para muitos jovens a família é o mais importante apoio na retaguarda. A relação entre pais e filhos é muitas vezes difícil, mas os pais são os exemplos mais citados pela nova geração, mais até que as estrelas da mídia, contrariando aquilo que Mills (1976) salientou anteriormente.

Se o direcionamento familiar para o empreendedorismo é necessário neste contexto de formação, o papel da escola também o é, tal como Bourdieu (1998) ressalta ao tratar das questões de submissão dos filhos às exigências da instituição escolar, à qual compete o papel de legitimar essa apropriação, fornecendo as condições (na forma de disposições cognitivas, lingüísticas, comportamentais, corporais, etc..) para que ela ocorra, ou seja, que o jovem aceite a orientação familiar e de seus interesses em herdar valores e tudo mais.

A seleção de escolas, a formação complementar, a escolha de ambientes afins ao empreendedorismo, explicam em parte o porquê de instituições como o IEL – Instituto Euvaldo Lodi, serem escolhidas e estarem recebendo um crescente contingente de jovens da classe média. Sua imagem vinculada ao segmento empresarial, sua proposta pedagógica ressaltando valores empreendedores, acabam por atrair este segmento populacional interessado em sua reprodução e ascensão social.

O fato de detectarmos em nossa realidade regional um crescimento sócio-demográfico, absorvendo o crescimento populacional natural e migrantes, combinado com a diversidade de desafios e oportunidades abertas no campo econômico, fortalecem este contexto de absorção da educação empreendedora fomentada pelo IEL.

Muito embora o empreendedorismo não seja para alguns uma opção de vida, mais uma necessidade, o fato é que alguém na sociedade deva se preocupar com estas questões de preparação do crescente número de indivíduos que procuram um mundo que não aquele do emprego formal.

Segundo o GEM – Global Entrepreneurship Monitor (2002), estima-se que no Brasil em 2002, 14,4 milhões de pessoas estavam envolvidas com alguma atividade

empreendedora, ou seja, 1 em cada 7 brasileiros estava empreendendo, fato este que coloca o país em sétimo lugar na classificação mundial. Todavia, o Brasil destaca-se pelo fato de ser o país com taxa mais elevada de empreendedores por necessidade, acima de países como a Índia, China, Argentina e o Chile.

Pergunta-se então, isto não é um papel que a educação escolar formal deva aceitar como desafio, ou seja, preparar melhor nossa sociedade para os novos desafios que aparecem, seja por necessidade ou seja por oportunidade?

Severino (1994) coloca a questão “ A sociedade faz a escola, ou a escola faz a sociedade”. Entende que o homem é aquilo que ele se faz , ao fazer as coisas. O ser segue o agir afirma. Afinal então, o que fazem a maioria dos jovens atualmente ? Com certeza preocupam-se em serem empregados e se preparam e são preparados para tal.

Dolabela (2000), afirma que a valorização do empreendedorismo na nossa sociedade ainda demandará um maior grau de conscientização do o que é ser empreendedor e seus benefícios. Sua defesa liberal assenta também no princípio do indivíduo conduzindo seu mundo e buscando sua auto-realização, trazendo benefícios para a sociedade através da inovação e da atitude empreendedora.

O fato de nosso estudo buscar identificar num grupo de jovens empreendedores da classe média algumas explicações para o contexto formador pró-empendedorismo, *de per si* pode ser considerado como uma reflexão, o que todavia, poderá servir na orientação do contingente populacional de jovens e famílias que desejem uma proximidade com o mundo empreendedor.

Dentro desse grupo de jovens empreendedores da classe média, egressos do IEL em Cuiabá-MT, observamos discursos que apontam que o sucesso vem com muita dedicação ao trabalho, muitos desafios e incertezas, que necessariamente precisam ser enfrentados com o apoio da família e dos valores recebidos para sua conduta social. O discurso do jovem empreendedor é otimista em sua maior parte e o coloca como indivíduo cuja história de vida valoriza muito a independência no modo de agir e a necessidade de garantir seu futuro conduzindo seu próprio caminho.

Precisam se sentir cultos, precisam de leituras e cursos, precisam estarem prontos para desafiar a competitividade. Valorizam mais atualmente o conhecimento do tipo utilitarista e buscam nos relacionamentos pessoais uma forma de aprenderem pela troca de experiência. Seus discursos demonstram que o valor pela educação escolar na formação do caráter foi importante, todavia, a educação como fomento ao trabalho empreendedor esteve

mais assentada nas propostas pedagógicas de instituições que atuam na formação complementar, tal como o IEL.

Ser empreendedor para eles é realizar aquilo que os motiva, é trabalhar em prol do reconhecimento social e da melhoria de vida via ascensão social. Fica claro em seus discursos que o papel do empreendedor na sociedade é gerar emprego e ajudar as pessoas através daquilo que conseguiram com maior escala, algo do tipo bourdiesiano, ou seja, um capital cultural que os possibilita também enxergar atividades empreendedoras.

Por outro lado, esses jovens empreendedores sentem as conseqüências do seu esforço de dedicação ao trabalho, principalmente, quando se referem ao fato de não estarem junto da família o tanto quanto desejariam. Sentem também uma necessidade de buscarem equilíbrio entre corpo e mente, quando refletem sobre o fato de investirem mais tempo em si mesmos, usufruir da sociedade do lazer. Embora, alguns se arrisquem em praticar esportes, a maioria dos jovens desse grupo entrevistado, direciona a maior parte do seu tempo ao trabalho na empresa.

Ao contrário do que o senso comum tem como mito, o empreendedor aqui representado nesse grupo de jovens da classe média, não se fez parecer amoral ou transgressivo, pelo contrário, detectamos uma preocupação com a ética, a honestidade, a transparência nas relações com as pessoas. Sua base de formação, tanto familiar como escolar ou religiosa, valorizam a existência de uma preocupação com o não rompimento dos seus princípios éticos, quando da realização empreendedora.

Por serem de origem da classe média cuiabana, absorveram além dos valores éticos, uma preocupação com o conhecimento acadêmico, ao continuarem seus estudos pós conclusão do ensino superior. Nesse sentido, estes jovens escolheram o IEL – Instituto Euvaldo Lodi, e revelaram a importância de terem assimilado conhecimentos na área do empreendedorismo e gestão, motivando-os a continuarem em busca de realização de seus projetos futuros. Escolheram o IEL por acreditarem ser uma instituição privada próxima dos interesses e do mundo empresarial regional, conforme observado nas anotações do caderno de campo.

Em sua formação acadêmica, estes jovens empreendedores de Cuiabá, são em sua maioria oriundos de escolas católicas, de ensino particular, as quais denotam a importância no repasse de valores Cristãos. Destaca-se os colégios Liceu Salesiano São Gonçalo e o Notre Dame de Lourdes, localizados em Cuiabá. São colégios considerados como sendo da “aristocracia cuiabana”, tidos pelos próprios jovens, como sendo os melhores em termos de

professores e qualidade de ensino. Reconhecem que seus pais tiveram fundamental importância ao possibilitarem um estudo considerado de qualidade em colégios de Cuiabá.

Receberam nestas escolas pouca influência na formação para o empreendedorismo, visto que, no dizer dos entrevistados, ela os direcionavam para o mundo do emprego, via preocupação constante com a escolha de carreira para o vestibular, e a escolha da melhor profissão. Essas considerações sobre a formação para o empreendedorismo também são reforçadas quando se analisa os depoimentos em relação ao ensino superior, mesmo tendo uma maioria originária da faculdade privada, e apenas uma minoria oriunda da universidade pública federal.

A questão interpretada por Nogueira(2002) onde a preocupação com a escolha da escola onde o filho irá desenrolar sua vida estudantil, parece ser ressaltada nos discursos desse grupo de jovens empreendedores, caracterizando que estas escolas selecionadas refletem um *status* social, capaz de possibilitar relacionamentos e contatos com segmentos de maior nível econômico. Aquilo que Grun (2002) ressaltou anteriormente, em relação aos interesses familiares em possibilitar um convívio social do tipo utilitarista, capaz de promover a ascensão social da família, pode ser aqui também considerado nesse grupo de jovens empreendedores.

Esses jovens empreendedores por terem como característica sua determinação e a busca de projetos e objetivos de futuro, apresentaram uma sistemática de busca de conhecimento que ultrapassa a educação escolar formal. Eles buscam seu aprendizado pelo convívio com outras pessoas, e aplicam este relacionamento em direção a construir o conhecimento necessário para atingirem seus objetivos.

Filion (1999), em suas análises sobre o ensino do empreendedorismo nos revelou que os “modelos de influência” são de grande importância para explicar os comportamentos empreendedores. Dessa maneira, a maioria dos empreendedores se tornou empreendedor graças à influência de um modelo em seu seio familiar ou próximo; um modelo com o qual ele quis se identificar. Os empreendedores adquirem, então, uma cultura empreendedora pelo relacionamento e pela prática.

Os relatos das entrevistas dos jovens empreendedores de Cuiabá, oriundos dos programas de empreendedorismo do IEL, caracterizaram o contexto teórico citado por Filion(1999), onde a presença da família na construção de valores empreendedores foi marcante, tanto através do modelo de influência dos pais como no convívio desde cedo no dia a dia empresarial.

A maioria desses jovens empreendedores entrevistados são originários de famílias de empreendedores, os quais se apresentam como reflexos de seus interesses. Assim, o caminho empreendedor traçado pelos jovens esteve muito próximo daquilo que teóricos como Fillion (1999), Oliveira(1995), entre outros, citam quando se refere ao processo de formação de empreendedores. A iniciação precoce, a sucessão familiar e o direcionamento escolar do tipo utilitarista, são variáveis colocadas nos discursos dos jovens empreendedores egressos do IEL, que representam sua estrutura de base identitária.

Assim, o processo de formação empreendedora nesse jovem foi influenciado muito mais pela família, do que pelas demais instituições sociais como a escola formal e a igreja. A educação formal apresentou-se como importante na formação geral do jovem empreendedor, na forma de retenção de conhecimento e no estímulo ao desenvolvimento pessoal. Já a formação complementar, visto aqui, através dos programas de empreendedorismo pelo IEL, repercutiu positivamente no propósito ao qual está objetivada.

Verificou-se o impacto positivo da formação religiosa de origem católica nos jovens empreendedores entrevistados, os quais afirmaram que em sua formação de valores e da sua personalidade, teve uma contribuição dos conceitos Cristãos. A fé, a autoconfiança, a preocupação com o ser humano, tanto na geração de emprego, como a formação de laços de amizade e respeito a todas as pessoas próximas, se caracterizou como reflexo da convivência em ambientes familiares e religiosos. Acreditam que se fossem cumprir a rigor o que a religião lhes dita, talvez não estivessem no caminho do empreendedorismo, por que em seus relatos, os valores Cristãos caminham para um outro lado, o lado mais social e humano, mais preocupado com o próximo, com as questões de voluntariado e de bem-estar para todos.

Observou-se o pouco apelo de interesse por questões de formação política nos jovens empreendedores de Cuiabá. O lado político, em sua maioria, está colocado como prioridade baixa no contexto de sua formação; muito claramente por que a política está representada por sujeitos que não se perfilam no que Fillion(1999) denomina de modelo de influência. Pelo contrário, a resistência atual aos conceitos da política se faz presente, assim também refletindo os aspectos de formação de valor baseados no seu meio ambiente de convívio. A que se considerar, portanto, que assim como a família contribuiu para o desenvolvimento de valores empreendedores, pode também ter influenciado negativamente quanto aos aspectos de valorização da política para desenvolvimento de uma sociedade democrática.

As considerações apontadas anteriormente nos conduzem a interpretar que o casamento entre esse grupo de jovens e o empreendedorismo, primeiramente é algo para

maioria novo, refletindo uma lua de mel, onde a esperança e o otimismo são característicos. Agora, pode se arriscar a concluir que foi um casamento mais motivado por interesses familiares, do que propriamente dito pela vontade individual, ou mesmo por uma pressão social sobre esses jovens. Embora nos discursos a presença da motivação para empreender esteja centrada na auto realização, devemos considerar aquilo que Nogueira (2002), Oliveira (1995) e Grun (2002), reforçam quanto às verdadeiras intenções da família. Fato que pode ser observado em 15, dos 16 jovens entrevistados neste estudo.

Até quando pode durar esse casamento entre jovem e empreendedorismo? Este é um modelo de casamento feliz e com felicidade para todos? Pode-se desenvolver uma estratégia pedagógica que estimule mais e mais casamentos desse tipo ? São questões as quais esperamos que sejam respondidas em novos estudos nesta temática.

Limitamos a entender o processo de formação para o empreendedorismo, desse jovem da classe média egresso do IEL mediante apenas seu discurso. Fato que Abramo (1997) resalta como importante quando se refere a entender a juventude contemporânea. Todavia, ressaltamos que não foram ouvidos nem a família e a escola da qual pertenciam esses jovens, as quais poderiam reforçar um quadro de maior amplitude, fugindo daquilo a que nos propomos inicialmente ao participar do grupo de pesquisa do IE/UFMT, qual seja, contribuir no processo de entendimento da juventude da classe média que aceitou o empreendedorismo. Assim, também este estudo não buscou estabelecer uma relação entre o discurso do jovem empreendedor e sua ação concreta.

Por fim, julgo necessário citar Severino (1984, p.154), quanto a importância de um estudo científico, onde afirma que *“uma dissertação de mestrado trata de uma comunicação dos resultados de uma pesquisa e de uma reflexão, versando sobre um tema igualmente único e bem delimitado, onde a pesquisa experimental e a reflexão racional se complementam necessariamente na elaboração da ciência”*.

Como este pesquisador atua como coordenador de programas de empreendedorismo pelo IEL, em Cuiabá-MT, em alguns momentos me deixei consumir pelo ideal empreendedor, o qual numa tarefa difícil e orientada, tentei me esquivar, de modo a contribuir com uma visão científica sobre a temática objetivada. Ao longo dos últimos 05 anos, através da observação cotidiana e do convívio com jovens empreendedores da classe média, pude entender que esta problemática envolvendo a juventude, educação para o trabalho e empreendedorismo, é um terreno fértil nessa camada social, nos motivando a enfrentar o desafio deste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023** : Informação e documentação – Referências – Elaboração. Rio de Janeiro : 2000.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724** : Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro : 2001.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520** : Informação e documentação – Apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro : 2001.

ABRAMO, Helena Wendel – Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. IN : **Revista Brasileira de Educação**, n 5, p. 25-36,1997.

ADAMO, Fabio et alli . **Juventude : trabalho, saúde e educação**. Rio de Janeiro : Forense-universitária, 1987. p.11-52.

ALBERTI, Verena . **História Oral : a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro : Centro de Pesquisa e Documentação História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALVES, S. **Revigorando a cultura da empresa : uma abordagem cultural da mudança nas organizações na era da globalização**. São Paulo : Makron Books, 1997.

ANAIS. **Seminário a Universidade Formando Empreendedores**. Brasília : Instituto Euvaldo Lodi, 1999.

ANAIS. **Seminário Internacional de Educação e Trabalho**. Rio de Janeiro : Instituto Euvaldo Lodi : Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

AQUINO, Cleber. O empreendedor e o empresário. In: **Anais do RH Brasil**, São Paulo, 1987.

BECKER, Howard . **Métodos de pesquisas em ciências sociais**. 4^a ed. São Paulo : Hucitec, 1999.

BOURDIEU, Pierre . A escola conservadora : as desigualdades frente à escola e à cultura. IN: **Escritos de Educação**. Petrópolis RJ, Vozes, 1998, p. 42-60.

_____. As contradições da herança. IN :**A miséria do mundo**. Rio de Janeiro : Vozes, 1997, p.587-593.

_____. **Contrafogos : táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1998.

BROCKHAUS, Robert H. The influence of entrepreneurship on the economy of the united states. In: **Seminário a Universidade Formando Empreendedores**. Brasília: 1999.

CARRANO, Paulo César. Juventude : as identidades são múltiplas. **Revista da Faculdade de Educação Universidade Federal Fluminense**, N. 01 (maio 2000), p. 11-27.

CIELO, Ivanete D. **Perfil do pequeno empreendedor : uma investigação das características empreendedoras nas empresas de pequena dimensão**. Florianópolis (SC), 2001, Dissertação (Mestrado em engenharia produção) Universidade Federal de Santa Catarina.

CNI.IEL. **Empreendedorismo:ciência, técnica e arte**. Brasília : Instituto Euvaldo Lodi, 2000.

COURI, Sergio . **Liberalismo e societalismo** . Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2001.

DE MASI, Domenico. **Ócio criativo** . 2^a ed. Rio de Janeiro : Sextante, 2000.

DELORS, Jacques . **Educação um tesouro a descobrir**. 6^a ed. São Paulo : Cortez, 2001.

DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor** 6^a ed. São Paulo : Pioneira, 1987.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores, 1999.

_____. O ensino do empreendedorismo : panorama brasileiro .IN: **Seminário a Universidade Formando Empreendedores**. Brasília: CNI – IEL Nacional, 1999a. p1-15.

_____. **A vez do sonho**. São Paulo. Cultura Editores, 2000.

____. Empreendedorismo : reinvenção através do sonho, **Revista Sebrae** . Brasília : Editora Sebrae, outubro/novembro. 2001, p.63.

DORNELAS, José Carlos. **Empreendedorismo** : transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 2001.

ECHEVESTRE, S. et al . Perfil do executivo no mercado globalizado, 22. 1998, Foz do Iguaçu. **Anais**, Foz do iguaçu (PR), Encontro anual da ANPAD (Cd Rom).

FARREL, Larry C. **Entrepreneurship**. Fundamentos das organizações empreendedoras. São Paulo, Ed Saraiva, 1993.

FERRARI, Alfonso Trujillo . **Fundamentos de Sociologia** . São Paulo : McGrawHill do Brasil, 1983

FILION, Louis J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **RAUSP**, Vol. 34/2 (abril-junho 1999), p. 5-28.

____ . O empreendedorismo como tema de estudos superiores. CNI-IEL. IN: **Empreendedorismo :ciência, técnica e arte**. Brasília : Instituto Euvaldo Lodi, 2000, p.13-42.

GILDER, George. **O espírito da empresa**. São Paulo. Ed Pioneira, 1989

GEM . Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil : Relatório Global 2002**. Curitiba, 2002, p.62.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo : Cortez, 2001.

____ . **Educação não-formal e cultura política**.São Paulo:Cortez, 2001.

GOMES, Carlos Alberto . **A educação em perspectiva sociológica**. 2^a ed. São Paulo : EPU, 1989.

GRUN, Roberto . Dinheiro no bolso, carrão e loja no shopping : estratégias educacionais e estratégias de reprodução social em famílias de imigrantes armênios. IN : **A escolarização das elites**. Almeida, Ana Maria e Nogueira, Maria Alice. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2002, p. 66-75.

HANDY, Charles . **The hungry spirit**. Londres : Hutchinson/Random House, 2001.

- HOLANDA, Sérgio Buarque . **Raízes do Brasil**. São Paulo : Cia das letras, 1995.
- HESELBEIN, Frances et all. **A comunidade do futuro : idéias para uma nova comunidade**. São Paulo : Futura, 1998.
- Instituto Euvaldo Lodi : 30 anos de parceira universidade-indústria 1969-1999** . Brasília : IEL, 1999.
- LAZARTE, Rolando . **Max Weber : Ciências e Valores.2^a ed.**. São Paulo : Cortez, 2001.
- LEZANA, A.G.R; TONELLI, A . O comportamento do empreendedor. IN : **Empreender : identificando, avaliando e planejando um novo negócio**. Mori, F. .Florianópolis : Escola de Novos Empreendedores, 1998
- LODI, João Bosco. **Sucessão e conflito na empresa familiar**. São Paulo : Pioneira, 1987.
- LONGEN, M.T. **Um modelo comportamental para o estudo do perfil do empreendedor**. Florianópolis (SC), 1997. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) Universidade Federal de Santa Catarina.
- MAJNONI d'Intignano, Béatrice . **A fábrica de desempregados**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1999.
- MARTINS, Eber Luis C. **Empreendedorismo e formação da cultura empreendedora nos jovens** . Monografia apresentada junto a Univ. Federal de Mato Grosso do Sul; 2001.
- MASLOW, Abraham H. **Maslow no gerenciamento**. Rio de Janeiro, Quatymark, 2000.
- MELUCCI, Alberto . Juventude, tempo e movimentos sociais. IN : **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, p.5-14,1997.
- MISCHÉ, Ann . De estudantes a cidadãos.IN: **Revista Brasileira de Educação**. Mai/jun/jul/ago, n. 6, p.134-150,1997.
- MINAYO, Maria Cecilia de S et alli . **Pesquisa Social : teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro : Vozes, 1994.
- MILLS, C. Wright . **A nova classe média** . Rio de Janeiro ; Zahar editores, 1976.
- MORIN, Estelle M. . Os sentidos do trabalho. IN : **Revista de Administração de Empresas-FGV**, Volume 41, N. 03, Jul/Set 2001, p.8-39.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília : Unesco, 2001.
- NOGUEIRA, Maria Alice et alli . **A escolarização das elites**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

OLIVEIRA, M. A . **Valeu!** Passos na trajetória de um empreendedor. São Paulo; Ed Nobel, 1995.

O'DOUGHERTY, Maureen . **Auto retratos da classe média : hierarquias de culturas e consumo** . Dados (on line). 1998. Vol. 41, n. 2 (citado em novembro 2002), p. 411-444. Disponível na world wide web :<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=50011-52581998000200005&lng=pt&nrm=isp>. issn 0011-5258

PATI, Vera .O empreendedor : descoberta e desenvolvimento do potencial empresarial. In Heitor Pereira. **Criando seu próprio negócio**. Brasília : Ed. Sebrae, 1995.

PEREIRA, H.J; SANTOS, S.A . **Criando seu próprio negócio**. São Paulo, USP, 1995

POCHMANN, Márcio. **O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século. 3ª ed.** São Paulo : Contexto, 2002.

_____. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 1990. **Revista da Faculdade de Educação Universidade Federal Fluminense**, N. 01 (maio 2000), pp. 52-72.

QUEIRÓZ, Maria Isaura P. **Relatos orais do indizível ao dizível** . São Paulo : Ciência e Cultura, n.39, 1987.p.1-33.

Revista Veja Edição Especial – Jovens. Ano 34, n 38, setembro de 2001.p.90.

Revista Deutschland A juventude 2002 – Entre a globalização e o setor privado, Ago / Set – 2002, p.42-65.

Revista Época, À beira do abismo, n 211, de 3 de junho 2002, p.68 a 74.

RIDENTI, Marcelo . **Classes sociais e representação. 2ª ed.** São Paulo : Cortez, 2001.

SCHUMPETER, Joseph A. **A teoria do desenvolvimento econômico – os economistas**. São Paulo, Abril Cultural, 1982

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro : Record, 1998.

SEBRAE. **Referenciais para uma nova praxis educacional. 2ª ed.** Brasília : Ed. Sebrae, 2001

SENNÁ, Arlindo e BARROS, Lucia M. et al. Uma proposta para formação de Jovens. In : **Juventude, Trabalho, Saúde e Educação**. Rio de Janeiro : Forense Univ., 1987, p.53-128.

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do trabalho científico** 11^a ed. São Paulo, Ed Cortez, 1984, .

_____. **Filosofia da Educação : construindo a cidadania** . São Paulo ; FTD, 1994.

SHEEDY, Edna . **Guia do empreendedor para fazer a empresa crescer**. São Paulo, Ed Nobel, 1996

SILVA JR, João dos Reis et alli. **Formação e Trabalho: uma abordagem ontológica da sociabilidade**. São Paulo : Xamã, 2001.

THOMPSON, Paul . **A voz do passado : história oral** . São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TELES, Maria Luiza S. **Psicodinâmica do desenvolvimento humano**. 9^a ed. Rio de Janeiro : Vozes, 2001

TOURAINÉ, Alain . **Crítica a modernidade**. 3^a ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

_____. **Como sair do Liberalismo ?**. Bauru, SP : EDUSC, 1999.

VELHO, Gilberto . **Individualismo e cultura : notas de antropologia social** . Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1996.

WEBER, Max . **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo : Martin Claret Editores, 2001.

ANEXO

ANEXO A

ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL

BLOCO I - CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO

1 Data da entrevista

2 Nome do Entrevistado(a)

3 Sexo

4 Cidade de nascimento e Estado

5 Idade

6 Estado Civil

7 Local de Estudo:

a) Ensino Fundamental :

Cidade , nome da escola, tipo de escola (Privada - Pública)

b) Ensino Médio :

Cidade , nome da escola, tipo de escola (Privada - Pública)

c) Ensino Superior :

Cidade , nome da escola, tipo de escola (Privada - Pública)

8 Religião Atual

9 Partido político (simpatizante e/ou filiação)

9.1 Em quem votou na última eleição presidencial 1998

10 Atividade Profissional dos Pais

11 Tempo na atividade empresarial

12 Ramo da atividade empresarial

BLOCO II – CARACTERÍSTICAS COMO EMPREENDEDOR

- 1 – Comente algumas características pessoais do ser jovem empreendedor (pontos positivos e negativos). Como gosta de ser lembrado pelas pessoas .
- 2 – Como você conceitua um empreendedor e sua importância para a sociedade.
- 3– Comente sobre quais aspectos o motivam a empreender.
- 4 – Como tem sido sua relação de dedicação ao trabalho, a família e a si mesmo.
- 5 – De modo geral como tem sido sua busca por conhecimento.

BLOCO III – SUA FORMAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO

- 1 – Como a escola tem contribuído na sua formação empreendedora. Falando sobre o ensino fundamental, o ensino médio, o ensino superior.
- 2 – Cite o porquê de sua participação em programas de empreendedorismo pelo IEL. Comente sobre sua importância ou não na formação para o empreendedorismo
- 3 – Em que sua família tem contribuído na sua formação para o empreendedorismo e sua trajetória empreendedora .
- 4 - Comente sobre seus valores enquanto indivíduo empreendedor.
 - 4.1 – Você acredita que a religião apoiou a sua formação empreendedora .
 - 4.2 – Você acredita que a política apoiou a sua formação empreendedora.